**UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP**

**ATUAÇÃO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS EM**

**ATIVIDADES DE EXTENSÃO: cultura, socialidades**

**e solidariedades no ambiente digital em**

**tempos de pandemia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista - UNIP, para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

**TATIANA TRAVASSOS DE MENEZES**

**SÃO PAULO**

**2022**

**UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP**

**ATUAÇÃO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS EM**

**ATIVIDADES DE EXTENSÃO: cultura, socialidades**

**e solidariedades no ambiente digital em**

**tempos de pandemia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista - UNIP, para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Simone Luci Pereira

**TATIANA TRAVASSOS DE MENEZES**

**SÃO PAULO**

**2022**

****

**TATIANA TRAVASSOS DE MENEZES**

**ATUAÇÃO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS EM**

**ATIVIDADES DE EXTENSÃO: cultura, socialidades**

**e solidariedades no ambiente digital em**

**tempos de pandemia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista - UNIP, para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

Profa. Dra. Simone Luci Pereira

Universidade Paulista - UNIP

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

Profa. Dra. Clarice Greco Alves

Universidade Paulista - UNIP

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

Profa. Dra. Silvia Helena Simões Borelli

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP

**AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, Leonia, que esteve todos os dias ao meu lado neste percurso do mestrado e não me deixou desistir, apesar dos dias de desespero.

Ao meu pai, Cyro, que mesmo não tão perto, sempre me apoiou em minha vida acadêmica.

À minha orientadora, Prof. Dra. Simone Luci Pereira, por me direcionar para os melhores caminhos neste universo novo que é o mestrado e por toda sua paciência comigo.

À AAAUO - Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco e à Bateria Universitária Pirateria, que foram a minha inspiração para esta pesquisa.

Aos colegas do URBESOM (Grupo de pesquisa em Música, Culturas Urbanas e Comunicação), em especial Juliana Conartioli Rodrigues, Dra. Sonia de Deus Rodrigues Bercito e Priscila Miranda Bezerra, que mesmo sem conhecê-los pessoalmente foram importantes neste caminho.

Aos amigos da Unifesp, Larissa Reis Matoso, Lilian Bispo de Oliveira, Ricardo Vieira Bertoldo, Prof. Dr. Celso Takashi Yokomiso, Profa. Dra. Luciana Massaro Onusic e ao Prof. Dr. Julio Cesar Zorzenon Costa, e todos os demais que me apoiaram de alguma forma no percurso do mestrado e que permitiram meu afastamento para que eu pudesse me dedicar a esta dissertação.

Às professoras Silvia Helena Simões Borelli e Clarice Greco Alves, pela colaboração no Exame de Qualificação e pela contribuição que deram com suas críticas e sugestões.

À Patricia Garcia Costa, revisora desta dissertação, que nos momentos de maior apreensão, sempre vinha com uma palavra para me acalmar.

 À Universidade Paulista – UNIP, pela oportunidade que me foi dada.

*“Se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria linguagem, você atinge seu coração" (Nelson Mandela).*

**RESUMO**

Esta pesquisa analisa as atividades de Extensão e Cultura promovida pela AAAUO - Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco e a Bateria Universitária Pirateria, dois agrupamentos de jovens universitários da EPPEN – Escola Paulista de Política Economia e Negócios – campus Osasco da Unifesp – Universidade Federal de São Paulo durante a pandemia, buscando compreender as atividades realizadas virtualmente no Instagram. Tendo como base uma noção de cultura como ação política, buscamos compreender formas de atuação da bateria e da atlética estudantil ligadas à universidade no momento da pandemia da covid-19 no período compreendido de março de 2020 a março de 2022, em que todas as atividades presenciais da universidade ficaram suspensas, mas aconteceram de forma on-line e ficaram disponíveis no Instagram. Diante de um cenário de distanciamento social, verificamos e analisamos as formas de socialidades (MARTIN-BARBERO, 2004), vinculação e sentidos de solidariedade digital (GEORGIOU, 2020) na recepção virtual dos alunos ingressantes. A metodologia utilizada foi uma etnografia digital do evento (POLIVANOV, 2013; MILLER, 2020; HINE, 2015), e análise de lives/vídeos (LUPINACCI, 2021).

**Palavras-chave:** Culturas juvenis. Socialidade. Solidariedade Digital. Etnografia digital.

**ABSTRACT**

This research analyzes the Extension and Culture activities promoted by AAAUO - Unifesp Osasco Academic Athletic Association and the University Battery Pirateria, two groups of young university students from EPPEN - Paulista School of Politics, Economics and Business - Osasco campus of Unifesp - Federal University of São Paul during the pandemic, seeking to understand the activities carried out virtually on Instagram. Based on a notion of culture as political action, we seek to understand here ways of acting by the drums and student athletics linked to the university at the time of the COVID-19 pandemic in the period from March 2020 to March 2022 where all activities are present. of the university were suspended through the activities carried out by these groupings and released on Instagram. Faced with a scenario of social distancing, in this article we verify and analyze the forms of sociality (MARTIN-BARBERO, 2004), attachment and senses of digital solidarity (GEORGIOU, 2020) in the virtual reception of incoming students. The methodology used was a digital ethnography of the event (POLIVANOV, 2013; MILLER, 2020; HINE, 2015), and analysis of the lives/videos (LUPINACCI, 2021).

**Keywords**: Youth cultures. Sociality. Digital solidarity. Digital ethnography.

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AAAUO Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco

CAEC Câmara de Extensão e Cultura do campus Osasco

CCO Centro de Cultura do Ócio

CONJUVE Conselho Nacional da Juventude

CPCs Centro Popular de Cultura

ECA Estatuto da Criança e do Adolescente

EPM Escola Paulista de Medicina

EPPEN Escola Paulista de Economia e Negócios

IFES Instituições Federais de Ensino Superior

MEC Ministério da Educação

PIBEX Programa Institucional de Bolsas de Extensão

PROEC Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

PROUNI Programa Universidade para todos

REUNI Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

UNIFESP Universidade Federal de São Paulo

**SUMÁRIO**

[**INTRODUÇÃO 12**](#_Toc120295358)

[**CAPÍTULO I -**](#_Toc120295359)[**UNIVERSIDADE, JUVENTUDES E CULTURAS JUVENIS 22**](#_Toc120295360)

[**1.1 A Unifesp – Universidade Federal de São Paulo 22**](#_Toc120295361)

[1.1.1 EPPEN – Escola Paulista de Política, Economia e Negócios 23](#_Toc120295362)

[1.1.2 Grupos Estudantis da EPPEN 27](#_Toc120295363)

[**1.2 Juventudes, culturas Juvenis e sentidos políticos 28**](#_Toc120295364)

[1.2.1 Jovens/Juventude 28](#_Toc120295365)

[1.2.2 Movimentos Estudantis 35](#_Toc120295366)

[1.2.3 Coletivos e agrupamentos 39](#_Toc120295367)

[1.2.4 Socialidades juvenis 41](#_Toc120295368)

[**CAPÍTULO II**](#_Toc120295369) **-** [**A CENTRALIDADE DA CULTURA - EXTENSÃO E CULTURA NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS 44**](#_Toc120295370)

[**2.1 Extensão e Cultura nas Universidades Públicas 44**](#_Toc120295371)

[2.1.1 A Extensão Universitária no Brasil 45](#_Toc120295372)

[**2.2 Extensão e Cultura 54**](#_Toc120295373)

[**2.3**](#_Toc120295374)[**A virada cultural no século XX e XXI 58**](#_Toc120295375)

[**2.4 Ações organizadas pela Atlética (institucionalizadas) 67**](#_Toc120295376)

[2.4.1 Evento Sinta-se em Casa 68](#_Toc120295377)

[2.4.2 Projeto Saúde 10 69](#_Toc120295378)

[**2.5 Ações organizadas pela Pirateria (não institucionalizadas) 70**](#_Toc120295379)

[2.5.1 Recepção dos Bixos 2021 70](#_Toc120295380)

[2.5.2 Mês do Orgulho LGBTQIA+ 71](#_Toc120295381)

[**CAPÍTULO III –**](#_Toc120295382)[**EXPERIÊNCIAS DE ETNOGRAFIA DIGITAL 72**](#_Toc120295383)

[**3.1 Etnografia e pesquisa de campo de inspiração etnográfica 72**](#_Toc120295384)

[**3.2 Etnografia Digitais 76**](#_Toc120295385)

[**3.3 Publicações nas redes sociais da Atlética e da Pirateria 81**](#_Toc120295386)

[3.3.1 Evento de recepção on-line da Atlética e da Pirateria 2021: algumas reflexões de inspiração etnográfica 83](#_Toc120295387)

[3.3.2 Ações Propostas pela Atlética 89](#_Toc120295388)

[3.3.3 Ações Propostas pela Pirateria 100](#_Toc120295389)

[3.3.3.1 Mês do Orgulho LGBTQIA+ - Pirateria 100](#_Toc120295390)

[3.3.3.2 Recepção dos Bixos 2021 – Pirateria 102](#_Toc120295391)

[**CONSIDERAÇÕES FINAIS 106**](#_Toc120295392)

[**REFERÊNCIAS 111**](#_Toc120295393)

# INTRODUÇÃO

Quando pensamos em universidades, algumas imagens nos remetem a esse ambiente. Jovens estudantes pelos corredores, as salas de aula com alunos e professores, as pesquisas sendo realizadas nos laboratórios e turmas praticando atividades esportivas nas quadras dos campi. Afinal, os alunos são o cerne da universidade, estando sempre presentes nas atividades desse ambiente escolar.

A universidade vai muito além das pesquisas científicas que vimos nos últimos anos nos jornais, sobre descobertas de novas cepas de vírus que nos apavoram. Na universidade também se discute sobre arte, dança, música, filosofia, política e cultura. Esses são assuntos frequentes e muito importantes na formação dos jovens universitários, e de toda uma sociedade que pode e deve ser beneficiada por essas ações promovidas pelas Pró-Reitorias de Extensão e Cultura das Universidades.

Depois de mais de 12 anos participando do cotidiano de diversos *campi* da Unifesp, em março de 2020, fomos surpreendidos com a suspensão das atividades presenciais devido à pandemia do coronavírus. Inicialmente, achávamos que ficaríamos longe da universidade por uns 15 dias, no máximo um mês, mas foram dois anos em que a universidade funcionou somente com atividades remotas, tendo as atividades presenciais retomadas parcialmente em abril de 2022, respeitando alguns limites de aglomeração para as atividades acadêmicas.

Nos tempos de atividades presenciais pré-pandemia, quando nos detivemos a pensar sobre as atividades acadêmicas dos jovens estudantes universitários, lembramos, na maioria das vezes, das aulas e das pesquisas. Isso é comum, pois essas atividades são as que mais aparecem nas divulgações das universidades, e acabamos nos esquecendo de uma parte muito importante, não só da formação acadêmica do universitário, mas da formação das relações sociais, que é o convívio entre toda comunidade acadêmica e, especificamente, o corpo discente.

Normalmente, grande parte das atividades que fomentam esse convívio social dentro das universidades é promovida pelas ações de extensão e cultura institucionalizadas e organizadas por servidores docentes e técnico-administrativos em conjunto com discentes, ou pelos grupos estudantis como Atléticas, Grêmios, Diretórios e Centro Acadêmicos, que promovem atividades esportivas, culturais e acadêmicas, além de organizar as famosas festas universitárias.

Frequentemente esquecida, e menos valorizada, a extensão e cultura universitária tem uma importante função dentro e fora das universidades, pois estes são os pilares universitários que defendem que o conteúdo produzido pela universidade deva ser compartilhado com a sociedade.

A extensão e cultura universitária procura não apenas comunicar a sociedade sobre o que é feito na universidade, mas sim estender essa relação, estabelecendo com a sociedade uma articulação através de ações ativas de formação, como programas, projetos, observatórios, cursos e eventos, promovendo assim a interlocução das atividades acadêmicas de ensino e de pesquisa. Na grande maioria das universidades públicas federais, a cultura é parte integrante da extensão universitária, então, a difusão cultural junto à sociedade cabe também à extensão universitária e as Pró-Reitorias de Extensão e Cultura.

As articulações entre cultura e política na atuação de grupos juvenis universitários que tangenciam a área de extensão da universidade em tempos de pandemia são nosso tema nesta pesquisa.

O papel dos jovens dentro das universidades é de suma importância, pois se colocam, principalmente dentro das universidades públicas, como protagonistas ou como mediadores de ações que articulam a cultura às suas dimensões políticas, para além do cotidiano discente. Este protagonismo, entre outros aspectos, se estende nas relações que se querem mais horizontais e democráticas entre os grupos estudantis, os discentes e a instituição. Lembra-se ainda que muitas das atividades propostas pelas universidades são voltadas para eles ou têm a participação deles na sua realização e visibilização.

Assim, a questão central desta dissertação se refere às formas de elaboração das dimensões políticas dentro das práticas culturais dos jovens alunos, tanto em atividades geridas e mais institucionalizadas ligadas à extensão e à cultura na EPPEN – Escola Paulista de Economia e Negócios (*campus* Osasco) da Unifesp – Universidade Federal de São Paulo, como também nas atividades discentes com diferentes graus de autonomia dos alunos.

Os grupos estudantis da EPPEN constituem também o ambiente acadêmico e, segundo o *Manual de Sobrevivência dos Bixos*, “são compostas e dirigidas por alunos, proporcionando assim uma incrível experiência e qualificação profissional, sendo reconhecida e admirada pelo mercado de trabalho” (AAAUO, 2021, p.12). Dito isso, temos como objeto de estudo as ações promovidas por dois dos grupos estudantis mais visíveis da EPPEN: a AAAUO − Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco e a Bateria Universitária Pirateria em tempos de pandemia.

Vale esclarecer que nos materiais desenvolvidos pelos alunos da EPPEN, o termo utilizado é “Instituições Estudantis”. Porém, no decorrer da dissertação utilizamos “grupos estudantis” ou “coletivos” que é o mais usual academicamente para determinar as atividades de grupos de estudantes dentro das universidades. Segundo o Mapeamento de Grupos Juvenis de Fortaleza (2022), os termos utilizados para se referir aos agrupamentos juvenis são “grupos” e “coletivos”, com uma predominância do uso de “grupo” por ser o mais neutro.

Em março de 2020, o mundo todo foi acometido pela pandemia da covid-19, suspendendo todas as atividades presenciais da universidade, em virtude do decreto nº 64.881 de 22 de março de 2020[[1]](#footnote-1), pelo qual ficou determinada a quarentena no Estado de São Paulo. A suspensão das atividades na Unifesp, que perdurou por dois anos, tornou este estudo ainda mais específico, pois nos propusemos a pesquisar a atuação desses jovens em período de distanciamento social por meio de trabalho de campo digital nas redes desses discentes com inspiração da etnografia digital (HINE, 2015; RESTREPO, 2016; POLIVANOV, 2014; MILLER, 2021). Em razão deste distanciamento, as instituições abordadas, Atlética Unifesp Osasco e Pirateria, tiveram que criar estratégias e alternativas para realizar as atividades que aconteciam de forma presencial e transformá-las para uma realidade virtual ou digital, a fim de que a integração discente acontecesse a distância.

Tanto a Atlética Unifesp Osasco como a Pirateria são grupos reconhecidos pela direção do *campus* da universidade, possuem um espaço físico no *campus* para suas atividades administrativas e guarda de materiais e instrumentos, mas não têm nenhum registro ou cadastro junto à universidade. As atividades promovidas tanto pela Atlética como pela Pirateria são de iniciativa estudantil, que só recorrem aos servidores docentes ou TAEs (Técnicos Administrativos em Educação) quando eles têm interesse em cadastrar oficialmente algum evento ou atividade em que é necessário esse acompanhamento, pois somente servidores podem ser cadastrados como coordenadores (responsáveis) técnico-científicos.

Como objetivo geral, este estudo busca compreender a atuação dos jovens universitários, estudantes da EPPEN – Escola Paulista de Economia e Negócios, *campus* Osasco da Unifesp – Universidade Federal de São Paulo, na articulação que constroem entre cultura e sentidos políticos, tanto em ações institucionalizadas pela universidade como as ações promovidas por iniciativa própria dos alunos em tempos pandêmicos.

Entre os objetivos específicos, buscamos:

* Verificar como acontecem essas ações dos estudantes dentro da universidade em um período anormal de isolamento social que estamos enfrentando devido à pandemia de coronavírus em 2020-2021.
* Analisar os sentidos e qualidades das socialidades e solidariedades digitais alcançadas pelas ações juvenis em tempos de pandemia, tendo como foco a atuação da Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco e a Bateria Universitária Pirateria, duas das principais entidades estudantis da EPPEN.
* Compreender os sentidos das atuações juvenis universitárias na contemporaneidade, suas diferenças e (des)continuidades frente a outros momentos e sentidos dos movimentos estudantis.
* Analisar o papel da área de Extensão (e Cultura) em uma universidade pública em seu histórico e nas reconfigurações recentes de seu escopo, papel e alcance.

O problema central desta dissertação se refere − por meio das atividades desses grupos acompanhadas no período em que as atividades estiveram suspensas na EPPEN (de março de 2020 a março de 2022) − a uma busca por verificar e compreender a atuação dos jovens estudantes na articulação entre cultura e política e na cultura como algo político (WILLIAMS, 1979; PEREIRA *et al*., 2021), elaborando formas de solidariedade digital (GEORGIOU, 2020), socialidades e novos modos de estar juntos.

Esta pesquisa justifica sua relevância pela necessidade de se compreender como os jovens universitários da EPPEN vêm atuando e participando de ações que promovam a extensão, cultura, política e solidariedade digital na universidade.

Diante da vivência que tenho como gestora na área de Extensão desse campus universitário, em uma instituição pública federal desde 2010, é possível notar de modo mais amplo que a articulação se dá de diferentes modos de acordo com os cursos e *campus* em que esses alunos se integram. Por exemplo, os alunos de Medicina não participam do InterUnifesp[[2]](#footnote-2); alunos de determinados cursos têm postura diferentes nas diversas questões políticas internas e externas da universidade, como analisado no decorrer do trabalho.

Refletindo sobre estas diferenças, vale destacar um fato que aconteceu na EPPEN, *campus* em que trabalho atualmente. A EPPEN é o *campus* da Unifesp que abriga os cursos ligados à economia e negócios (Administração, Ciências Atuariais, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Direito e Relações Internacionais), o que apresenta um perfil diferenciado de outros *campus* pelos quais já passei na Unifesp. Lembro-me de uma discussão sobre vagas de estacionamento no *campus*. O *campus* Osasco é um prédio pequeno, que tem aproximadamente 20 salas de aula e um pátio de estacionamento com em média 90 vagas que são destinadas aos servidores (docentes e técnico-administrativos) e uma parte aos alunos. Anteriormente, tínhamos um terreno ao lado do *campus*, cedido pela prefeitura, em que os alunos podiam também estacionar seus carros de forma gratuita. Em um dado momento, a prefeitura de Osasco solicitou o terreno, e os alunos perderam este privilégio. Lembro-me de falas de discentes na época, de que a universidade poderia disponibilizar serviço de *valet* para uma melhor utilização do espaço do estacionamento. Anos antes, quando trabalhava em outro *campus* da instituição (Baixada Santista), na ocasião da inauguração de um prédio, os alunos brigavam para ter um bicicletário no interior do prédio. Esse fato nos faz pensar que apesar de serem todos jovens de uma mesma universidade pública federal, as realidades são totalmente diferentes.

Essas diferenças reforçam a importância de se estudar a atuação desses jovens. No caso desta dissertação, verificar a atuação dos universitários na EPPEN através de dois grupos estudantis e, principalmente, compreender como isso aconteceu no período em que as atividades presenciais estiveram suspensas desde março de 2020 em virtude da pandemia da covid-19. Tudo mudou dentro da universidade, todas as ações de ensino, pesquisa e extensão tiveram que ser repensadas, de forma que nos dedicamos a analisar como os jovens estudantes começaram a atuar nesse contexto.

Este trabalho também se justifica porque traz contribuições ao campo de estudos que articula uso das mídias, juventudes e cultura, colaborando na discussão e reflexão sobre juventudes e culturas midiáticas, em seus sentidos políticos. Lembramos ainda que esta dissertação se vincula às reflexões e pesquisas levadas a cabo pelo Grupo de Pesquisa URBESOM[[3]](#footnote-3) (Culturas urbanas, Música e Comunicação), do qual sou participante, mais especificamente, se relaciona com a linha de pesquisa “Juventudes, corporalidades, socialidades”. Buscamos assim compreender as ações dos jovens e aquelas voltadas ao jovens universitários da EPPEN, ligadas às práticas cotidianas e suas socialidades, assim como sua participação em atividades culturais-política e articuladas às formas de solidariedade digital.

No início da minha trajetória no mestrado e da construção deste estudo (agosto de 2020) já estávamos em meio a uma realidade anormal e de distanciamento imposta pela pandemia da covid-19. Num primeiro momento, acreditamos que a pesquisa de campo poderia ser híbrida, inicialmente acompanhando as ações promovidas pelos jovens estudantes da EPPEN a distância, em formato digital, e posteriormente, indo a campo presencialmente para acompanhar as atividades presenciais.

Passados dois anos, as atividades de ensino, pesquisa e de extensão retornaram praticamente em sua totalidade no *campus* Osasco da Unifesp (EPPEN) em abril de 2022, quando o estudo já estava em andamento e quando já tínhamos direcionado os objetivos para o propósito de fazer uma análise do período de suspensão de atividades. Por isso, definimos como metodologia e recorte temporal a análise apenas do período de isolamento e de atividades a distância.

Diante desse cenário, neste estudo, a metodologia adotada engloba a discussão do referencial bibliográfico, já comum em diversos estudos, e o trabalho de campo digital com inspiração da etnografia digital.

O referencial bibliográfico é base para os conceitos teóricos e históricos referentes à contextualização do que abrange a extensão universitária e a inserção da cultura dentro das universidades públicas brasileiras, assim como o referencial teórico para pensar os jovens, a cultura, os estudos culturais, as solidariedades e as etnografias digitais.

A metodologia da etnografia, utilizada como inspiração (HINE, 2015), é um método distinto, pois ressalta o envolvimento da pesquisadora com o campo, proporcionando a possibilidade de um engajamento na coleta de dados e na interpretação dos resultados. As pesquisas que utilizam a metodologia de etnografia ou que têm inspirações etnográficas emergem no contexto de seu foco de pesquisa e apresentam o ponto de vista de quem vive essa experiência. Uma das práticas do pesquisador é a construção de um caderno de anotações ou de um relatório onde fica explícita sua participação e envolvimento junto ao cenário da pesquisa. Pensando na atualidade, com a importância e ubiquidade da cultura digital, a pesquisa etnográfica “continua a desenvolver uma forma distinta de conhecimento através do estar, fazer, aprender e praticar e por uma associação próxima com aqueles que fazem o mesmo no decorrer de suas vidas cotidianas” (HINE, 2015, p. 4).

Ainda segundo Hine (2015), a etnografia na internet nos permite um entendimento em profundidade das experiências sociais que podemos verificar de acordo com a forma de engajamento que acontece. Nos estudos que utilizam a internet podemos aplicá-la de múltiplas maneiras. Nesta dissertação nos baseamos para análise em uma apresentação via *google meeting* e na análise dos vídeos dos eventos e projetos dos alunos em suas páginas no Instagram.[[4]](#footnote-4)

Utilizamos a discussão feita por Hine (2015) sobre três aspectos observados por ela na experiência da pesquisa etnográfica na internet. Essas características, conhecidas como 3 Es (*embedded, embodied e everyday*), nos fornecem um pano de fundo para começarmos a pensar a etnografia na internet.

Ainda neste eixo, discutimos a noção das Solidariedades Digitais (GEORGIOU, 2020), as quais analisamos através da observação dos dados construídos no trabalho de campo. Myria Georgiou realiza uma discussão sobre as solidariedades digitais, espaço público e confinamento, argumentando que no enfrentamento da pandemia da covid-19, desde março de 2020, estávamos distantes e tivemos de estar preocupados e cautelosos, mantendo afastamento das pessoas que fazem parte dos nossos meios sociais. Assim, houve uma movimentação e dinamização de formas de apoio, colaborações e solidariedades com outras pessoas de forma virtual.

Segundo Georgiou (2020), existe um paradoxo, pois esse fechamento da vida pública que enfrentamos nas cidades e, portanto, nas universidades, fechadas por 2 anos, fez com que essa separação física a que fomos impelidos nos levasse a criar e recriar formas de estar mais próximos. Acreditamos que essa necessidade fez com que os alunos envolvidos nas entidades estudadas se preocupassem com essa aproximação, direcionando o interesse para as qualidades, dimensões e alcances dessas formas de solidariedade digital e para as novas formas de estar juntos e criar presenças.

Utilizamos como metodologia um trabalho de campo virtual com inspiração etnográfica ou da etnografia digital, que atualmente tem logrado espaço nas pesquisas acadêmicas, pois cada vez mais as atividades têm acontecido de forma digital. Se até aproximadamente duas décadas atrás o mundo digital e a internet eram em sua maioria encarados/entendidos como sendo apenas utilizados para o trabalho, estudo, socialização e lazer, configurando um mundo “on-line”, mas tínhamos uma vida fora das telas ou “off-line”, hoje, as telas, sejam elas dos computadores ou celulares, ganharam um espaço considerável em nosso cotidiano, não sendo mais possível falar ou pensar numa separação entre estas esferas (HINE, 2015; MILLER, 2021; POLIVANOV, 2014).

Com a suspensão das atividades presenciais na EPPEN, que aconteceu entre março de 2020 a março de 2022, decidimos delimitar este período para a realização do acompanhamento dos vídeos de projetos ou eventos, publicados no Instagram da Atlética (@atleticaunifesposasco) e da Pirateria (@pirateriaunifesp). Saliento que o Instagram foi escolhido para o nosso estudo, pois foi nessa rede social que os agrupamentos disponibilizaram os vídeos para o público em geral.

Para realizar os relatos etnográficos, assistimos aos vídeos realizando anotações sobre as nossas percepções e verificamos as questões que estão sendo abordadas pelos jovens estudantes. Além dos vídeos do Instagram, acompanhamos também a “Recepção de Ingressantes de 2021” que foi uma atividade da Atlética Unifesp Osasco e da Pirateria, através do Google Meeting. Participamos desta apresentação on-line de recepção realizando anotações para construção do relato etnográfico.

A dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro, intitulado *Universidade, Juventudes e culturas Juvenis*, traz uma contextualização referente à Unifesp e à EPPEN - campus Osasco da Unifesp e a apresentação dos grupos estudantis da EPPEN: a AAAUO - Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco e a Bateria Universitária Pirateria. Ainda neste capítulo, trazemos uma discussão sobre o papel do jovem e das juventudes dentro da universidade pública, juntamente com uma exposição sobre o conceito ou noção de Juventudes, salientando os movimentos estudantis como base para pensar a atuação juvenil em décadas passadas. O referencial teórico tem respaldo em Luis Antonio Groppo (2008), Michel Zaidan Filho (2008), sobre os Coletivos e Agrupamentos juvenis e de Socialidades Juvenis a teoria é de Silvia Borelli (2011), Luis Antonio Groppo (2019), Léa Regina Medeiros (2017), Jesús Martin-Barbero (2004) e Zaidan Filho (2008).

O segundo capítulo, com o título *A centralidade da Cultura - Extensão e Cultura nas Universidades Públicas*, é mais conceitual e traz a definição e a estruturação da extensão dentro das universidades públicas brasileiras, trazendo referências sobre as legislações do papel do pilar de extensão e cultura dentro das universidades públicas, assim como seus objetivos, diretrizes e dificuldades de implantação. Ainda discutimos sobre a relação da extensão e da cultura na universidade pública, que na última década vem sendo crescentemente valorizada. Para essas discussões referentes à extensão dentro das universidades públicas temos como base a Política Nacional de Extensão Universitária do FORPROEX (2012), a Constituição da República Federativa do Brasil (1988) e a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996). Nas questões ligadas à extensão e universidade foram utilizados como referencial Paulo Freire (2014) e Boaventura de Souza Santos (2004), Gisele Quimelli (2016), Marquiana Gomes (2016), Sandra de Deus (2016), e para questões históricas deste processo, Ana Luiza Lima Souza (2010). Mas o capítulo tem como foco discutir a centralidade da cultura a partir da perspectiva dos Estudos Culturais e seu papel na área de extensão universitária. Sobre o crescente destaque ao papel da cultura (e seus impactos socioeconômicos e políticos) nas universidades públicas e a discussão sobre os estudos culturais, baseamo-nos, principalmente, no conceito de cultura como recurso, com base em George Yúdice (2004) e no conceito de cultura e sua centralidade com base em Stuart Hall (1997). E, como complemento, uma apresentação das ações realizadas pelos grupos estudados nesta dissertação, a Atlética Unifesp Osasco e a Pirateria, institucionalizadas via extensão ou realizadas de forma autônoma.

O capítulo 3, com o título *Experiências de Etnografia* *digital*, traz nossa expertise na realização de um trabalho de campo com inspiração da etnografia digital. Primeiramente, houve uma discussão sobre a metodologia e os conceitos e usos da Etnografia, inspiração etnográfica e, principalmente, da Etnografia Digital (HINE, 2015; RESTREPO, 2016; POLIVANOV, 2014; MILLER, 2021). Articulado a isso, apresentamos os relatos e análises dos vídeos presentes no perfil do Instagram da Atlética e da Pirateria referentes às ações realizadas no período de distanciamento social, e a apresentação do “Evento de recepção on-line da Atlética e da Pirateria” ocorrido em 2021.

# CAPÍTULO I -

# UNIVERSIDADE, JUVENTUDES E CULTURAS JUVENIS

Neste primeiro capítulo, apresentamos a Unifesp, a EPPEN e os grupos estudantis pesquisados nesta dissertação: a AAAUO - Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco e a Bateria Universitária Pirateria. Como o grupo estudado é formado majoritariamente por jovens, trazemos ainda neste capítulo uma discussão sobre juventudes e cultura juvenis, movimentos estudantis, as questões de coletivos, agrupamentos juvenis e as socialidades juvenis.

## 1.1 A Unifesp – Universidade Federal de São Paulo

A Unifesp – Universidade Federal de São Paulo teve sua origem com a EPM – Escola Paulista de Medicina fundada em 1933 que, na época, era mantida por meio de recursos privados e subsídios governamentais. Em 1936, o Hospital São Paulo, hoje reconhecido como o maior hospital universitário do país e referência em procedimentos de alta complexidade, foi fundado e conseguiu sanar o problema que a EPM – Escola Paulista de Medicina enfrentava de ter um Hospital Universitário. Em 1956, a instituição foi federalizada e, em 1994, transformada em universidade federal, dando origem à Unifesp. A partir de 2005, com o programa de expansão do governo federal, a Unifesp implantou novas unidades em municípios próximos a São Paulo. Hoje, a Unifesp possui 7 *campi* – o *campus* São Paulo que foi fundado em 1933; o da Baixada Santista, primeiro *campus* da expansão, fundado em 2005; em seguida, os *campi* Diadema, Guarulhos e São José dos Campos que foram fundados em 2007; quatro anos depois, em 2011, entrou em atividade o *campus* Osasco, que hoje abriga a EPPEN – Escola Paulista de Economia e Negócios; e o mais recente, o *campus* Zona Leste, que foi fundado em 2019. Hoje nesses 7 *campi* (São Paulo, Baixada Santista, Diadema, Guarulhos, São José dos Campus, Osasco e Zona Leste), mais a Reitoria, são ofertados um total de 63 Cursos de Graduação, com mais de 14 mil alunos na graduação, 68 Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu e diversos cursos de Especialização e Aperfeiçoamento dentre outras ações de Extensão e Cultura. Com isso, o nome da Unifesp está sempre em destaque nos rankings universitários nacionais e internacionais.

Foi neste contexto de expansão que, em 2011, com aval do MEC (Ministério da Educação), a Unifesp criou o *campus* Osasco, onde está situada a EPPEN - Escola Paulista de Política, Economia e Negócios que tem proposta de ensino multidisciplinar e interprofissional, buscando manter a excelência e a inovação que marcam a Unifesp em sua longa trajetória de ensino, pesquisa e extensão.

### 1.1.1 EPPEN – Escola Paulista de Política, Economia e Negócios

O histórico da implantação da Unifesp em Osasco vem de bem antes do início das atividades do campus Osasco - EEPEN. Parte do estudo sobre a história do campus é fruto das atividades do Observatório Institucional da EPPEN – Unifesp campus Osasco, do qual esta pesquisadora é integrante desde o início das atividades em janeiro de 2020.

Os Observatórios Institucionais são uma iniciativa promovida pela PROEC – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e são espaços de articulação democrática, participativa e dialógica, capacitados para contribuir no monitoramento e na transformação da realidade, por meio de análises, reflexões, produção de dados e conhecimentos, subsídios e recomendações, visando acompanhar, dar visibilidade, problematizar e evidenciar temas, situações, problemas, políticas públicas e processos de relevância socioambiental e de garantia de direitos.[[5]](#footnote-5)

Para a produção do documentário foram realizadas 16 entrevistas, com 35 participantes, envolvendo alunos de graduação, pós-graduação, egressos das primeiras turmas, docentes, técnico-administrativos em educação (TAEs) e pessoas ligadas ao município de Osasco que participaram da implantação do campus na cidade, totalizando mais de 20 horas de gravações.

O documentário *EPPEN: Histórias e Memórias da Primeira Década (2011-2021)* traz o recorte histórico de como aconteceu e o que representou a construção da EPPEN na vida de tantas pessoas, sendo a forma encontrada de resgatar a memória por meio da oralidade, dando voz à comunidade acadêmica.

A EPPEN, campus Osasco da Unifesp, é fruto do processo de expansão das universidades federais ocorrido em meados da primeira década dos anos 2000 através do Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e iniciou suas atividades no dia 14 de março de 2011, mas a sua história começou um pouco antes.

Inicialmente aconteceram conversas entre a Prefeitura de Osasco e o MEC e, em seguida, a Unifesp começou a participar de um grupo de trabalho organizado pela Prefeitura de Osasco com o objetivo de reivindicar a instalação de um campus da Unifesp em Osasco. Esse grupo de trabalho foi coordenado pela Sra. Dulce Helena Cazzuni, secretária do Desenvolvimento, Trabalho e Inclusão do Município de Osasco, naquela época. Nesse mesmo período, a região do município Osasco também teve significativas mudanças que permitiram alterações no perfil do mercado de trabalho na região, o que proporcionou a chegada de um campus universitário público na região, abrigando curso das Ciências Sociais Aplicadas, como Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Relações Internacionais; a partir de 2013, o curso de Ciências Atuariais; e, a partir de 2021, o curso de Direito (TESSARI; COSTA; ONUSIC; NETO, 2021).

As atividades da EPPEN começaram efetivamente no dia 14 de março de 2011, marcadas pelas dificuldades orçamentárias provocadas pela rápida expansão de Instituições Federais de Ensino Superior, o que se refletiu na EPPEN em um déficit de servidores, tanto de docentes como de TAEs (Técnicos Administrativos em Educação), o que causou imensa dificuldade nas disciplinas propostas para as primeiras turmas, já que não havia professores suficientes para a grade sugerida, e todos os esforços eram voltados para a graduação. Apesar das dificuldades, a atuação na pesquisa e na extensão, com ênfase em políticas públicas, não foi esquecida.

Os primeiros projetos de extensão apresentaram preocupações vinculadas à inclusão social; ao conhecimento e apoio às formas alternativas de ocupação e renda; à inserção, principalmente de jovens, no mercado de trabalho; às transformações ocorridas na gestão empresarial e, também, na Região Metropolitana de São Paulo, principalmente, nesse caso, a questões relacionadas ao meio ambiente e ao ‘direito à cidade’; e, ainda, de compreensão e apoio às novas formas de exercício da cidadania e de participação política. (TESSARI *et al*., 2021, p. 181).

A partir de 2012 os projetos de extensão efetivamente se iniciaram e passaram a concorrer a bolsas através do edital PIBEX (Programa Institucional de Bolsas de Extensão).

Outra ação de extensão construída em conjunto com a Câmara de Extensão e Cultura da EPPEN, a Prefeitura de Osasco e a Coordenadoria da Juventude do Município e as entidades representativas dos estudantes, principalmente o Diretório Acadêmico XIV de março, foi a iniciativa de parceria para promover ações de extensão, voltadas aos jovens de baixa renda da sub-região Oeste da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), tendo como foco principal a criação de um cursinho pré-universitário. Trocas na gestão Municipal atrasaram a proposta, mas em 2018 o Cursinho Helena Pignatari iniciou suas atividades no atual prédio da EPPEN funcionando aos finais de semana (TESSARI *et al*., 2021).

Como podemos verificar no gráfico abaixo, as ações extensionistas continuaram sendo desenvolvidas no campus, inclusive podemos notar um aumento de atividades no primeiro ano da pandemia.

Gráfico 1 - Número de ações de extensão e cultura realizadas na EPPEN

Fonte: Autora (2022)

A pesquisa também tem sua participação na história da EPPEN. Foram implantados dois programas de mestrado, o Programa de Mestrado Profissional em Gestão de Políticas e Organizações Públicas (2013 - 2022) e o Programa de Mestrado Acadêmico em Economia e Desenvolvimento (2016 - atual).

Tanto nas ações de extensionistas como nas pesquisas é possível notar a inclusão social, a análise crítica das políticas públicas e a difusão de conhecimentos relacionados às transformações socioeconômicas, e estes aspectos de inclusão se refletem também nas atividades de graduação.

A questão da inclusão social foi importante na instalação do campus Osasco, assim como a preocupação em contribuir com as características que as atividades acadêmicas do campus assumiram. O ingresso de alunos através de cotas raciais ou para pessoas com deficiência na EPPEN mudou o perfil dos estudantes e as características acadêmicas do campus Osasco.

Com as novas formas de convívio sendo estabelecida no campus, a necessidade de uma organização dos espaços físicos foi necessária, foram criados espaços para os alunos: entre eles o Aquário (sala de estudos/computação para uso livre dos discentes) e um espaço de convivência, batizado pelos alunos de CCO − Centro de Cultura do Ócio.

Com o crescimento do número de alunos e o convívio entre eles, a participação estudantil começou a surgir na EPPEN. Iniciou-se com os tradicionais espaços estudantis, como o Diretório Acadêmico XIV de março e a Associação Atlética Acadêmica do Campus Osasco. Em seguida, foram surgindo vários outros coletivos, como a Bateria Universitária Pirateria, que faz parte da primeira divisão das baterias universitárias do estado de São Paulo.

No campus surgiram diversos outros coletivos, pois foram sendo percebidas necessidades na organização para debater e difundir temas cotidianos de suma importância como os que envolvem a igualdade de gênero, liberdade LGBTQ+, os direitos da mulher, a igualdade racial, questões espirituais, entre outros. Devido à informalidade e dinâmica desses coletivos, as representações podem mudar rapidamente de nome e organização; alguns podem deixar de existir e vários outros surgirem de acordo com a movimentação dos estudantes. (TESSARI *et al*., 2021).

Outros dois tipos de organizações estudantis estão presentes na EPPEN, são as tradicionais Ligas Universitárias e as Empresas Juniores, organizações institucionalizadas junto à CAEC - Câmara de Extensão e Cultura do campus Osasco e a PROEC – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Na EPPEN há a EPPEN Finance (Liga de Finanças), Mind7 Empreendedor (Liga de Empreendedorismo) e a EPPEN Junior (Empresa Junior).

O *Campus* Osasco em sua construção histórica estabeleceu o compromisso e a percepção de que o objeto das áreas de conhecimento que o compõem é a sociedade. Por isso, os cursos de graduação nele estabelecidos, devem se preocupar com pessoas reais, que possuem problemas concretos e aspirações, desejos e sentimentos próprios. Essa tem sido a trajetória do *Campus* Osasco e a sua forma de atuação social. (TESSARI *et al*., 2021, p. 196).

Este compromisso firmado faz com que a EPPEN, Unifesp campus Osasco, se preocupe bastante com a diversidade e proponha uma perspectiva inclusiva, promovendo uma proposta interdisciplinar e interprofissional nos cursos de graduação, e também a abertura para a expressão das mais variadas concepções teóricas e visões de mundo.

Na sequência, discorremos sobre a AAAUO - Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco e a Bateria Universitária Pirateria que são as Instituições Estudantis que estudamos durante o período da pandemia para a elaboração desta dissertação.

### 1.1.2 Grupos Estudantis da EPPEN

A EPPEN atualmente possui diversos Grupos Estudantis formados pelos alunos. Nesta dissertação, damos destaque à AAAUO - Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco e à Bateria Universitária Pirateria. Estes foram os grupos escolhidos para pesquisa devido às ações institucionalizadas ou não durante o período de afastamento por conta da pandemia da covid-19.

A AAAUO (2015) - Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco foi fundada em 2011, mesmo ano de fundação da EPPEN, e é a entidade máxima de representação e organização das atividades esportivas. A Atlética Unifesp Osasco tem como objetivo promover o lazer e o bem-estar por meio da prática desportiva, mas preocupa-se também com a integração de toda a comunidade universitária com a comunidade local, procurando através de projetos e realizações, junto com outras entidades, incentivar a cultura acadêmica. Em seu site são apresentadas a sua Missão, que “é promover o esporte no ambiente da universidade, além de torná-lo um ambiente acolhedor em que alunos e atletas se sintam bem”, seus Valores são “integração, inclusão e saúde mental''. Por meio deles construímos todos os nossos projetos, e a sua Visão que é “um ambiente universitário mais agradável, saudável e suportável. Além de alunos integrados com a comunidade e causas locais”.

Já a Bateria Universitária Pirateria inicialmente era parte integrante da Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco, mas em 20 de fevereiro de 2013 se desmembrou e foi fundada a Pirateria, bateria universitária da EPPEN. Antes da pandemia, a Pirateria fazia apresentações de samba. A Pirateria valoriza a democratização do samba e sua continuidade como parte da cultura brasileira, valorizando a inclusão, trabalho em equipe, vontade de aprender e dedicação. Internamente, a Pirateria é dividida em Diretoria Administrativa, que é responsável por criar e implementar projetos da bateria, e a Diretoria Rítmica, responsável por ensinar e manter a qualidade dos ritmistas.

## 1.2 Juventudes, culturas Juvenis e sentidos políticos

Como o foco principal desta dissertação são as atuações dos jovens estudantes ligados a coletivos e agrupamentos dentro de uma universidade pública federal, é importante adentrarmos na discussão sobre as juventudes, os movimentos estudantis e os coletivos e agrupamentos universitários.

### 1.2.1 Jovens/Juventude

Os jovens são a maioria entre os discentes da universidade pública federal, por isso a importância nesta dissertação em conhecermos um pouco mais sobre esse personagem tão importante dentro da universidade.

Iniciamos esta discussão a partir de uma perspectiva teórico-conceitual na produção acadêmica, olhando também para as políticas públicas e para acontecimentos estético-culturais relacionados às juventudes entre as décadas de 1960 a 2000.

Borelli *et al.* (2008) realizaram a construção de um mapeamento de referencial teórico e histórico sobre a produção acadêmica a respeito da juventude, que ilustra como os estudos relacionados à juventude têm crescido, ou seja, argumentando o quanto os jovens têm ganhado espaço e importância como um todo e também no mundo acadêmico. A partir desses apontamentos, podemos conhecer quais as preocupações do mundo acadêmico referente a este público-alvo.

Segundo os autores, tem-se como marco inicial dos estudos sobre a juventude o texto *O Jovem Radical* (1968) de Octavio Ianni, em que são problematizadas as questões dos movimentos estudantis. Na década de 1970, os trabalhos foram focados nos jovens universitários e estavam relacionados às tensões referentes ao vestibular e às atitudes desses jovens no novo ambiente − a universidade − e aparece a intenção de se mapear o que os universitários tinham como práticas de lazer. Na década de 1980, os estudos começam a ter a preocupação dos espaços que esses jovens vêm ocupando e as novas redes de sociabilidades que estavam sendo formadas. Nesse período, as pesquisas nos campos da antropologia, da etnografia e da educação passam a se atentar às questões do jovem ligadas à sexualidade, às rupturas geracionais e a um olhar que buscasse captar questões na fronteira que há entre as escolas e as festas.

Na década de 1990, os estudos apontavam a articulação político cultural, talvez impulsionados pelos movimentos dos “caras pintadas”, episódio que levou os jovens para as ruas com o propósito de manifestar favoravelmente ao impeachment do Presidente Fernando Collor de Mello. Nos anos 2000, a produção acadêmica continuou ligada às questões político-culturais, mas focando nos novos agrupamentos que constituem as novas formas identitárias juvenis, a exemplo do Hip-Hop (com forte presença nas manifestações culturais), buscando compreender como a música toma a forma de protesto político, agindo nos jovens das regiões periféricas dos grandes centros urbanos. Outra questão presente nos estudos acadêmicos nos anos 2000 é a relação do jovem com o mundo do trabalho, devido às dificuldades enfrentadas por muitos deles (BORELLI *et al*., 2008).

As autoras também realizaram um resgate histórico referente às Políticas Públicas de juventude no período de 1960 aos anos 2000. Neste resgate, fica clara a importância que os jovens ganharam com o passar dos anos. Nas décadas de 1960 e 1970, período do governo militar no Brasil, o jovem não estava ainda firmado junto aos gestores públicos como uma categoria que promovia a ação social, e isso se reflete na ausência de políticas públicas voltadas à juventude nesse período. Os jovens passam a ter mais visibilidade e protagonismo quando os movimentos estudantis começam a se envolver e se engajar nas causas políticas que passam a ganhar volume; é quando o governo os reconhece como questionadores e potencialmente perigosos. Da metade da década de 1970 até os anos 1980, com a mudança na cena política do Brasil, o pedido de redemocratização vinha de movimentos da sociedade civil, que a essa altura estava mais bem organizado, resultando no fim do governo militar; nesse momento, o movimento estudantil perde forças, já que não tem mais uma função política explícita.

Com o enfraquecimento dos movimentos estudantis e pelas pressões sociais, começa-se a descobrir a juventude com outro olhar: o jovem deixa de ser apenas o estudante, e a sociedade civil passa e enxergar os jovens que merecem ser amparados e assistidos pelas Políticas Públicas do governo, percebendo as categorias menos favorecidas e marginalizadas. Por essa razão, o surgimento de um grande número de ONGs e organismos da sociedade civil marcam a década de 1980. Década marcada também pelo período em que o governo investiu menos no social. O pouco investimento foi resultante dos cofres baixos recebidos do governo militar. Outro fato que também marcou a década de 1980, estabelecendo os deveres do estado com a população infanto-juvenil, foi a promulgação da Constituição Federal do Brasil de 1988 (BORELLI *et al*., 2008).

A década de 1990 começou com um marco histórico brasileiro, o lançamento do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). O ECA conceitua quem é criança (até 12 anos incompletos), quem é adolescente (entre 12 e 18 anos, podendo chegar a 21 quando houver alguma situação de risco), e também chega para ajustar a legislação em torno das crianças e adolescentes sob pena jurídica para qualquer pessoa que desobedeça à legislação pautada. No governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), apesar de pouco articulado dentro dos ministérios, os jovens também começaram a fazer parte da atenção do governo. Com o passar dos anos, a juventude no Brasil, a partir da década de 1990, foi conceitualizada, estabelecendo que: “a juventude é uma condição social, parametrizada por uma faixa-etária, que no Brasil congrega cidadãos e cidadãs com idade compreendida entre os 15 e 29 anos” (NOVAES, 2006 apud BORELLI *et al*., 2008, p.6).[[6]](#footnote-6)

Os anos 2000 começaram com a pauta sobre juventude em alta nas questões políticas. Tendo uma das temáticas de sua plataforma eleitoral o jovem, Luís Inácio Lula da Silva foi eleito presidente em 2002. O governo Lula, a partir de 2003, pautado na luta contra a discriminação do jovem e de seu reconhecimento como sujeito de direitos universais e específicos, aprovou um Grupo ministerial da juventude, que objetivava a formulação de Políticas nacionais para juventude. Em 2005, o trabalho resulta na Lei 11.129 que estabelece o Conjuve − Conselho Nacional da Juventude com a finalidade de orientar na formulação de Políticas Públicas e de estudos relacionados à juventude. Outras preocupações começam a surgir com relação à formação desse jovem para o mercado de trabalho, e são realizadas iniciativas para formação técnica profissionalizante, assim como programas que promovem o acesso à universidade como o ProUni - Programa Universidade para Todos (BORELLI *et al*., 2008).

Em 2007, o governo lança o REUNI − Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, onde as IFES - Instituições Federais de Ensino Superior poderiam aderir de forma voluntária. A Unifesp foi uma das universidades que aderiu ao Reuni e realizou a sua expansão com a criação de seis novos campi na grande São Paulo, interior e litoral. A EPPEN, Unifesp campus Osasco, é fruto do final dessa política de expansão das universidades federais (BORELLI *et al.,* 2008).

Outro importante levantamento realizado pelas autoras é referente à trajetória dos jovens a partir dos anos 1960, que está relacionado aos acontecimentos estético-culturais. A década de 1960 destacou-se por ser um momento em que os jovens passam de meros coadjuvantes e começam a aparecer como protagonistas ativos no panorama social e político brasileiro. Os jovens tiveram papel importante de rebeldia e constatação, procuravam uma mudança geral na sociedade, na cultural, na política, na educação, nas artes, e como resultado desses novos ideais sugiram o Tropicalismo, o Cinema Novo e os CPCs − Centro Popular de Cultura. Como esses movimentos juvenis eram opostos à política da época, o regime militar impunha uma censura a esses processos trazidos pelos jovens, o que gerou perseguição e a intensificação das manifestações contrárias ao regime ditatorial.

Os anos 1970 foram caracterizados por esses embates entre os movimentos estudantis e o governo militar. Com o cerceamento da participação política, os jovens foram forçados a decidir pela luta armada, dando início à repressão e à tortura. Esses jovens, revolucionários, lutavam defendendo o bem do coletivo, ignorando muitas vezes suas questões pessoais, e em busca da revolução socialista. Outros jovens, que eram tidos como alienados, estavam mais envolvidos nas novas práticas cotidianas, na transformação da sua própria vida e buscando novas oportunidades.

A década de 1980 traz a redemocratização, a censura não existe mais, porém esta década traz também as crises econômicas, inflação batendo recordes, a liberdade sexual recua diante da AIDS e de outras doenças sexualmente transmissíveis, recebendo o nome de década perdida.

Nos anos 1980 os movimentos estudantis perderam seu lugar na sociedade dando espaço para novos grupos como metaleiros, skinheads, rastafáris, rappers e punks que surgiam como novidade entre os jovens insatisfeitos com os novos rumos da sociedade.

Já os anos 1990 ganham um acontecimento que marca novamente a juventude, o movimento dos “caras-pintadas”. Juventude que estava sendo chamada de consumista, apática e alienada, comparados com seus pais que eram os jovens das décadas de 1960 e 1970, pintou a cara de verde e amarelo e foi às ruas pedir o impeachment do então presidente Fernando Collor que era investigado por corrupção.

Na década de 2000 os meios de comunicação ignoraram as ações desarticuladas do movimento estudantil, restringindo-as somente a atividades culturais. Em 2001, inicialmente pensado como contraposição ao Fórum Econômico de Davos na Suíça, aconteceu em Porto Alegre o Fórum Social Mundial, proposto por movimentos sociais com o objetivo de discutir alternativas ao capitalismo, ir em busca de caminhos para questões sociais e celebrar a diversidade.

Nos anos 2000, mais manifestações aconteceram com a participação de outros grupos como grupos socialistas e coletivos anarquistas, movimento gay e feminista, os ecologistas radicais e o movimento estudantil independente. Outros grupos ganharam destaque com os movimentos vindos das periferias que se articulavam com as artes, música, teatro, dança e audiovisual (BORELLI *et al*., 2008).

Nas pesquisas, as autoras afirmam que os jovens sofrem profundas transformações relacionadas às questões sociais políticas e econômicas; por isso a importância da discussão sobre a participação dos jovens ao longo da história e qual seu papel nas mudanças que vêm acontecendo no Brasil entre as décadas de 1960 e 2000.

Com base no levantamento apresentado sobre as questões dos jovens quanto à sua presença em pesquisas acadêmicas, o aumento de políticas públicas voltadas a eles e a importante participação nos acontecimentos estético-culturais, fica claro que os jovens não podem ser considerados uma categoria fixa ou imutável, pois vimos que, com o passar do tempo, eles mudaram, e mesmo os jovens de uma mesma geração são diferentes.

Borelli, Rocha e Oliveira (2009) relatam que algumas discussões sobre a juventude acontecem de forma equivocada, pois a juventude é vista como uma categoria universal, sem se considerar as particularidades e diversidades dos jovens. O debate deve ser baseado na juventude como um segmento e que deve ser pensado sobre a produção e a apropriação da cultura e os modos de vida na contemporaneidade.

Para Reguillo (1998, p.58):

Em nenhuma parte do mundo a juventude representa um bloco homogêneo capaz de responder por um conjunto de categorias fixas (...) [Os jovens] trabalham, vão à escola, abraçam algumas causas, mas os referenciais identitários não passam pela fábrica, pela escola, pelo partido. A identidade está em outra parte. São identidades móveis, efêmeras, mutantes, capazes de respostas ágeis e, por vezes, surpreendentemente comprometidas. (REGUILLO, 1998, p. 58 apud BORELLI *et al.,* 2009, p. 41).

As diferenças entre os jovens estão muito ligadas às suas condições de vida, culturas locais, religiosidade, consumo dos locais onde vivem, porém, um fator comum aparece em relação a eles. Na contemporaneidade, os jovens têm presença marcante no contexto das sociedades midiáticas, independente das diferentes inserções e classes sociais, eles mantêm um ótimo relacionamento com as novas tecnologias da informação. (BORELLI *et al*., 2009).

Em entrevista concedida aos jornalistas Oliveira *et al*., (2018), da *Educar em Revista*, Carles Feixa explica que toda essa familiaridade com as novas tecnologias faz com que na contemporaneidade a juventude passe a ser idealizada, em que muitos querem ser jovens e, principalmente, ter a habilidade que eles têm de se conectar com o mundo digital, sendo vanguardistas nas atualizações tecnológicas que estamos passando. Apesar dessa valorização pelo domínio do uso das tecnologias, as juventudes são marginalizadas e não são valorizadas pelos poderes econômicos e políticos (FEIXA, 2018).

Este apontamento de FEIXA (2018) referente à falta de valorização dos jovens nos remeteu a recentes comentários vindos do ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, logo após sua posse em fevereiro de 2020, sobre o suposto fato de que nas universidades federais ocorreria uma “balburdia”, que em seus campi existiriam plantações de maconha e que o uso de drogas seria frequente. Talvez comentários como estes incitem a população que desconhece uma universidade a pensar que os jovens não levam nada a sério, que estão na universidade somente por diversão, o que incorre na desvalorização das ações juvenis e das universidades. Relacionado à falta de valorização dos Jovens, FEIXA (2018) relata que alguns autores já discutem o “juvenicídio moral”, que se refere ao menosprezo relacionado a tudo o que os jovens dizem ou querem.

O conceito de “juvenicídio”, segundo Valenzuela (2015 apud BRAGA, 2020, p. 4), tem origem no conceito de feminicídio. A noção de feminicídio surgiu com o aumento do número de mortes de mulheres em Ciudad Juarez (México), onde mulheres desapareciam ou eram mortas pelo simples fato de serem mulheres. Vale ressaltar que o conceito não é ligado apenas à morte física, mas está também relacionada às questões sociais, econômicas e culturais enfrentadas por esses grupos.

Para FEIXA (2015 apud BRAGA, 2020, p. 6), o “juvenicídio” é moral e está ligado à exclusão dos direitos sociais, à criminalização dos jovens e à falta de apoio vindas de políticas públicas inadequadas ou inexistentes. Os jovens enfrentam exclusões ligadas às questões sociais e necessidades básicas, como acesso aos serviços de saúde, falta de segurança, dificuldades a uma educação de qualidade e, por consequência, dificuldade na entrada do mercado de trabalho. Segundo o autor, a exclusão dos jovens em diversos setores sociais impossibilita o desenvolvimento de uma vida digna, o que induz muitos jovens a uma morte lenta e cruel (apud BRAGA, 2020, p. 6).

 FEIXA (2018) relata que não há uma única demanda que sirva para todas as juventudes, mas que algumas mudanças são sim para todos os jovens. A primeira delas − e elemento básico para os jovens −, é que, apesar de os jovens terem voz, eles comecem a ser ouvidos. E porque normalmente não são ouvidos, muitos fazem uso da arte e das músicas como forma de demonstrar os seus anseios.

Essa voz surge através do ativismo juvenil que, segundo Rose de Melo Rocha (2021):

[...] ganha força nos anos 2000, em especial após os Fóruns Sociais Mundiais, os ocupas, as mobilizações secundaristas no Chile e no Brasil, as ações de coletivos locais, regionais, nacionais e mundiais, e em círculos mais específicos de práticas políticas juvenis apartidárias e transpartidárias. Posteriormente, nos anos 2010, notadamente quando do crescimento e consolidação das marchas juvenis, e na esteira de mobilizações ativistas que passam a se utilizar fortemente das redes sociais, o debate sobre gênero imprime politicidade e um forte marcador estético à expressão (ROCHA, 2021, p.17).

Pensando nessa questão do ser ouvido e da suposta homogeneidade dos jovens surge o tema dos coletivos. Segundo Borelli *et al*. (2009), por meio das redes de socialidade e pertencimento aparecem coletivos juvenis, por conta da participação desses sujeitos nos processos, em que eles atuam e interferem nos espaços onde interagem.

Na sequência, seguimos com os apontamentos sobre os movimentos estudantis e coletivos; para esses últimos, procuramos focar a discussão nos coletivos universitários.

### 1.2.2 Movimentos Estudantis

Hoje os movimentos estudantis são menos citados, mas eles já ganharam grande destaque na discussão sobre juventudes, compreendendo as reivindicações específicas do universo estudantil, suas motivações para participar de protestos, buscando interferir nos rumos políticos da sociedade.

Os movimentos estudantis tiveram início nos anos 1930 e ganharam força na década de 1960 devido ao contexto socioeconômico, contracultural e político da época no mundo ocidental. Desde a Ditadura Militar no Brasil e, mais recentemente, em 1992, os estudantes secundaristas e universitários tiveram grande participação no movimento que resultou no impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. Nos anos seguintes, os estudantes continuaram participando de manifestações defendendo seus direitos e uma melhor qualidade e infraestrutura do ensino (GROPPO *et al*., 2008).

Segundo Groppo *et al.* (2008), hoje esses movimentos não devem mais ser considerados estudantis, mas sim “movimentos juvenis”, pois nos movimentos não está presente apenas a participação de estudantes de universidades públicas, sendo sim parte de movimentos sociais. Hoje, jovens de diversas camadas sociais estão se mobilizando e têm desejo de atuação mais amplos e articulados em redes. Vale ressaltar que grande parte dessas mobilizações não tem interferência de partidos políticos ou de políticas institucionais, são sim motivados movimentos culturais, artísticos, revoltas sociopolíticas e socioeconômicas.

Bringel (2009) compara os movimentos estudantis com outros movimentos sociais, como os de mulheres, camponeses, indígenas, urbanos e outros. Essa ideia deve ser reforçada, pois apesar de parecer óbvia, algumas vezes os movimentos estudantis podem ser confundidos como uma simples “ação coletiva”, de um pequeno grupo que se restringe a protestos e reivindicações isoladas, por exemplo, um protesto para melhoria do refeitório da faculdade ou outras questões ligadas a um pequeno grupo, com isso, os movimentos passam a não ser considerados um movimento social.

O exemplo dado por Bringel (2009) sobre o refeitório da faculdade nos fez recordar de um momento que vivenciamos na Unifesp. Há alguns anos, no campus Baixada Santista, presenciamos diversas mobilizações dos estudantes reivindicando a disponibilização de um restaurante Universitário. Até a inauguração do Edifício Central (Silva Jardim) as refeições subsidiadas pela Unifesp eram ofertadas em restaurantes nos arredores dos prédios que abrigavam o campus Baixada Santista; após a inauguração do Edifício Central, foi implantado o RU – Restaurante Universitário para os alunos e servidores. Em alguns momentos, o RU tinha que ficar fechado por dias quando acontecia troca de empresas licitadas que forneciam a alimentação. Em um desses períodos, os alunos promoveram um “marmitaço” na porta da Diretoria do campus. Tais manifestações poderiam ser consideradas reivindicações isoladas daquele grupo pequeno de estudantes, mas eles estavam lá para lutar por uma causa não só deles, estudantes, mas de um coletivo que faz parte da instituição, como os servidores docentes e técnicos administrativos, que também fazem uso dos Restaurantes Universitários.

Bringel (2009, p. 100) também esclarece sobre o equívoco que muitas vezes acontece entre “organização estudantil” e “movimento estudantil”. O autor explica que a confusão se dá porque o “movimento estudantil” somente é reconhecido quando as ações são convocadas por entidades estudantis institucionalizadas, enquanto as “organizações estudantis” seriam iniciativas de grupos não institucionalizados.

Pensando na institucionalização e seus graus dentro das universidades e das instituições que estamos estudando nesta dissertação, tanto a Atlética como a Pirateria são coletivos reconhecidos pela direção, inclusive fazendo parte da estrutura física do campus, tendo salas dentro do campus para guarda de materiais e espaço para reuniões, ensaios e treinos; porém não foi encontrado nada junto à direção do campus que institucionalize esses coletivos estudantis.

Outro ponto trazido por Bringel (2009, p. 101) é a diferença entre “movimentos estudantis” no plural e “movimento estudantil” no singular, que, apesar da sua diferença sutil pode passar despercebida, mas possui especificidades. Bringel (2009, p. 101) cita como exemplo a ampla diversidade de movimentos camponeses, urbanos e feministas, onde se destacam o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), o Movimento de Pequenos Agricultores (MPA) e o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), e embora existam diversos movimentos sociais camponeses, o MST é a principal força.

Acreditamos que o Movimento Estudantil se assemelha aos Coletivos Estudantis, em que os estudantes se unem a partir de algum ponto em comum, como no caso da Atlética, que se unem pelo esporte, ou a Pirateria, que é a participação na Bateria Universitária, os CAs, centros acadêmicos ligados aos cursos, DAs, Diretórios Acadêmicos ligados aos campis, DCEs, Diretório Centrais dos Estudantes ligados às universidades e a UNE, União Nacional dos Estudantes, que reúne todos esses movimentos estudantis menores.

Diante disto, concordamos com a difícil caracterização e definição dos movimentos de estudantes (FEUER 1969 apud BRINGEL, 2009), em que é salientado o status transitório e esporádico dos discentes dentro da universidade (em comparação com a trajetória estável e contínua, no caso dos operários nas fábricas, usando categorias distintas de análise para abranger ambos os casos).

Essa questão de o aluno ser transitório dentro da universidade também foi pauta de discussões na Unifesp no ano de 2016, no momento da discussão sobre o peso dos votos dos discentes, docentes e técnico-administrativos para eleição da nova reitoria da universidade. A disputa foi acirrada e um dos pontos trazidos pelos contrários foi a paridade entre as três categorias (docentes, técnico-administrativos e discentes) de que os alunos eram transitórios dentro da instituição, não devendo ter seus votos com o mesmo peso dos servidores que estariam lá por um período mais longo. Felizmente, essa ideia excludente foi eliminada e, desde maio de 2016, todas as eleições dentro da universidade são paritárias, ou seja, hoje existe uma equalização entre as três categorias.

Desse modo, para Feuer (1969 apud BRINGEL, 2009, p. 101), o movimento estudantil é definido “como uma coalizão de estudantes inspirada em propósitos que procuram traduzir-se numa ideologia política, e impulsionada por uma rebelião emocional em que estão latentes a desilusão e a rejeição dos valores da velha geração”.

Para Bringel (2009), a caracterização dos movimentos estudantis tem suas especificidades, podendo ser considerado um movimento *sui generis*. Para ele, em primeiro lugar deve ser observado nos movimentos estudantis uma articulação de elementos que podem ser considerados mínimos ou essenciais e que também estão presentes em outros movimentos sociais, são elas: reivindicações bem definidas, as demandas e os objetivos devem ser coletivos; a exposição das problemáticas devem ser repassadas aos interlocutores políticos utilizando diferentes estratégias e repertórios de ações coletivas; deve existir uma organização mínima e uma continuidade no decorrer do tempo; ter um caráter não institucional; um trabalho comum com objetivo da construção de uma identidade coletiva, mesmo que incipiente (BRINGEL, 2009, p. 101).

Outros pontos específicos dos movimentos estudantis observados por Bringel (2009) são relacionados às lutas que têm um objetivo específico de curto prazo, o que não impede a existência de objetivos de médio e longo prazo. Os movimentos estudantis podem ser sazonais em virtude do calendário acadêmico, férias, feriados que acabam desmobilizando e rompendo com a sequência de ações coletivas iniciadas, fora a rotatividade existente no universo estudantil. Outro fator é a composição social, pois no caso dos estudantes universitários, há uma prevalência dos setores das classes médias, o que se diferencia dos “movimentos populares”. Também caracteriza o movimento estudantil a existência de um amplo espectro ideológico que pode variar normalmente da socialdemocracia até a esquerda radical. Por último, a caracterização das demandas, que podem ser internas (moradia estudantil, restaurantes universitários, uso do espaço universitário etc.) ou externas (discussões de maior alcance político, como referentes ao papel das universidades nas sociedades e os relacionados à qualidade do público).

Atualmente nas universidades, essa movimentação estudantil acontece dentro dos coletivos ou agrupamentos estudantis. Na sequência trazemos uma discussão em torno desses agrupamentos.

### 1.2.3 Coletivos e agrupamentos

Os coletivos e agrupamentos de estudantes da EPPEN são o ponto central desta dissertação. Por isso, nos dedicamos a conhecer mais sobre os coletivos universitários.

Coletivos universitários em sua maioria são formados por discentes do Ensino Superior com atuação dentro das universidades. Está no escopo desses grupos a proposição ações em torno dos preconceitos, buscando uma inclusão de grupos com mais dificuldade de acesso aos direitos. Hoje nas universidades vemos coletivos que trazem as discussões a respeito das mulheres, negros e LGBTT (Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis e Transgêneros) utilizando as redes sociais digitais (PEREZ; SOUZA, 2020).

Os coletivos universitários são grupos que não consideram condições necessárias a hierarquia e a institucionalização junto às universidades para constituição e atuação do movimento. Os coletivos são instituições geridas pelos próprios membros, ou seja, autônomas (MEDEIROS *et al*., 2017).

Coletivos universitários, por conseguinte, são grupos auto-organizados, oriundos da comunidade acadêmica, independentes e não institucionais, que nascem pela percepção de que a organização ou eleição formal de representantes discentes não é suficiente para garantir a representação de uma causa (MEDEIROS *et al*., 2017, p. 168).

Outra característica presente é a dinâmica de agrupamento por relações de afinidade e amizade e a existência de uma “política do afeto” presente nos coletivos (CARMO, 2018). As questões de amizade e afeto foram realmente muito notadas no trabalho de campo de inspiração etnográfica que realizamos, sendo apresentadas no Capítulo 3 desta dissertação.

Os coletivos que estamos abordando nesta dissertação, apesar de não institucionalizados, são reconhecidos por toda a comunidade do campus Osasco e da universidade, proporcionando uma ampla participação no dia a dia da universidade. Borelli e Aboboreira (2011, p.165-166) apontam que existem quatro “modos de relação” mais evidentes nos coletivos que podem ser:

a) coletivos extras institucionais que não buscam, ou mesmo recusam, conexões institucionais como justificativa para afirmação de independência e autonomia;

b) coletivos que se articulam a diferentes ordens de institucionalidade – governamentais, não governamentais, religiosas, entre outras –, recebem “auxílios” e participam de editais e concorrências para a realização de suas atividades políticoculturais;

c) coletivos juvenis que atuam de forma colaborativa, em suas regiões de pertença, usufruindo indiretamente da infraestrutura já conseguida por outros agrupamentos, por meio de projetos e serviços anteriormente aprovados, pelos mecanismos das políticas públicas voltadas à juventude;

d) coletivos que já desfrutaram por um ou dois anos da verba pública e permanecem atuando, mesmo quando este vínculo deixou de ocorrer. (BORELLI; ABOBOREIRA, 2011, p.157-158).

Pensando nesses modelos apresentados, acreditamos que os coletivos estudados se enquadrem nos coletivos extrainstitucionais, uma vez que não são institucionalizados, buscado sua autonomia, ainda que contando com o apoio da instituição. Vemos semelhança também com os que atuam de forma colaborativa, até porque a Bateria Pirateria nasceu da Atlética Unifesp Osasco e usufrui da infraestrutura disponibilizada pela universidade. Nota-se que os coletivos são organizações informais e de caráter espontâneo e estão sendo cada vez mais reconhecidas e legitimadas pelas instâncias de gestão e têm contribuído para uma governança democrática dentro das universidades (MEDEIROS *et al*., 2017).

Os coletivos universitários, apesar de seguirem padrões semelhantes presentes na maioria das universidades com desenhos institucionais clássicos de representação, têm sua criação espontânea e são espaços de expressão político culturais.

Grande parte dos estudos sobre coletivos não está relacionado aos coletivos universitários e nem discute sua inserção e ligação com e na própria universidade. As discussões mais frequentes se focam nas questões ligadas à sociologia e nas relações sociais, assim como as questões político-culturais protagonizadas por esses grupos de jovens.

Segundo Castro e Mattos (2009 apud GROPPO *et al.*, 2019, p. 1030), os coletivos são considerados espaços não convencionais onde acontece a participação política, com a inclusão da arte e a cultura, por onde permeiam a mobilização de paixões e afetos.

Para Groppo *et al.* (2019), dentro das universidades, os coletivos têm procurado a discussão de questões atuais, em destaque as temáticas raciais, as questões de gênero e a expressão social e cultural. Essas ações são organizadas dentro da universidade através de ações coletivas executiva dos cursos e ações de extensão.

A Atlética e a Pirateria, apesar de não terem como foco principal essas temáticas no período estudado da pandemia, realizaram ações institucionais relacionadas a essas temáticas, e estas vêm ganhando destaque entre os coletivos universitários.

Uma questão importante e que pode ajudar a compreender as juventudes na atualidade é a discussão que Martín-Barbero (2004) traz referente às socialidades juvenis abordadas no tópico seguinte.

### 1.2.4 Socialidades juvenis

Quando falamos de socialidades, nos baseamos em Martin-Barbero (2004), que apresenta a socialidade como uma das mediações principais em seu mapa das mediações reelaborado no fim dos anos 1990. Diferentemente da noção clássica sociológica de sociabilidade − que pressupõe interações sociais mais institucionais, fixas, estáveis e de longa duração baseadas na família, religião, locais de origem – a noção de socialidade está ligada a relações menos estáveis, mais efêmeras, diversas e múltiplas e que parecem apropriadas para compreender as culturas juvenis e midiáticas no contemporâneo. Sem encará-las como algo absolutamente fortuito, despolitizado e vazio, são baseadas em formas de se vincular na cidade, por meio dos gostos e materialidades culturais e digitais, nas formas de atuar politicamente em que práticas de consumo, ações políticas, performatização das identidades e outras formas de pertencimento atuam na constituição social e nas experiências dos grupos jovens, dentro e fora das universidades e outros locais de ensino.

Esse lugar de menor institucionalização e autonomia juvenil é confirmado quando podemos dizer que o jovem é “uma espécie de ‘homo vox’ ou ‘homo ludens’, isso é um produto, por excelência de novos significados pelo uso criativo das linguagens” (ZAIDAN FILHO, 2008, p. 33).

Zaidan Filho (2008) apresenta alguns princípios que julga ser parte de uma agenda política-pedagógica voltada à juventude em tempos de globalização que reforça essa questão da independência dos jovens.

O primeiro princípio é a oralidade como forma de expressão, que está ligada à forma de ser dos jovens. O reconhecimento e a valorização da oralidade são as características que fazem com que o jovem resgate sua cidadania. A oralidade é fonte das histórias de vida e mecanismo de construção de identidade coletiva/social, é uma expressão artística que se diferencia da linguagem padronizada.

O segundo princípio pertence ao modo de vida, cotidianidade, como estrutura social que está ligado diretamente à oralidade, relacionada ao lugar social, onde vive, trabalha, estuda, se diverte e se socializa. Para o jovem, a comunidade tem muita importância, e valorizar o seu modo de vida é reconhecer a formação desse cidadão.

O terceiro princípio é a sociabilidade como fator de aprendizagem. Esse é um fator importante para a cidadania juvenil. É a forma como os jovens se percebem e percebem os outros, gerando assim atributos da política de reconhecimento, associada aos princípios pedagógicos como a autoconfiança, dignidade, autoestima, visibilidade e orgulho.

O quarto princípio é o uso expressivo da linguagem. O aprendizado linguístico dos jovens deve torná-los capazes de se expressar através das linguagens orais, verbais e icônicas. Ser um jovem, cidadão, capaz de usar a linguagem, não necessariamente padronizados pela norma culta, é, sim, forma expressiva.

O quinto e último princípio é saber ler a escrita do mundo. Ler no sentido de decifrar, entender os contextos humanos, pessoais e dar sentido à vida.

Martín-Barbero (2003, p.63) defende que “a comunicação é percebida, em todo caso, como o cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários”. Refletindo sobre a comunicação no período da pandemia da covid-19 ainda presente, os espaços virtuais como o Instagram (espaço analisado por nós para a atuação da Atlética e da Pirateria) passaram a ser um lugar de encontro e socialidade. Para Martín-Barbero (2003), essa emergência de novas sensibilidades e a familiaridade com as tecnologias faz com que os jovens tenham mobilidades e destrezas para conviver com o universo da informática. Essa facilidade (ainda que nem sempre acompanhada de maiores oportunidades de acesso às conectividades) e a necessidade daquele momento fizeram com que esses espaços virtuais fossem o lugar de sociabilidades para os grupos que buscavam uma interação no período do distanciamento, sendo este um dos pontos centrais desta dissertação.

Neste capítulo pudemos apresentar a Unifesp, EPPEN, a Atlética da Unifesp Osasco e a Bateria Pirateria e conhecer um pouco mais sobre a universidade aqui em tela e a questão das juventudes e das culturas juvenis. No próximo capítulo questões relacionadas à Extensão universitária e às ações promovidas pela Atlética da Unifesp Osasco e a Bateria Pirateria são apresentadas, articuladas ao papel da cultura na contemporaneidade.

# CAPÍTULO II

# A CENTRALIDADE DA CULTURA - EXTENSÃO E CULTURA NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS

Iniciamos este segundo capítulo com uma discussão sobre a extensão universitária e a relação que o tripé da extensão tem com a cultura dentro da universidade. Na sequência, tratamos brevemente o exemplo de duas universidades que separaram a extensão da cultura, criando dentro da universidade pró-reitorias específicas para as questões culturais. Devido a essa discussão em torno da cultura, nos dedicamos aos apontamentos sobre a virada cultural no século XX e XXI e a centralidade da cultura no mundo contemporâneo.

Damos relevância a essa discussão, pois as ações de extensão e cultura que analisamos estão articuladas nessa centralidade da cultura. Segundo Hall (1997), a cultura na contemporaneidade penetra na vida social de maneira ampla, proliferando em ambientes secundários, mediando tudo. Por esse motivo, trazemos aqui uma amostra de como a discussão sobre a cultura está acontecendo dentro das universidades.

## 2.1 Extensão e Cultura nas Universidades Públicas

A área de extensão vai ter no futuro próximo um significado muito especial. No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a Universidade e, de facto, transformá-la numa vasta agência de extensão ao seu serviço, a reforma da Universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão (com implicações no curriculum e nas carreiras dos docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às Universidades uma participação activa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural. (SANTOS, 2004, p. 53).

Dentro das universidades, a extensão é conhecida pela sua função de integrar a universidade com a sociedade. Em literaturas sobre o tema, podemos achar definições com algumas nuances diferentes, mas em todas as definições sobre extensão, a relação entre a universidade e a sociedade estão presentes desempenhando papéis de protagonismo.

Em algumas ações de extensão universitária, encontramos o destaque na atividade docente ou ao assistencialismo, mas em nosso entendimento a extensão universitária vai além disso, de um grupo de professores que orienta seus alunos a auxiliar os mais necessitados. A extensão universitária é uma troca que pode envolver toda a comunidade acadêmica (docentes, discentes, técnicos administrativos e terceirizados) com a sociedade como um todo. Em uma ação de extensão todos os envolvidos estão lá para aprender e ensinar, trocar seus conhecimentos práticos e teóricos, o conhecimento existente nos livros e os presentes na vida de todos. Portanto, defendemos a ideia de que a extensão universitária é a oportunidade de a universidade interagir com a sociedade para uma troca de experiências, conhecimentos e vivências.

### 2.1.1 A Extensão Universitária no Brasil

No mundo universitário é comum escutarmos sobre o tripé universitário ou os três pilares da universidade. Mas o que realmente é um pilar universitário? Quais são eles?

A Constituição Federal (1998) estabelece em seu Artigo 207 que “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”.

Diante deste artigo de nossa Constituição Federal (1988), surge o princípio da indissociabilidade, que nos remete a pensar que algo não existe sem a presença do outro, compreendendo que o ensino, a pesquisa e a extensão formam a estrutura do ensino superior, constituindo assim os três eixos ou pilares do ensino superior.

Apesar de considerar o termo “pilares” mais apropriado para a discussão, pois eles são considerados os alicerces da educação superior no Brasil, a imagem do tripé ilustra muito bem que para existir uma estabilidade na educação superior dependemos da indissociabilidade do ensino, a pesquisa e a extensão, e todos devem ter a mesma importância. Pensando na imagem de um tripé, fica clara a importância de cada um de seus pés, pois sem a sustentação de um, não existe o equilíbrio. E é desta mesma forma que o ensino superior está baseado e deve ser estabelecido.

Nessa consideração, os três pilares propostos na Constituição Federal (1988) devem ser tratados de igual forma pelas instituições de ensino superior. Os pilares são independentes, porém estão também interligados e indissociados.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), que define e regulariza a organização da educação brasileira com base nos princípios presentes na Constituição Federal (1988), encontramos no artigo 43 da LDB (1996), as finalidades do ensino superior. Uma dessas finalidades do ensino superior, presente no Inciso IV, é:

promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação, que acaba sendo complementado pelo inciso VII, do mesmo artigo, que diz que promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição (BRASIL, 1996).

Perante os dispostos da LDB (1996), podemos entender que a extensão universitária tem como objetivo promover e compartilhar os conhecimentos obtidos pelos pilares do ensino e da pesquisa para a sociedade através de ações extensionistas como programas, projetos, cursos e eventos.

Para completar o entendimento sobre a extensão universitária, o conceito de extensão universitária presente na Política Nacional de Extensão Universitária do FORPROEX (2012) afirma que:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. (FORPROEX, 2012, p. 15).

Mesmo com a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão estando presente na Constituição Brasileira (1988) como norteadores da formação de todos os universitários, é na universidade pública que vemos um destaque dessas atividades, principalmente pelo fato de as universidades públicas terem um compromisso, em que o conhecimento produzido por elas deva ser revertido para a sociedade como um todo.

Em 1987, durante o I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas, foi criado e implantado o FORPROEX - Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileira, e com isso foi construída a Política Nacional de Extensão Universitária (2012), onde são estabelecidos os objetivos e diretrizes que orientam como deve ser a extensão nas universidades públicas brasileiras.

São 15 os objetivos estabelecidos pela Política Nacional de Extensão Universitária do FORPROEX (2012, p. 5) conforme podemos ver:

1. Reafirmar a Extensão Universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, além de indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade;
2. Conquistar o reconhecimento, por parte do Poder Público e da sociedade brasileira, da Extensão Universitária como dimensão relevante da atuação universitária, integrada a uma nova concepção de Universidade Pública e de seu projeto político-institucional;
3. Contribuir para que a Extensão Universitária seja parte da solução dos grandes problemas sociais do País;
4. Conferir maior unidade aos programas temáticos que se desenvolvem no âmbito das Universidades Públicas brasileiras;
5. Estimular atividades de Extensão cujo desenvolvimento implique relações multi, inter e ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da Universidade e da sociedade;
6. Criar condições para a participação da Universidade na elaboração das políticas públicas voltadas para a maioria da população, bem como para que ela se constitua como organismo legítimo para acompanhar e avaliar a implantação das mesmas;
7. Possibilitar novos meios e processos de produção, inovação e disponibilização de conhecimentos, permitindo a ampliação do acesso ao saber e o desenvolvimento tecnológico e social do País;
8. Defender um financiamento público, transparente e unificado, destinado à execução das ações extensionistas em todo território nacional, viabilizando a continuidade dos programas e projetos;
9. Priorizar práticas voltadas para o atendimento de necessidades sociais (por exemplo, habitação, produção de alimentos, geração de emprego, redistribuição de renda), relacionadas com as áreas de Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, Trabalho;
10. Estimular a utilização das tecnologias disponíveis para ampliar a oferta de oportunidades e melhorar a qualidade da educação em todos os níveis;
11. Considerar as atividades voltadas para o desenvolvimento, produção e preservação cultural e artística como relevantes para a afirmação do caráter nacional e de suas manifestações regionais;
12. Estimular a educação ambiental e o desenvolvimento sustentável como componentes da atividade extensionista;
13. Tornar permanente a avaliação institucional das atividades de Extensão Universitária como um dos parâmetros de avaliação da própria Universidade;
14. Valorizar os programas de extensão interinstitucionais, sob a forma de consórcios, redes ou parcerias, e as atividades voltadas para o intercâmbio e a solidariedade;
15. Atuar, de forma solidária, para a cooperação internacional, especialmente a latino-americana.

O FORPROEX (2012, p.16) estabelece também os princípios extensionistas, que são as cinco diretrizes que norteiam o documento da Política Nacional de extensão universitária. São elas: Interação Dialógica, Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, Impacto na formação do Estudante e Impacto e Transformação Social.

Tais diretrizes contribuem no fortalecimento da extensão nas universidades públicas brasileiras e têm dimensões complementares na formação educativa e em seu papel social.

Segundo o FORPROEX (2012, p. 16), a Interação Dialógica busca “o desenvolvimento de relações entre universidade e setores sociais marcadas pelo diálogo e troca de saberes”. Essa interação não consiste em estender o conhecimento acumulado pelas universidades para a sociedade, mas sim promover uma interação entre a universidade e a sociedade gerando um conhecimento novo, um intercâmbio da universidade para sociedade, e da sociedade para a universidade. A Interação Dialógica por se situar no campo das relações, do diálogo, pode-se dizer que essa diretriz é o centro da dimensão ética dos procedimentos de extensão universitária.

A questão da Interação Dialógica fica clara a partir de Paulo Freire (apud QUIMELLI, 2016, p. 19):

Ninguém pode saber tudo, assim como ninguém pode se ignorante de tudo. O conhecimento começa com a consciência de que se sabe pouco...E sabendo que eles sabem pouco, as pessoas estão preparadas para saber mais. Se possuíssemos conhecimento absoluto, este conhecimento não poderia existir... Uma pessoa que soubesse tudo não seria capaz de continuar sabendo porque ele/ela nunca poderia perguntar qualquer coisa. Os seres humanos constantemente criam e recriam o seu conhecimento, nisto eles são inconclusivos, seres históricos envolvidos em um ato permanente de descoberta.

Para que a diretriz de Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade (FORPROEX, 2012, p. 17) possa ser seguida nas ações de extensão, deve-se levar em consideração a combinação de especialização e visão holista, abrangente, promovendo a interação de arquétipos, considerações e metodologias vindas de diversas áreas do conhecimento, construindo alianças intersetoriais, interorganizacionais, interdisciplinares e interprofissionais. Reiterando o que já foi mencionado na diretriz anterior, e em outros momentos deste estudo, a troca de saberes, experiências, visões de mundo devem ser valorizadas nas ações de extensão.

Para Gomes (2016), a prática Interdisciplinar e interprofissional na extensão universitária desenvolve saberes que vão além dos teóricos-metodológicos, trazendo benefícios para os estudantes, pois vivenciam realidades e podem desenvolver habilidades de trabalho coletivo, experiência interprofissional; além disso, traz benefícios para os docentes, pois torna-se possível a substituição do ensino bancário pela horizontalidade, pelo ensino que preza o diálogo e benefícios para sociedade, valorizando a troca de experiências e saberes. Por ser um processo estudante-docente-sociedade, torna-se uma ação de interação colaborativa.

Uma das diretrizes, que na minha opinião, é a mais importante, pois estrutura o Ensino Superior Brasileiro, segundo a Constituição Brasileira (1988) é a Indissociabilidade Ensino – Pesquisa – Extensão (FORPROEX, 2012, p. 18). Mas o mesmo peso de sua importância reflete a dificuldade de se colocar em prática nas universidades. A indissociabilidade da extensão e ensino coloca, de certo modo, o aluno em posição de protagonismo em sua formação técnica, onde o aluno adquire as competências para sua atuação profissional e sua formação cidadã, que constitui no processo que permite ao aluno reconhecer-se como agente de garantia de direitos e deveres e de transformação social. Essa concepção traz o estudante como protagonista de sua formação, técnica e cidadã, e deve ser expandida em ações de extensão universitária envolvendo toda a comunidade acadêmica.

Levando em consideração os expostos acima, com a Indissociabilidade Ensino – Pesquisa – Extensão surge o conceito de que a “sala de aula” não se limita ao espaço de quatro paredes, onde as aulas são ministradas, indo muito além disso. Podemos entender que a “sala de aula” é qualquer espaço onde haja troca de conhecimentos, vide exemplo das derivas, que consiste em caminhar pela cidade de forma aleatória, procurando detalhes que quotidianamente não são percebidos, mas que neste momento conduzem a caminhada (informação verbal)[[7]](#footnote-7).

Outro ponto importante é o avanço do eixo pedagógico “aluno-professor” que se estende e incorpora a comunidade resultando em um novo eixo “aluno-professor-comunidade”, deixando o aluno e a comunidade de serem meros expectadores ou receptáculos de um conhecimento passando a ser parte de todo o processo em níveis de igualdade.

A relação entre pesquisa e extensão é fortalecida quando pensamos nas diversas possibilidades que passam a existir quando essas ações começam a ser articuladas em conjunto com a sociedade. A extensão, visando a produção do conhecimento, tem seus alicerces baseados nas metodologias participativas, que priorizam os métodos de análise com aplicação na participação dos atores sociais, favorecendo o diálogo entre todos os envolvidos.

Os dois pilares, pesquisa e extensão, sustentam os dois processos da vida acadêmica e nos faz refletir na importância da presença da extensão nos programas de pós-graduação, a incorporação de mestrandos e doutorandos nas ações de extensão desenvolvidas pelas universidades, e ainda temos, em contrapartida, o desenvolvimento de produção acadêmica a partir das atividades de extensão.

A extensão traz mudanças e transformações na vida dos universitários, essa afirmação fica clara na diretriz que se refere ao Impacto na Formação do Estudante (FORPROEX, 2012, p. 19). A participação dos discentes nas ações de extensão contribui com impactos positivos em sua formação. Não temos como negar a existência desse impacto, pois as experiências adquiridas pelo contato direto com questões contemporâneas da nossa sociedade possibilitam que os universitários enriqueçam tanto sua experiência teórica como metodológica e ainda permitem a colaboração com os compromissos éticos e solidários da universidade pública brasileira.

Para Sandra de Deus (2016, p. 89), a extensão universitária tem o papel e o dever de expandir suas atividades para a sociedade, pois ela “sobrevive e se recria a partir do contato com a diversidade que é apresentada no mundo fora da universidade”. Existindo este contato tudo pode se transformar. As pessoas ficam mais atentas com o que acontece nas questões sociais ao seu redor e o universitário vive a própria experiência promovida pelas ações de extensão.

Para que essas ações de extensão tenham bom desempenho é importante que a universidade tenha uma atenção voltada para esse pilar, buscando fomento para a extensão junto aos outros dois pilares, a graduação e a pós-graduação, buscando o fortalecimento de todos os pilares em conjunto.

Outra diretriz apontada no FORPROEX (2012, p. 20) é o Impacto e Transformação Social. Dentro das universidades públicas a extensão tem a importância de ser a engrenagem principal no mecanismo que estabelece a inter-relação entre a universidade e os setores da sociedade. Esse esforço da universidade procura criar uma ação transformadora que visa um direcionamento para os interesses e necessidades de grande parte da população, buscando proporcionar um desenvolvimento social e regional, assim como um aprimoramento das políticas públicas.

Diante do exposto, a diretriz Impacto e Transformação Social transmite um caráter político à extensão universitária, onde há a preocupação de que as ações ofertadas pelas universidades contemplem a diversidade da realidade social que temos no país e que ofereça contribuições para transformação do local onde acontece a ação.

A extensão universitária é troca, portanto, não é só a sociedade que busca o Impacto e Transformação Social, mas a universidade pública também deve ser impactada e transformada e, com isso, desenvolver e potencializar ações que são orientadas pelas demais diretrizes já discutidas anteriormente, tendo nas mãos das universidades públicas uma importante ferramenta capaz “de contra-arrestar as consequências perversas do neoliberalismo, em especial, a mercantilização das atividades universitárias, a alienação cultural e todas as mazelas que as acompanham” (FORPROEX, 2012, p. 20).

Visando o fortalecimento da extensão universitária, o FORPROEX (2012, p. 22) estabelece seis Princípios Básicos da Extensão, que estão relacionados com a compreensão das especificidades desse fazer acadêmico e de sua vinculação com o Ensino e a Pesquisa. São eles:

1. a ciência, a arte e a tecnologia devem alicerçar-se nas prioridades do local, da região, do País;
2. a Universidade não pode imaginar-se proprietária de um saber pronto e acabado, que vai ser oferecido à sociedade, mas, ao contrário, exatamente porque participa dessa sociedade, ela deve ser sensível a seus problemas e apelos, sejam os expressos pelos grupos sociais com os quais interage, sejam aqueles definidos ou apreendidos por meio de suas atividades próprias de Ensino, Pesquisa e Extensão;
3. a Universidade deve participar dos movimentos sociais, priorizando ações que visem à superação da desigualdade e da exclusão social existentes no Brasil;
4. a ação cidadã das Universidades não pode prescindir da efetiva difusão e democratização dos saberes nelas produzidos, de tal forma que as populações, cujos problemas se tornam objeto da pesquisa acadêmica, sejam também consideradas sujeito desse conhecimento, tendo, portanto, pleno direito de acesso às informações resultantes dessas pesquisas;
5. a prestação de serviços deve ser produto de interesse acadêmico, científico, filosófico, tecnológico e artístico do Ensino, Pesquisa e Extensão, devendo ser encarada como um trabalho social, ou seja, ação deliberada que se constitui a partir e sobre a realidade objetiva, produzindo conhecimentos que visem à transformação social;
6. a atuação junto ao sistema de ensino público deve se constituir em uma das diretrizes prioritárias para o fortalecimento da educação básica através de contribuições técnico científicas e colaboração na construção e difusão dos valores da cidadania.

Na minha experiência de 12 anos dentro da universidade pública, em *campi* novos, oriundos do Reuni e da expansão universitária ocorrida no início dos anos 2000, vejo um avanço da extensão universitária, mas não com a mesma desenvoltura que acontece no ensino e na pesquisa. A consolidação da extensão nas universidades é desafiadora. A Política Nacional de Extensão Universitária do FORPROEX (2012, p. 22) cita 13 dos principais Desafios para a Extensão Universitária:

1. redefinir e ampliar a chancela institucional das ações de Extensão Universitária, por parte das Universidades Públicas, de forma a imprimir a estas maior transparência, o que está em consonância com sua missão, tal como definida pelas mudanças correntes na educação superior;
2. estimular, por meio da Extensão Universitária, o protagonismo estudantil no processo de mudança da educação superior, tanto em âmbito nacional quanto subnacional (estadual e mesmo municipal);
3. garantir a dimensão acadêmica da Extensão Universitária, isto é, seu impacto na formação do estudante, superando certa tradição de desenvolvimento de ações isoladas – particularmente na área de prestação de serviços - que têm carecido dessa dimensão;
4. exercitar o papel transformador da Extensão na relação da Universidade Pública com todos os outros setores da sociedade, no sentido da mudança social, de superação das desigualdades, eliminando, nesse exercício, ações meramente reprodutoras do status quo;
5. fortalecer a relação autônoma e crítico-propositiva da Extensão Universitária com as políticas públicas por meio de programas estruturantes, capazes de gerar impacto social;
6. estabelecer bases sólidas de financiamento da Extensão Universitária, imprimindo aos processos, publicidade, transparência e continuidade, priorizando projetos vinculados a programas e, finalmente, superando a fragmentação e o caráter eventual dos recursos destinados às ações extensionistas;
7. definir o papel dos editais, dos planos plurianuais e dos orçamentos autônomos das Universidades Públicas, em relação a uma política regional e nacional de financiamento das ações de Extensão Universitária;
8. atualizar as áreas temáticas da Extensão Universitária, de forma a aumentar seu grau de consonância com os desafios contemporâneos e com as demandas inter e transdisciplinares;
9. atualizar os sistemas de informação e de avaliação da Extensão Universitária vigentes, superando a prática de registro de dados isolados e construindo indicadores que incorporem as dimensões Política de Gestão, Infraestrutura, Relação Universidade-Setores Sociais, Plano Acadêmico e Produção Acadêmica;
10. incorporar, ao leque de Indicadores de Avaliação da Extensão, aqueles referidos às dimensões acadêmica e qualitativa e aos impactos sociais da Extensão Universitária;
11. priorizar o desenvolvimento da Extensão Universitária enquanto produção de conhecimentos sistematizados, voltados para a emancipação dos atores nela envolvidos e da sociedade como um todo;
12. assegurar o uso de tecnologias educacionais inovadoras e efetivas nas ações de Extensão Universitária, de forma a garantir seu fortalecimento;
13. contribuir para o desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação, com destaque para as tecnologias sociais produzidas na interação com a sociedade, visando à inclusão social e à melhoria das condições de vida.

Dentro das universidades, as ações de extensão podem ser de seis tipos definidas pela Política Nacional de Extensão Universitária - FORPROEX (2012). São elas: programa, projeto, curso, evento, prestação de serviços; produção e publicação. Essas ações também devem se enquadrar em oito grandes áreas temáticas: Comunicação, Cultura, Direitos Humanos, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Trabalho. Recentemente, algumas universidades têm incluído mais uma modalidade de extensão − os observatórios − que podem ser institucionais, com foco na própria instituição ou *campus*, e os temáticos com base em algum assunto específico.

Para a garantia de uma implementação das ações de extensão dentro das universidades brasileiras, em 2014, foi proposta pelo Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024) a Curricularização da Extensão, que define como estratégia que os cursos de graduação devem assegurar 10% de seus créditos curriculares em programas e projetos de extensão universitária, conforme texto da Estratégia 12.7 do PNE 2014-2024.

Assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para as áreas de grande pertinência social.

Até 2015, para os alunos, a participação em atividades de extensão era validada somente com atividades complementares, não recebendo créditos curriculares pela participação em projetos ou programas de extensão. Com a curricularização das atividades de extensão nos cursos de graduação, a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão fica mais presente nas universidades e traz compreensão da experiência extensionista como elemento formativo, colocando o aluno, como já dito anteriormente, como protagonista de sua formação, isto é, ele deixa de ser um coadjuvante e passa a ser peça de todo o processo.

O PNE (2014-2024) orienta que a creditação da carga horária de extensão nos cursos de graduação acontecerá no âmbito de projetos e de programas de extensão, pois essas ações têm características típicas como uma longa duração (podendo durar um semestre, um ano, ou ter uma duração indeterminada e uma continuidade independente da entrada e saída de novos participantes), melhor possibilidade de articulação e coerência pedagógica entre as ações de extensão e os conteúdos das disciplinas, interação social, articulação entre áreas e setores.

Para encerrar este tópico referente à extensão nas universidades públicas brasileiras faço uma observação: em algumas literaturas com as quais tive contato para este trabalho, os técnicos-administrativos e os trabalhadores terceirizados são esquecidos como parte envolvida nessas atividades; então parece importante reforçar que o FORPROEX (2012) em diversos momentos exemplifica que fazem parte das ações de extensão os alunos, professores, técnico-administrativos, pessoas das comunidades, estudantes de outras universidades e do ensino médio.

## 2.2 Extensão e Cultura

O que tem por trás dos muros das universidades públicas brasileiras vai muito além das pesquisas científicas que vemos nos jornais, das descobertas de novas cepas de vírus que nos apavoram. Na universidade também se discute e muito sobre arte, dança, música, filosofia, política e cultura. Esses são assuntos frequentes e muito importantes na formação de nossos jovens universitários, e de toda uma sociedade que pode e deve ser beneficiada por essas ações promovidas pelas Pró-Reitorias de Extensão e Cultura das Universidades.

Normalmente, nem sempre lembrada e não tão valorizada, a extensão e cultura universitária tem uma importante função dentro e fora das universidades, pois estes são os pilares universitários que defendem que o conteúdo produzido pela universidade deva ser compartilhado com a sociedade.

A extensão e cultura universitária procura não apenas comunicar a sociedade sobre o que é feito na universidade, mas estender essa relação, estabelecendo com a sociedade uma conexão por meio de ações ativas de formação, como programas, projetos, cursos e eventos, promovendo assim a interlocução das atividades acadêmicas de ensino e de pesquisa. Na grande maioria das universidades públicas federais, a cultura é parte integrante da extensão universitária, ficando assim as Pró-Reitorias de Extensão e Cultura responsáveis pela difusão cultural e pelas ações culturais, políticas, educativas e científicas, realizadas através de metodologias participativas que contribuam com a construção do conhecimento e a transformação social.

Segundo o Artigo 215 da Constituição Brasileira (1988), “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”, e é baseada nesta questão que as universidades incluíram a cultura em suas Pró-Reitorias de Extensão a partir da metade dos anos 2010.

Enquanto nesse período muitas universidades aglutinaram a cultura às Pró-Reitorias de Extensão, duas universidades seguiram outro caminho e decidiram pela dissociação entre extensão e cultura. Vale a pena nos determos sobre esses dois exemplos aqui. A UFCA - Universidade Federal do Cariri (no Ceará) e a UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora (em Minas Gerais), têm constituídas suas Pró-Reitorias de Cultura, responsáveis pelas ações ligadas à cultura em suas instituições.

A Pró-Reitoria de Cultura da UFCA (2020) foi constituída em 2013, juntamente com a criação da própria UFCA, oriunda do desmembramento da UFC – Universidade Federal do Ceará. O órgão foi idealizado visando que a cultura, como uma divisão estratégica, formadora e que contribua para a comunidade e o desenvolvimento de seus estudantes, busque “estimular e reconhecer a cultura como fator fundamental ao desenvolvimento social, crítico e, principalmente, educacional na contemporaneidade”.

A valorização da Cultura pela UFCA está presente em seu estatuto (2020) no artigo 6º onde é mencionado que a universidade busca “estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo”, e nos princípios da UFCA fica evidente a importância que é dada à cultura devido aos reconhecimentos dessas atividades, artísticas, culturais e esportivas na formação de sua comunidade, tendo como fator fundamental o desenvolvimento social, crítico e educacional.

De acordo com o Plano de Cultura da UFCA (2019), assim como na extensão, na cultura as universidades propõem programas e projetos institucionais, que são ações que ocorrem de forma contínua e com temáticas específicas. Figuram no Plano de Cultura da UFCA cerca de 16 projetos e suas apresentações. Pessoalmente um deles me chamou a atenção, o Observatório Cariri de Políticas e Práticas Culturais que compreende, com um olhar reflexivo sobre fenômenos e práticas culturais, políticas da região do Cariri, contribuindo com a construção da Política Cultural da Pró-Reitoria de Cultura. Acredito que esse programa se destacou para mim, pois sou integrante do Observatório Institucional da EPPEN/Unifesp e por ser uma ação em que a cultura como política é valorizada dentro da instituição.

Segundo informações do Relatório de Gestão da UFCA (2019) no referido ano aconteceram 60 projetos de culturas e outras ações culturais cadastradas e apoiadas; 240 estudantes diretamente envolvidos nas ações e projetos; 03 modalidades de bolsas (esporte, arte e cultura); 124 estudantes beneficiados com bolsas de cultura no ano de 2019; 87 estudantes voluntários em ações e projetos e 5.085 pessoas como beneficiários diretos ou como público espectador de ações culturais.

A Pró-Reitoria de Cultura/UFCA possui uma estrutura organizacional bem estruturada, assim como todo seu site, onde disponibiliza diversos documentos sobre sua estrutura e atividades.

Já a UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora (2021) foi criada em 23 de dezembro de 1960, por ato do então presidente Juscelino Kubitschek, e no ano de 1969 foi construída a Cidade Universitária que sedia a universidade até os dias de hoje. Com a sua criação, a UFJF foi a segunda universidade federal no interior do país.

Em 2006, a UFJF decidiu pela criação de uma Pró-Reitoria de Cultura, voltada para a gestão de órgão anexo à universidade e ligado à cultura, como o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) e o Cine-Theatro Central. A esses órgãos posteriormente somaram-se o Centro Cultural Pró-Música, o Memorial da República Presidente Itamar Franco, o Museu de Arqueologia e Etnologia Americana (MAEA) e o Fórum da Cultura e o tradicional Coral da UFJF, com mais de 50 anos de atuação.

Com a constituição da Pró-Reitoria de Cultura da UFJF, a cena cultural de Juiz de Fora e região foi fortalecida, e o resultado disso foi a projeção no cenário nacional e internacional devido aos seus Museus, Espaços de Cultura e Áreas de Lazer, assim como eventos, tais quais o Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga.

A Pró-Reitoria de Cultura da UFJF (2021) diz que “ao demarcar sua contribuição para a cultura – lente pela qual o homem vê o mundo”, a UFJF estabelece a cultura como direito, propondo uma política cultural que tem a meta da universalização do acesso à cultura, onde cada cidadão é um agente cultural. A UFJF com as ações da Pró-Reitoria de Cultura busca democratizar os espaços culturais, valorizar os artistas e produtores culturais locais e contribuir na formação de sua comunidade.

A Pró-Reitoria de Cultura/UFJF (2021) segue os seguintes princípios:

1. Incentivo à produção cultural - Ampliação da política de promoção da cultura, oportunizando as produções acadêmicas e locais na orientação da democratização da cultura pela prática de seminários, exposições, publicações, shows, espetáculos, teatros, musicais, exibições cinematográficas e apoio às produções locais e ampliação das práticas culturais da UFJF.

2. Memória da cultura - Resgate e preservação da trajetória das diversas contribuições que constituem a cultura da cidade através de projetos que contemplam a memória cultural e social da cidade e da instituição.

3. Arte-educação: formação e cidadania - Difusão da cultura e ampliação do acesso do público às diversas atividades culturais, inclusive por publicações e cursos de extensão, aperfeiçoamento e especialização.

4. Dinamização dos espaços culturais - Revitalização dos espaços culturais da universidade e revisão de suas infraestruturas, garantindo a prática da cultura de qualidade e assegurando a contribuição exemplar da UFJF nas questões de conservação e preservação do patrimônio material móvel e imóvel.

5. Imagem da universidade - Fortalecimento nacional e internacional da imagem da universidade pelas possibilidades da prática da cultura, agente propulsor de integração social, por intercâmbio de ideias e parcerias que assegurem a permanência e a evolução da cultura.

A Pró-Reitoria de Cultura/UFJF não propõe ações de cultura como projetos e programas; suas ações são mais voltadas para as estruturas administradas pela UFJF, como Museus, Espaços de Cultura e Áreas de Lazer. Hoje a instituição administra 6 museus (Memorial da República Presidente Itamar Franco, Museu de Arte Murilo Mendes, Museu de Malacologia Maury Pinto de Oliveira, Museu da Farmácia Professor Lucas Marques de Amaral, Museu Dinâmico de Ciência e Tecnologia, Museu Dinâmico de Ciência e Tecnologia e Museu da Cultura Popular), 5 Espaços de cultura (Cine-Theatro Central, Centro Cultural Pró-Música, Fórum da Cultura, Casa de Cultura e Saguão da Reitoria) e 10 Áreas de lazer (Jardim Sensorial, Bicicletário/Ciclovia, Pista de skate, Academia ao Ar Livre, Parque Infantil, Área para caminhada, Instalações Esportivas da Faculdade de Educação Física, Praça Cívica/Concha Acústica, Centro de Vivência e Jardim Botânico).

Na UFJF, a dissociação do pilar extensão/cultura ocorreu, pelo que percebemos através da análise de informações no site, para um melhor gerenciamento de suas estruturas de cultura e lazer. A UFJF propõe ações relacionadas a essas estruturas que fazem parte da universidade, mas não propõem atividades ligadas diretamente à universidade, pois essas atividades continuam ligados à Pró-Reitoria de Extensão.

Já na UFCA a separação do pilar extensão/cultura veio para fortalecer a estrutura extensão/cultura e valorizar a cultura local/regional. Quando temos dentro da estrutura da universidade um órgão destinado à cultura como a UFCA fica clara a valorização desse tema, sendo possível verificar que a instituição atua bem nas ações culturais da universidade.

A dissociação do pilar extensão/cultura é algo muito recente que está iniciando em poucas universidades, acredito que ambas as propostas oferecem visões diferentes, que melhor atende às necessidades internas.

Neste item, procuramos trazer exemplos de universidades que, estabelecendo Pró-Reitorias específicas para a cultura separadas da área de Extensão, incentivam as ações relacionadas à cultura em seu campus e sublinham o seu papel na universidade e fora dela. Nas universidades que têm a cultura incorporada à área de extensão, já se percebe um ganho de qualquer forma; mas, como apresentado, isso é ainda pouco explorado dentro das universidades, tendo a cultura um papel coadjuvante ou secundário perante a Extensão.

Acreditamos que esse desmembramento entre cultura e extensão fomenta a discussão dentro das esferas administrativas de uma valorização da problematização da cultura e seu papel como manifestação com sentidos políticos dentro das universidades e junto aos estudantes, docentes e técnicos-administrativos, trazendo assim uma visão mais ampla do que a cultura abrange. Na sequência, analisamos, a partir da perspectiva dos estudos culturais, que a cultura alcança um papel central para pensar a contemporaneidade.

## 2.3

## A virada cultural no século XX e XXI

Nesse item, apresentamos e analisamos a perspectiva dos Estudos Culturais de base e origem britânica que tiveram seu início aproximadamente nos anos 1950/60.

Segundo Ana Carolina Escosteguy (2014), os Estudos Culturais, mais do que uma teoria, tratam de um movimento teórico-político, ressaltando tanto o aspecto político, com a tentativa da elaboração de um projeto político, quanto o aspecto teórico, isto é, visando a ideia de elaborar um novo campo de estudos. Richard Johnson (2014) ressalta que os Estudos Culturais ocuparam espaços reais que devem ser mantidos e ampliados e que as motivações políticas tornam os Estudos Culturais ainda mais importantes.

Pensando no viés político, os Estudos Culturais podem ser encarados como a política cultural ligada aos vários movimentos sociais da época. Já no viés teórico, demonstram a insatisfação com os limites impostos por algumas disciplinas, propondo a interdisciplinaridade (ESCOSTEGUY, 2014). Saliento aqui a intercessão com a extensão universitária, que também defende a questão da interdisciplinaridade em suas diretrizes.

Os Estudos Culturais constituem um campo interdisciplinar onde certas preocupações e métodos convergem; a utilidade dessa convergência é que ela nos propicia entender fenômenos e relações que não são acessíveis através das disciplinas existentes. Não é, contudo, um campo unificado. (TURNER, 1990, p. 11).

Nos anos 1960, surge o Departamento de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham e o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (*Centre for Contemporary Cultural Studies*), considerado responsável pela solidificação dos Estudos Culturais.

Os Estudos Culturais se iniciaram e se estabelecem a partir das explorações de Richard Hoggart, crítico da literatura britânica, inspirado em sua pesquisa *The uses of literacy* (1957), ao lado de Edward Palmer Thompson, com a obra *The making of the english working-class* (1963) e Raymond Williams, com o livro *Culture and Society* (1958). A partir daí começaram a ser organizadas as primeiras reflexões que iriam compor o campo de pesquisa que visa discutir as relações entre a sociedade, mídias e as culturas contemporâneas.

Os três autores foram imprescindíveis, mas segundo Escosteguy (2014), Williams teve destaque com seu texto *Culture and Society*, que trouxe grande contribuição teórica para a criação dos Estudos Culturais. Tanto para Williams como para Thompson, a cultura estava muito ligada às relações e às práticas cotidianas, estando o papel dos sujeitos ordinários em evidência. Thompson apenas não concordava com a questão da cultura como uma forma de vida global, mas optava por uma visão de cultura como uma luta entre modos de vida diferentes (ESCOSTEGUY, 2014).

Stuart Hall também tem grande importância na formação dos Estudos Culturais. Ele, ao substituir Hoggart na direção do CCCS entre 1969 e 1979, estimulou o desenvolvimento de estudos de caráter mais etnográficos, metodologia muito importante utilizada nesta dissertação, assim como as análises dos meios massivos e a investigação de práticas de resistência dentro de subculturas. Hall incentivou o uso da etnografia como metodologia no trabalho qualitativo nos Estudos culturais, devido ao interesse na investigação dos valores e sentidos vividos.

Segundo Escosteguy (2014) e Johnson (2014), os Estudos Culturais, para alguns, por detrás de seu caráter intelectual, têm um tom mais político do que analítico, tendo em vista o campo de estudos da cultura estar entrelaçado às questões da trajetória da *new left,* de movimentos sociais e de publicações, como a *New Left Review*. Após 1968, os Estudos Culturais ganharam destaque e se tornaram um motivador da cultura intelectual de esquerda, que refletiu em um impacto teórico e político que ultrapassou o mundo acadêmico, constituindo uma importante vinculação entre as questões intelectuais e a atuação política.

Para Johnson (2014), os Estudos Culturais sofrem a influência de três premissas. A primeira delas é a vinculação dos processos culturais com as relações sociais, de formação de classes, com a estruturação racial dentro das relações sociais e as opressões de idade. A segunda premissa diz respeito ao envolvimento entre cultura e poder, que contribui para as desigualdades nas capacidades relacionadas às satisfações de necessidades dos indivíduos e grupos sociais. A terceira defende que a cultura não é algo autônomo nem determinado, mas sim um local onde as diferenças e lutas sociais aparecem e disputam sentidos.

Para Johnson (2014), a relação dos Estudos Culturais com a política está no fato de que tanto a pesquisa como a escrita têm características políticas, mas não no sentido pragmático ou institucional, pois os Estudos Culturais não têm vínculos com alguma tendência, partidos políticos ou doutrina, mas este posicionamento político-intelectual e pela busca que ainda não está formada plenamente.

Yúdice (2004) cita o fato de que a cultura é uma luta política, como já afirmava o pensamento gramsciano, base dos Estudos Culturais. Segundo ele, o fato fica evidente quando, nos anos de 1980 e 1990, os conservadores e a doutrina neoliberal começam a exercer maior influência nas culturas através da eliminação de direitos e de programas que incentivavam a cultura para toda a sociedade e ausência do Estado. As universidades hoje acabam, apesar dos poucos recursos, indo na contramão desse pensamento: não na questão da cultura como política, pois nisso o pensamento gramsciano prevalece, mas as universidades são consideradas um espaço livre para essas manifestações culturais políticas sem que se tenha a influência de nenhuma instância interna ou externa à universidade.

Escosteguy (2014) defende que os Estudos Culturais tiveram uma aproximação aos processos históricos e às práticas sociais, resultando em uma grande preocupação com os produtos da cultura popular e da cultura de massa ligados à cultura contemporânea. Para Johnson (2020), os Estudos Culturais têm relação com o lado subjetivo das relações sociais e têm preocupações com formações mais amplas, como sociedades inteiras, e como elas se movimentam.

Hall (1997) afirma que o século XX nos trouxe uma “revolução cultural” com uma grande expansão e virada em que a cultura vem ganhando importância nas questões de organização da sociedade. A revolução cultural é resultado das transformações que estamos enfrentando desde a Revolução Industrial, mudando a vida cotidiana de todos nós. No período que se iniciou após a Revolução Industrial, o modo de vida das pessoas sofreu uma transformação. A diminuição do trabalho nas indústrias e o crescimento das atividades de serviço fomentaram o progresso nas culturas da vida cotidiana. Nessa mudança, o lazer começou a ganhar espaço na vida das pessoas (MORIN, 1976). O que acaba incentivando a cultura oriunda de atividades e locais voltadas para o lazer através de estruturas como museus e espaços de cultura e lazer.

Uma das consequências dessa expansão é uma certa tendência à homogeneização da cultura, em que as transmissões entre fronteiras através das tecnologias ocidentais podem resultar em um apagamento das particularidades e diferenças de cada cultura, produzindo uma cultura mundial pasteurizada e com características ocidentais. Entretanto, Hall assevera em várias de suas obras o quanto o global e o local negociam sentidos, disputam espaços e se retroalimentam, conformando um complexo jogo e de disputa por hegemonias (APPADURAI, 2004).

Outro fator que também influencia as transformações culturais são as questões geográficas. Diferentes localidades têm diferentes visões sobre as formas de cultura. Acreditamos que esse tenha sido um dos motivos para a UFCA (Universidade Federal do Cariri) em sua constituição inicial já ter uma Pró-Reitoria voltada à cultura. A região do Cariri, no Ceará, hoje é considerada umas das regiões de maior destaque cultural no Brasil, devido às suas manifestações populares, folclóricas, festas e artesanato. Na UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) já percebemos outras características ligadas à sua posição geográfica, com prováveis influências históricas devido à sua localização no sudeste do país e representantes locais que também participaram da história oficial do país e fazem parte das ações de cultura proporcionadas pela universidade.

Nesse sentido, Hall (1997) nos faz refletir sobre a expressão que dá título a um artigo seu do final dos anos 1990, a *Centralidade da Cultura*. Em sua análise, na segunda metade do século XX, houve uma “virada cultural”, e a cultura passou a assumir papel central na sociedade, penetrando “em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo” (HALL, 1997, p. 22-23). Ou seja, o que Hall argumenta é que se nem tudo pode ser reduzido à cultura, os demais aspectos da vida social ganharam a partir daí uma dimensão cultural, necessitando da construção e atribuição de sentidos construídos na e pela cultura. A cultura ganha, assim, uma centralidade como perspectiva de análise dentro das Ciências Sociais e Humanas, operando tanto num eixo ou nível substantivo (o lugar da cultura na estrutura empírica e na organização das atividades e relações sociais e econômicas) e num eixo ou nível epistemológico (como a cultura é usada para transformar nossa compreensão, explicação e modelos teóricos do mundo).

A expressão “centralidade” nos faz pensar sobre a maneira como a cultura chega a cada lugar, a cada região, a cada indivíduo e faz com que ela se prolifere para outros ambientes, pensando desta maneira que as dimensões culturais estão em tudo que nos cerca. Com um conhecimento sobre como foi a constituição das Pró-Reitorias de Cultura da UFCA e da UFJF, notamos que elas são o resultado de um processo de identificação, que acabam proporcionando diferentes posicionamentos; mais ainda, o quanto a cultura se tornou um ativo econômico no capitalismo pós-industrial e na era da informação, encampando noções como economia criativa e indústrias criativas.

Acreditamos por todo esse contexto mais amplo que as universidades passaram a valorizá-la e incluí-la em suas atividades acadêmicas e até curriculares. Hall (1997) afirma que hoje a cultura, como estudo, não pode ser considerada apenas uma variável sem importância, mas deve ser encarada como algo fundamental. A “centralidade da cultura” mostra como a cultura está inserida nos contextos do cotidiano social contemporâneo. A cultura está presente ao nosso redor, em todo tempo, e é influenciada pelos hábitos de consumo e modismos que envolvem nossa sociedade, recriando inclusive a existência de uma cultura herdada dos antepassados em formas performatizadas (YÚDICE, 2006). Por isso sua discussão e debate é tão importante, pois seu uso está sempre em disputa de interesses de grupos e pautas variadas.

Qualquer tipo de atividade que o jovem universitário participe dentro ou fora da Universidade vai elaborando sua identidade social, seja ela de pesquisa, ensino, extensão, cultura, lazer ou qualquer outro tipo de atividade. Pois, de acordo com Hall (1997), as identidades sociais são oriundas do que vivemos, das experiências que passamos, das histórias, de nossos pertencimentos e subjetividades; tudo isso nos torna um sujeito individual e coletivo graças às circunstâncias de nossas vidas. Pensando dessa forma, nossas identidades são formadas culturalmente. Isso nos remete a pensar que as identidades sociais estão, através da cultura, no interior da representação. As nossas subjetividades são frutos de um modo discursivo e dialógico de formação.

Ponderando nessas questões subjetivas relacionadas à “centralidade da cultura” (HALL, 1997), entende-se que ela é vista como uma força para a mudança global em questões históricas; ela transforma o cotidiano, forma as identidades sociais e individuais.

Tudo o que acontece no mundo e na vida social dos indivíduos reflete nas teorias, conhecimentos e compreensões. A cultura, como já observamos, vem sendo nos últimos anos valorizada e ganhando importância nas ciências humanas e sociais, mas para Hall (1997) essa valorização não ficou restrita apenas às questões de aprendizagem.

Quanto ao sentido epistemológico, “a virada cultural provocou no interior das disciplinas tradicionais, no peso explicativo que o conceito de cultura carrega, e no seu papel constitutivo ao invés de dependente, na análise social” (HALL, 1997, p. 32), a repercussão e expansão da cultura de uma forma mais ampla e abrangente de instituições e práticas. Isso nos leva à reflexão de que todas as práticas sociais acabam tendo uma dimensão cultural presente, o que reforça a justificativa deste estudo, de inspiração etnográfica, que fazemos no decorrer desta dissertação e que envolve duas instituições estudantis da EPPEN. Estas, mesmo não desenvolvendo apenas ações culturais propriamente ditas, têm toda sua movimentação e existência como resultados de práticas que também estão inseridas nessa dimensão de cultura. Lembramos que nem tudo é cultura, mas que “a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural” (HALL, 1997, p. 33).

Para Yúdice (2004), é necessário fazer uma abordagem da questão da cultura do nosso tempo, caracterizada como uma cultura de globalização acelerada, tornando-se um recurso. O papel da cultura expandiu-se como nunca para as esferas políticas e econômicas, ao mesmo tempo em que as noções convencionais de cultura se esvaziaram muito.

Em entrevista, Yúdice reforçou a ideia da cultura como recurso, deixando clara a sua importância para a solução de problemas sociopolíticos e econômicos. A cultura como recurso pode ser utilizada como um instrumento que ajuda no crescimento econômico, assim como na geração de empregos e na criação de formas de cidadanias culturais, como ele nomeia. Pode servir para a afirmação e identidade de grupos e sujeitos minorizados e subalternizados e para poderem se autorrepresentar e até gerar dividendos com isso (COSTA; WORTMANN, 2015).

Yúdice (2004) afirma que a partir do momento em que instituições poderosas mundialmente, como é o caso da União Europeia, do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), passam a entender a cultura como uma fonte decisiva de investimentos, as questões culturais e artísticas ganham outro valor e começam a ser tratadas como recurso financeiro.

A questão de a cultura atualmente ser considerada um recurso financeiro fica reforçada a partir da fala de James Wolfensohn (1999), presidente do Banco Mundial, quando disse que “a cultura material e expressiva é um recurso subvalorizado nos países em desenvolvimento. Ela pode gerar renda através do turismo, do artesanato e de outros empreendimentos culturais” (WOLFENSOHN apud YUDICE, 2004, p. 30-31).

Ainda pensando na cultura com recurso (YÚDICE, 2004), diversos organismos internacionais como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) percebem a cultura e as artes como qualquer outro recurso, e, portanto, uma esfera crucial para investimentos, pois são encaradas como um mecanismo catalisador do desenvolvimento humano. Os investimentos são analisados de forma que exista uma confiança de retorno para os investidores. Em uma breve pesquisa não localizei investimentos do BID em ações de cultura das universidades federais; diante disso percebemos que os investimentos em ações de cultura das universidades dificilmente recebem esses recursos, pois tais ações não darão nenhum retorno ou darão retorno irrisório financeiro aos investidores.

Em virtude dessa valorização da “cultura como recurso”, os investimentos de bancos internacionais como o BID acabam encontrando milhares de projetos culturais espalhados pelo mundo em busca de investimento. Yúdice (2004) alerta que esses investimentos são direcionados e limitados somente a segmentos culturais específicos, priorizando os que poderão dar um retorno mais garantido.[[8]](#footnote-8)

Um ponto presente em atividades de Extensão Universitária e presentes no estudo de Yúdice (2004) são as questões relacionadas à Economia Cultural. Impulsionadas por tendências artísticas e do multiculturalismo desde os anos 1990, vêm surgindo iniciativas que buscam incentivar a Economia Cultural ou Economia Criativa como também é conhecida. As atividades promovidas pelas ações relacionadas à Economia Criativa buscam sentidos de multiculturalismo através das obras de jovens artistas. Essas ações promovem também uma agenda sociopolítica, bem como programas econômicos; ressalto também que além de ser uma economia cultural, trata-se de dimensões de economia política.

Segundo Pereira *et al*. (2021, p. 204), embora a noção de criatividade já esteja na sociedade desde a década de 1990, e que alguns setores como mídia, design, moda, gastronomia e cultura já movimentem a Economia Criativa, o termo surgiu em 2001, e foi conceituado por John Hawkins. Para Hawkins, a criatividade é a principal ferramenta para o desenvolvimento de bens e serviços, constituindo a possibilidade da geração de novos empregos, produzindo riqueza e o retorno econômico.

Na UFCA (2019) existe o programa de Cultura Birô Cariri, que é um programa de economia criativa que visa fomentar o desenvolvimento socioeconômico de empreendedores criativos do Cariri. Com essa atividade promove-se uma articulação em rede e fortalecimento da economia criativa da região com base nos princípios da diversidade cultural, sustentabilidade, inclusão social e inovação, capitaneadas pela universidade.

A questão do turismo cultural (YÚDICE, 2004) também está inserida na Economia Criativa, em que são descritas cidades que sofreram transformações num momento pós-industrial. Ou seja, lugares que antigamente eram ocupados por outro tipo de atividade e hoje passam a abrigar estruturas turísticas, como é o caso do Porto Maravilha no Rio de Janeiro, que sofreu uma grande transformação para tornar o lugar mais aprazível ao turista. Mas como nesse tipo de intervenção nem tudo é positivo, essas iniciativas também revelam interesses privados e gentrificadores, pois na maioria dos casos a população que lá teve que se deslocar devido às desapropriações e ao aumento de preços do custo de vida no local.

Segundo Pereira *et al*. (2021), a noção de economia criativa bem como de cidades criativas surge por volta da década de 1990:

[...] passando a se tornar uma posição de estímulo ao imaginário e à participação pública para o processo de desenvolvimento sendo abraçada por políticos, técnicos, empresários como possibilidade de modelo alternativo neodesenvolvimentista (HERSCHMANN; FERNANDES, 2016). A cultura passa a ser encarada como ativo fundamental num contexto de capitalismo pós-industrial, era digital e do conhecimento, globalização e crises dos modelos industriais capitalistas (HERSCHMANN; FERNANDES, 2016). Assim, a cultura se faz essencial, devendo moldar o planejamento urbano das cidades, ao invés de ser vista como um acessório marginal (PEREIRA *et al*., 2021, p. 203).

A temática do turismo cultural nos faz pensar sobre as estruturas dessas universidades que têm uma aparente preocupação com a cultura, principalmente na UFJF, que dispõe de diversos museus e estruturas culturais e de lazer, mas não promove o local como alternativa de turismo cultural. A questão da exploração de toda a estrutura de cultura e lazer que a UFJF dispõe também poderia se enquadrar nas questões de conveniência da cultura (YÚDICE, 2004), que é uma estratégia comum em diferentes setores contemporâneos. Na noção de conveniência da cultura, como o próprio nome diz, a alta cultura pode ser utilizada para o desenvolvimento urbano, bem como o uso das culturas nativas, patrimônios culturais e nacionais podem ser utilizados em benefício do turismo.

Neste segundo capítulo foi possível, através dessa análise documental e conceitual, verificar as questões legais que envolvem a extensão universitária, assim como a forma como aconteceram os processos de criação e atuação das Pró-Reitorias de Cultura das Universidades Federais do Cariri e Juiz de Fora e o seu envolvimento cultural com a sociedade. Iniciamos também uma discussão sobre a cultura sob a perspectiva dos estudos culturais, trazendo as noções contemporâneas de centralidade da cultura (HALL, 1997) e sobre a conveniência da cultura (YÚDICE, 2004) unindo as questões discutidas pelos autores com a atuação da extensão e cultura das universidades em geral e nas Universidades Federais do Cariri e de Juiz de Fora.

Na UFJF, notamos que a dissociação do pilar extensão/cultura foi para um melhor gerenciamento de suas estruturas de Cultura e Lazer mais hegemônicas. A UFJF propõe ações relativas a essas estruturas que fazem parte da universidade, mas não propõe atividades ligadas diretamente à universidade; esse tipo de atividade continua associada à Pró-Reitoria de Extensão.

Já na UFCA a separação do pilar extensão/cultura veio para fortalecer a estrutura extensão/cultura e valorizar a Cultura local/regional. Quando temos dentro da estrutura universidade um órgão destinado à cultura como a UFCA, fica claro a valorização desse tema e foi possível verificar que a instituição atua fortemente nas ações culturais da universidade.

Pensando em uma conclusão para esta parte do trabalho, vemos que a discussão sobre a dissociação do pilar extensão/cultura está apenas iniciando, pois acreditamos que ambas as propostas das universidades analisadas oferecem visões diferentes, mas são exemplos profícuos para serem estudadas isoladamente com mais profundidade em trabalhos futuros.

A seguir, apresentamos as ações de extensão e cultura promovidas pelos grupos da EPPEN; elas podem ser institucionalizadas, ou seja, cadastradas junto à universidade, ou independentes, isto é, criadas somente pelos discentes que fazem parte do agrupamento. Estas, apesar dessa autonomia, possuem as mesmas questões relacionadas à cultura e à sua contemporânea centralidade.

## 2.4 Ações organizadas pela Atlética (institucionalizadas)

As ações escolhidas para estudarmos da Atlética e que estão disponibilizadas nos vídeosdo perfil do Instagram da Atlética Unifesp Osasco (@atleticaunifesposasco) foram institucionalizadas, ou seja, estão cadastradas na plataforma SIEX - Sistema de Informações de Extensão – Unifesp.

Apresentamos um pouco das ações institucionalizadas propostas pela Atlética Unifesp Osasco durante o período de atividades remotas devido à pandemia da covid-19.

Apesar de esta pesquisadora ser atualmente Coordenadora da CAEC - Câmara de Extensão e Cultura no campus Osasco, e no início desta pesquisa ser vice- coordenadora da mesma Câmara, as informações apresentadas nesta dissertação são de domínio público e estão disponíveis nos sites institucionais da PROEC – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unifesp, tendo a pesquisadora algumas percepções extras destas ações por ter participado da apresentação e avaliação das propostas junto à Câmara de Extensão e Cultura no campus Osasco.

### 2.4.1 Evento Sinta-se em Casa

O Evento *Sinta-se em Casa* 10 foi organizado pela Atlética da Unifesp Osasco em junho de 2020, durante a pandemia da covid-19, em parceria com profissionais no NAE – Núcleo de Apoio ao estudante da EPPEN. Na proposta apresentada, o evento contou com a colaboração de 13 pessoas entre alunos, servidores TAE (técnicos administrativos em educação) e palestrantes.

Esclarecemos que para cadastro de eventos, como é o caso do *Sinta-se em Casa*, os alunos têm a autonomia de cadastrar os eventos, sendo necessário somente adicionar um servidor na equipe como responsável técnico-científico, apesar de existir essa possibilidade, o cadastro do evento foi realizado pelo TAE Pedagogo do NAE.

No texto de divulgação utilizado na plataforma institucional SIEX - Sistema de Informações de Extensão[[9]](#footnote-9), a Atlética informa que o evento aconteceu através do Instagram da Atlética (@atleticaunifesposasco) em parceria com o Núcleo de Apoio ao Estudante - NAE, e convidou todos os membros da comunidade acadêmica a participarem da série de eventos do *Sinta-se em Casa*. A proposta do *Sinta-se em Casa* teve como objetivo conscientizar a comunidade sobre a importância da saúde física e mental em período de isolamento social e contou com a participação de profissionais da área da saúde, educação, nutrição, psicologia e outros e divulgou toda a programação proposta pelo grupo.

A Atlética informou também que a decisão pela disponibilização nas redes sociais, nesse caso o Instagram através de vídeos, tem o intuito de tornar esse conteúdo de livre acesso, disponível de forma aberta, irrestrita e atemporal, e por esse motivo não foram emitidos certificados aos participantes, mas somente à comissão organizadora e palestrantes.

O capítulo 3 desta dissertação apresenta algumas reflexões de inspiração etnográfica de 14 vídeos do evento *Sinta-se em Casa*, todas disponíveis no perfil do Instagram da Atlética Unifesp Osasco (@atleticaunifesposasco).

### 2.4.2 Projeto Saúde 10

O Projeto *Saúde 10* foi organizado pela Atlética da Unifesp Osasco em agosto de 2021 em conjunto com profissionais no NAE – Núcleo de Apoio ao estudante da EPPEN. Na proposta apresentada, o projeto contou com a colaboração de 16 alunos e três servidores TAE - técnicos administrativos em educação, sendo uma psicóloga, uma enfermeira e um pedagogo, este último responsável técnico-científico da proposta; pretendia atingir 50 alunos de ensino médio e 150 alunos de graduação da Unifesp.

Lembramos que para projetos ou programas os alunos não têm autonomia de fazer o cadastro dessas atividades; para o cadastro é sempre necessária a inserção e anuência de servidor Docente ou TAE, ao contrário dos eventos os alunos já têm essa autonomia, bastando adicionar um servidor na equipe como responsável técnico-científico.

O resumo do *Projeto Saúde 10* está divulgado no site da PROEC:

O Projeto Saúde 10 foi pensado com o objetivo de auxiliar a saúde mental dos alunos ingressantes da Unifesp, através da prática de exercícios físicos, dicas de entretenimento e alimentação. Tal disposição visa levar diversos tipos de alunos à uma melhor situação psicológica, visando a melhor adesão e adaptação ao curso escolhido pelos mesmos. Suas esferas de atuação incluem conscientização de temas de importância coletiva, saúde mental e física, e entretenimento. Seus colaboradores se preocuparam em agregar profissionais de sucesso e qualidade, para uma contribuição verdadeira e efetiva, além disso, envolveram nesta pauta diferentes corporações, coletivos e instituições internas e externas. Conclusivamente, seus benefícios alcançam patamares quase que imensuráveis, beneficiando tanto os alunos, foco principal do intento, quanto os proponentes com o alcance e divulgação de seus trabalhos. Por fim, é imprescindível pontuar a participação efetiva e indispensável dos profissionais do NAE (Núcleo de Apoio aos Estudantes), na proposição e perfeito funcionamento do projeto. (PROEC, 2022).

Como notamos acima, o *Projeto Saúde 10* é bem semelhante ao *Sinta-se em Casa* propondo ações que visam o bem-estar da saúde física e mental em período de isolamento social. Essa preocupação com o conforto e aconchego foi trazida para discussão no capítulo 3 nas solidariedades digitais que surgiram na época da pandemia da covid-19. Ainda apresentamos algumas reflexões de inspiração etnográfica de 5 vídeos do *Projeto Saúde 10*, todos disponíveis no perfil do Instagram da Atlética Unifesp Osasco (@atleticaunifesposasco).

## 2.5 Ações organizadas pela Pirateria (não institucionalizadas)

Ao contrário das ações propostas pela Atlética, que foram institucionalizadas, ou seja, cadastradas na plataforma SIEX - Sistema de Informações de Extensão, as ações propostas pela Pirateria e disponibilizadas nos vídeosdo perfil do Instagram da Pirateria (@pirateriaunifesp) não foram cadastradas institucionalmente e estão presentes em menor número em comparação àquelas da Atlética Unifesp Osasco.

Pelo fato de as ações não terem sido cadastradas nas plataformas da universidade não temos acesso à descrição ou ao projeto proposto pela Pirateria. Lembramos que provavelmente essas ações aconteceram de forma autônoma, sem a participação direta de nenhum servidor da Unifesp.

Diante desta diferença inicial, notamos que a Pirateria possui um caráter mais coletivo, sendo mais autônomo. Já a Atlética tem características de agrupamento juvenis, não demonstrando o viés da autonomia diante dessas ações pesquisadas.

### 2.5.1 Recepção dos Bixos 2021

Na série de vídeos referentes à Recepção dos Bixos 2021 foram disponibilizados 8 vídeos curtos, no período compreendido entre abril e maio de 2021, contendo o que é a Pirateria e onde ela se apresenta; a apresentação da coordenação da Pirateria, depoimento dos “bixos”; apresentação dos instrumentos utilizados pela Pirateria como surdo, chocalho, tamborim, agogô, caixa, ripa; e depoimento dos veteranos.

No capítulo 3 apresentamos algumas reflexões de inspiração etnográfica desses 8 vídeos curtos referentes à Recepção dos Bixos 2021 que estão disponíveis no Instagram da Pirateria (@pirateriaunifesp).

### 2.5.2 Mês do Orgulho LGBTQIA+

Na série de vídeos referentes ao Mês do Orgulho LGBTQIA+foram disponibilizados 3 vídeos curtos com fala de professores e integrantes da Pirateria referentes à comemoração do Mês do Orgulho LGBTQIA+, em junho de 2021.

No capítulo 3 apresentamos algumas reflexões de inspiração etnográfica desses 3 vídeos curtos referentes ao Mês do Orgulho LGBTQIA+2021 que estão disponíveis no Instagram da Pirateria (@pirateriaunifesp).

Isto posto, finalizamos este capítulo sobre a discussão da extensão e cultura das universidades federais brasileiras e sua ligação com os estudos culturais e a centralidade da cultura no mundo contemporâneo. Na sequência, analisamos as ações dos agrupamentos da EPPEN e discutimos sobre as questões da etnografia digital e das solidariedades digitais.

# CAPÍTULO III –

# EXPERIÊNCIAS DE ETNOGRAFIA DIGITAL

Neste terceiro capítulo, trazemos a experiência de trabalho de campo com inspiração da etnografia digital, iniciando com uma discussão conceitual sobre etnografia e etnografia digital. Após isso, são apresentadas nossas reflexões e análises dos vídeos publicados e disponibilizados no Instagram da Atlética e da Pirateria referentes às ações realizadas no período de distanciamento social, compreendido entre março de 2020 e março de 2022, bem como a análise do *Evento de recepção online* da Atlética e da Pirateria, ocorrido em 2021.

## 3.1 Etnografia e pesquisa de campo de inspiração etnográfica

Como já mencionado anteriormente, esta dissertação usa como metodologia um trabalho de campo de inspiração da etnografia digital. Expomos a noção de inspiração etnográfica, em diálogo com Pereira *et al*. (2022) e não etnografia. Isso porque não nos foi possível a realização de uma etnografia nos moldes antropológicos canônicos, que supõem tempo longo de inserção e levantamento e produção de dados de campo (digital e presencial, bem como pela impossibilidade de realizar um relato etnográfico ligado ao “fazer” do antropólogo, por este motivo utilizamos a metodologia da etnografia como inspiração no nosso estudo de campo.

Segundo Gilmar Rocha (2006), a etnografia corresponde à descrição dos hábitos de povos e gentes; essa descrição dos costumes demonstra as diferentes formas de cultura existente nos povos. No passado, o etnógrafo imaginava que suas descrições eram isentas de juízo de valor. Ao longo do século XX, com a institucionalização da etnografia como ciência social e as críticas a ela, a figura do antropólogo e sua subjetividade, pessoa que realiza a etnografia, passa a ser vista como parte integrante do estudo, não sendo mais isenta de juízo de valores.

Miguel Angrosino (2009, p.30) define que a “etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano - suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças”. Sendo a etnografia a descrição de um povo, ressalta-se a importância de que ela estuda pessoas e não indivíduos separadamente. A etnografia lida com o coletivo, com grupos organizados, com a sociedade e a comunidade (ANGROSINO, 2009). Essa ponderação trazida por Angrosino (2009) faz com que se confirmem nossos propósitos presentes nesta dissertação: estamos aqui utilizando a inspiração etnográfica não para estudar os indivíduos, as pessoas que fazem parte da Atlética ou da Pirateria, mas sim este agrupamento – seus valores, ideias, práticas – num momento tão específico, como foi o isolamento causado pela pandemia da covid-19.

Rocha (2006) complementa que até o início do século 20 a figura do antropólogo e do etnógrafo eram distintas, mas nesse período elas se fundem, surgindo o antropólogo social ou cultural que existe hoje, a saber, um profissional que tem uma formação acadêmica e o trabalho de campo utilizando a etnografia como método de pesquisa, tendo assim a legitimidade conquistada de pesquisa de observação-participante, tornando-se a etnografia um sinônimo de pesquisa de campo.

A partir do século 20, as atividades dos etnógrafos vão ganhando maior destaque e com isso as discussões teórico-conceituais e novas pesquisas começam a ser estimuladas; o antropólogo passa a se deslocar da sua comunidade e começa a estudar a realidade de outras sociedades. Rocha (2006, p.102) reforça a ideia de que para se conhecer o concreto, a realidade social, de uma determinada comunidade é fundamental “‘estar lá’, é preciso ir ver de perto o ‘nativo’”, fazendo com que as viagens deixassem de ser apenas uma experiência exótica ou aventura, passando a ser uma etapa fundamental no processo do trabalho de campo.

A partir desses deslocamentos começam a ser feitos diários de campo, relatórios, que resultem em narrativas com o objetivo mostrar ao leitor a experiência e a interação em outra sociedade ou comunidade (ANGROSINO, 2009). Rocha (2006) relata que a etnografia é uma forma de inscrição do discurso antropológico moderno e que, através do relato ou da escrita etnográfica, a antropologia vem se modelando histórica e culturalmente, sendo a etnografia o modo cultural da escrita do antropólogo. Essa escrita etnográfica procura mostrar a cultura do “outro”, porém parte da cultura do etnógrafo que está presente na narrativa do texto, numa fusão de horizontes de compreensão.

Levando em consideração os apontamentos de Rocha (2006), as narrativas etnográficas expressam a experiência que envolve um processo de reflexão e de interpretação do próprio etnógrafo, sendo algo performativo.

Os textos etnográficos expressam valores, ideias, sensibilidades, enfim, ‘estruturas de significados e pensamentos’, às vezes muito mais relacionados aos antropólogos do que aos nativos em cena. Conclui-se que a etnografia não se restringe a uma estratégia de trabalho de campo com fins à descrição das culturas nativas em termos de performances textuais. Esta também dramatiza muito das experiências dos antropólogos. A etnografia, então, performatiza um modo de ação reflexiva na qual, por meio da escrita transformada em narrativa, personagens são acionados, verdades relativizadas, sentimentos ritualizados, enfim, culturas são inventadas. Em suma, pode-se dizer que a etnografia constitui uma importante categoria de pensamento na antropologia. (ROCHA, 2006, p. 108).

Já para Janice Caiafa (2019), a etnografia é um método de pesquisa que surgiu a partir do seu desenvolvimento na antropologia e que acaba se articulando às questões ligadas ao campo da Comunicação.

A etnografia é considerada um método de pesquisa qualitativa que desenvolve seu trabalho em campo e que envolve em seguida a escrita de observação do etnógrafo. Caiafa (2019) afirma que a etnografia se diferencia dos demais métodos qualitativos, pois a produção de dados é originada do encontro inesperado que ocorre no trabalho de campo, através da técnica de pesquisa que é a observação participante. Caiafa (2019) lembra que a observação participante trazida pela etnografia traz uma grande contribuição para as pesquisas nas ciências humanas e sociais, sendo um importante recurso de simetrização.

Caiafa (2019) ainda reforça que a potência da etnografia é benéfica quando passa a conquistar os pesquisadores de outras áreas do conhecimento, fora da antropologia. Nas ciências humanas, a etnografia pode ajudar a diminuir a distância entre sujeito e objeto de conhecimento. A comunicação acaba se beneficiando dessa interdisciplinaridade que a etnografia vem nos trazendo nesses últimos anos. Para Caiafa (2019), a observação intensiva e participante trazida pela etnografia, assim como a descrição dessas vivências, trazem benefícios para os estudos da comunicação e para os estudos urbanos.

Para Felinto (2001) citado por Caiafa (2019, p.44), o uso da etnografia nos estudos da comunicação ajuda no deslocamento do foco da discussão sobre o objeto e traz a ênfase para a materialidade expressiva, que “consistiria antes de tudo em afirmar que os atos de comunicação envolvem necessariamente a presença de um suporte material, mas também em mostrar que estão informados por seu contexto político, econômico e social”. José Luiz Braga (2004) também citado por Caiafa (2019, p.44) assevera que a comunicação é um campo ainda em construção, e que se beneficia com um maior diálogo com outros campos das ciências sociais e humanas.

Apesar da existência de alguns manuais e guias de etnografia, Rocha (2006) esclarece que, entre os antropólogos, a opinião é unânime de que não existe uma “receita” para realizar um trabalho de campo etnográfico, e que os manuais e guias publicados retratam uma singularidade sócio-histórica.

Já para Eduardo Restrepo (2016), a etnografia é um ofício que só se aprende com a prática, assim como o trabalho dos pescadores ou artesãos. Lembramos aqui da dificuldade que tivemos para realizar as reflexões de inspiração etnográficas presentes nesta dissertação. Devido à nossa falta de experiência, inicialmente os textos frios e distantes, apenas um relato do que estávamos vendo. Porém, a etnografia vai muito além de simples relatos descritivos.

Ainda segundo Restrepo (2016), a etnografia pode ser definida como a descrição do que um grupo faz, tendo interesse nas práticas (o que fazem) e nos significados que essas práticas têm para estas pessoas; a articulação entre prática e significado formam o escopo da etnografia. Ou seja, o estudo etnográfico busca descrever contextualmente o complexo e o específico, as relações entre práticas e significados em grupos específicos sobre um assunto particular, independentemente de ser uma atividade ou uma rede social que, no caso, é o foco das etnografias presentes nesta dissertação. Um saber situado.

Esse saber situado está relacionado com o modo de viver, de imaginar, de fazer e de significar o mundo para as pessoas envolvidas no estudo. Também são situados, pois estão relacionados com as experiências da observação, das inferências, das conversas, das interpretações do etnógrafo naquele momento, ou seja, o etnógrafo também atribui significado a partir das suas trajetórias e relações sociais (RESTREPO, 2016).

Neste ponto, vale ressaltar onde essa pesquisadora se situa. Estou na Unifesp – Universidade Federal de São Paulo, desde fevereiro de 2010, passando pelos campus Baixada Santista e na EPPEN – campus Osasco. Minha inserção na Unifesp, mais especificamente no campus Osasco, foi de grande valia para a construção deste estudo. Nos oito anos de EPPEN, atuei em três pilares da educação: ensino, pesquisa e extensão, como secretária executiva. Até meados de 2020, eu era a responsável pela comunicação da EPPEN e secretária da CAEC Osasco, mas em setembro de 2020 tive a oportunidade de ser escolhida vice-coordenadora da CAEC - Câmara de Extensão e Cultura do campus Osasco, me mantendo também na coordenação da Comunicação da EPPEN. Vale aqui lembrar que as funções de coordenação e vice-coordenação dentro das universidades federais são ocupadas em sua imensa maioria por docentes e, nesse caso, estava sendo ocupada por mim, uma TAE (técnico-administrativo em educação), secretária executiva. Em outubro de 2022, fui eleita coordenadora da CAEC campus Osasco me mantendo também na coordenação de Comunicação da EPPEN.

Considero importante essa informação, pois muito do meu “saber situado” está presente nesta dissertação. Toda a minha vivência na Unifesp, principalmente na área de extensão e cultura, está aqui permeada nas discussões e análises apresentadas. Mariza Peirano (2008, p. 4) traz a afirmação que reitera nossa ponderação, pois “a personalidade do investigador e sua experiência pessoal não podem ser eliminadas do trabalho etnográfico. Na verdade, elas estão engastadas, plantadas nos fatos etnográficos que são selecionados e interpretados”.

Trouxemos para esta discussão conceitual sobre a etnografia a inclusão do uso dessa metodologia como inspiração no campo da Comunicação para reforçar a justificativa sobre a nossa escolha metodológica. Como o estudo aconteceu no período de distanciamento social, e a análise está baseada em materiais digitais como vídeos disponibilizados no Instagram da Atlética Unifesp Osasco (@atleticaunifesposasco) e Pirateria (@pirateriaunifesp), iniciamos a discussão sobre o uso da etnografia nos meios digitais tão presentes nos últimos dias.

## 3.2 Etnografia Digitais

Devido ao distanciamento imposto pela pandemia, o trabalho de campo presencial que havíamos imaginado junto aos agrupamentos estudantis não puderam ser realizados. Como já explicamos, optamos por utilizar uma metodologia com inspiração da etnografia digital.

Para começar, buscamos um pouco a nomenclatura utilizada para descrever esses estudos etnográficos que vêm sendo realizados através do convívio pela internet por conta da pandemia. Segundo Beatriz Polivanov (2014, p. 65), nos anos 1990 diversos nomes foram criados para “adaptar” os estudos etnográficos que aconteciam nos meios digitais como netnografia, etnografia virtual, webnografia e ciberantropologia. Abaixo, apresentamos o quadro elaborado por Polivanov (2014, p. 65) que, de modo esclarecedor, apresenta as principais terminologias referentes ao trabalho nos meios digitais:

**− Netnografia:** Neologismo criado no final dos anos 90 (net + etnografia) para demarcar as adaptações do método etnográfico em relação tanto à coleta e análise de dados, quanto à ética de pesquisa. Relacionado aos estudos de comunicação com abordagens referentes ao consumo, marketing e aos estudos das comunidades de fãs. (...)

**− Etnografia digital:** Explorar e expandir as possibilidades da etnografia virtual através do constante uso das redes digitais, postando o material coletado. Outro objetivo é a criação de narrativas audiovisuais colaborativas em uma linguagem que sirva como material de estudo, mas atinja também um público extra-acadêmico.

**− Webnografia**: Alguns autores o utilizam enquanto um termo relacionado à pesquisa aplicada de marketing na internet, relacionado à questão das métricas e audiências dos sites, principalmente em ambientes de discussão (...) assim como netnografia, webnografia também é utilizada tanto para pesquisas acadêmicas quanto mercadológicas.

**− Ciberantropologia**: (...) Baseia-se nos conceitos da antropologia ciborgue de Donna Haraway para examinar a reconstrução tecnológica do homem e preparar o etnógrafo para lidar com uma categoria mais ampla de ‘ser humano’ em suas reconfigurações. (POLIVANOV, 2014, p.65).

Para Polivanov (2014), a etnografia digital é a oportunidade de explorar e expandir as propriedades e os usos e interações na internet, por meio das atividades que acontecem nas redes digitais. Ela afirma, em diálogo com Hine (2015), que a comunicação na internet, de forma digital ou virtual, refere-se aos modos como essas interações entre os atores sociais são realizadas e aos próprios resultados dessas interações, cabendo ao pesquisador discutir como ela afeta o pesquisador.

Hine (2015) foi uma das primeiras pesquisadoras que começou a utilizar a etnografia em ambientes virtuais e a denominar essa atividade como etnografia virtual (*Virtual Ethnography)* na virada do século XX para o século XXI.

Em etnografias presenciais ou digitais/virtuais há a produção de um conhecimento situado, em que o pesquisador é sujeito ativo e explícito na construção deste conhecimento obtido, colocando-se com sua subjetividade e perspectiva ao analisar interações, formas de convívio, olhares e sensações sobre o mundo de seus grupos pesquisados. No acompanhamento on-line das atividades juvenis universitárias que temos observado, fica clara a noção de Hine (2015) quando analisa o que ela chama de Internet 3Es, (*embbeded, embodied and everyday*) traduzida para o português como incorporada, corporificada e cotidiana[[10]](#footnote-10). Estes três aspectos são entendidos tanto como características da nossa relação com a internet hoje como são também três formas de se aproximar do campo etnográfico on-line, ou ainda formas de abordar e compreender os grupos analisados.

A internet incorporada (*embbeded)* para Hine (2015) refere-se à internet que se torna entrelaçada às nossas vidas pelo seu uso de múltiplas formas. Com o passar dos anos, a pesquisa etnográfica na internet − que chegou a ser motivo de descrédito pelos mais conservadores − com o passar do tempo foi ganhando um espaço significativo no mundo acadêmico, sendo cada vez mais valorizada e legitimada. A partir desse momento, a internet passou a ser considerada um campo para ter conhecimentos de como as pessoas se comportam no ambiente on-line, emergindo, assim, como cenários sociais ordenados uma vez que a internet passou a estar incrustrada no cotidiano das pessoas. Com isso, a internet incorporada traz desafios para o etnógrafo devido às mudanças, à imprevisibilidade e à agilidade da internet. Atualmente, com a incorporação da internet em nosso cotidiano, a noção de que existam duas identidades, uma virtual e outra real, já está descreditada, uma vez que hoje ela é parte de nós, ou seja, já está incorporada às nossas vidas.

No que se refere ao segundo “E” de Hine (2015), hoje estar na internet é uma extensão do nosso cotidiano, dadas as formas corporificadas *(embodied*) de agir no mundo. Portanto, ainda que a pessoa esteja concentrada, interagindo no mundo on-line, isso não substitui a experiência corporal, ou seja, esse usuário da internet continua sendo um indivíduo corporificado. Como através da internet é possível que existam envolvimentos corporais e emocionais, o ambiente da internet não se torna menos significativo para uma etnografia (HINE, 2015). Com a pandemia da covid-19 isso ficou mais claro ainda para todos nós, pois muitas atividades que desempenhávamos presencialmente passaram a acontecer no mundo virtual, como é o caso de aulas, reuniões profissionais e até mesmo o momento de descontração como *happy hours* ou encontros e relacionamentos amorosos e sexuais.

Hine (2015) conclui seu terceiro “E” afirmando que a internet atualmente já é considerada cotidiana (*everyday*), naturalizada e mundana, já que nos relacionamos através dela como seres sociais incorporados e corporificados. O fato de a internet ser cotidiana traz um novo desafio na atividade do etnógrafo, por ser um novo ambiente que pode causar mudanças sociais. Conforme a internet vai se tornando cada vez mais incorporada ao cotidiano, fica mais difícil de separá-la do fluxo geral da existência, não ficando claro quais mudanças podem ou não ser atribuídas à internet.

Estes três aspectos, os 3 Es (incorporada, corporificada e cotidiana), são entendidos tanto como características da nossa relação com a internet hoje como são também três formas de se aproximar do campo etnográfico on-line, ou ainda formas de abordar e compreender os grupos analisados.

Podemos confirmar esse apontamento de Hine (2015) devido ao fato de a Internet já estar incorporada (*embedded*) ou já fazendo parte da vida da Atlética e da Pirateria antes mesmo da pandemia; e, no momento de distanciamento social isso ter se mostrado ainda mais, ganhando protagonismo nas interações sociais. A questão da corporificação (*embodied*) também é constatada, uma vez que as atividades que aconteciam no presencial tomaram o espaço da internet com aulas sobre instrumentos e modalidades no formato virtual, salientando esse uso do corpo na virtualidade. A cotidianidade (*everyday*) é atestada, pois a internet foi incorporada à rotina dos agrupamentos analisados. Como exemplo, os ensaios da bateria que aconteciam aos domingos presencialmente continuaram acontecendo, talvez em outros dias, sendo absorvidos no novo cotidiano ou na nova rotina virtual.

Daniel Miller (2021) também nos lembra da relevância da etnografia digital, e isso fica claro quando ele discute a questão dos estudos etnográficos que precisaram se adequar à realidade do isolamento que vivemos em virtude da pandemia. No começo da pandemia, em abril de 2020, Miller divulgou um vídeo nas redes (que depois foi transformado em texto), direcionado aos pesquisadores e etnógrafos que estavam descontentes e perdidos com essa nova situação que enfrentamos devido ao isolamento que causou impossibilidade de ir a campo para realizar suas pesquisas. Miller (2021) afirma que passamos por transformações e que apesar de todas as restrições enfrentadas pela pandemia, mesmo assim é totalmente viável a realização de uma etnografia. E essa etnografia, realizada de forma virtual, é tão significativa, original e perspicaz como as que são realizadas fora do virtual.

Miller (2021) lembra que, mesmo antes da pandemia, uma orientanda teve que alterar sua pesquisa etnográfica que acontecia presencialmente para a forma on-line, via webcam, pois estava distante de seus sujeitos de pesquisa, impossibilitando os encontros presenciais. Miller (2021) descreveu que essa aluna relatou que o contato com as mesmas pessoas − antes presencial e depois de forma on-line − estava mais aberto, sendo faladas coisas particulares ou íntimas, que no presencial não ocorriam ou não apareciam.

Enfim, o que podemos compreender nesta discussão sobre o trabalho etnográfico digital ou virtual é que interações on-line/virtuais são tão legítimas quanto as presenciais. Em todas elas há mediações que, neste caso, são via tecnologias digitais. Mônica Machado (2017, p. 3) afirma que “as mídias sociais não são produtoras de homogeneização, as expressões digitais são plurais e diacrônicas. É preciso investir sempre em um olhar para o ambiente digital como uma invenção local dos seus usuários”.

As questões da etnografia virtual nesta dissertação se articulam às questões das solidariedades digitais em tempos de pandemia, trabalhado por Georgiou (2020). A autora realiza uma discussão sobre as solidariedades digitais, espaço público e pandemia, argumentando sobre o início da pandemia, quando tivemos que estar preocupados e cautelosos mantendo distância das pessoas que fazem parte dos nossos meios sociais. Tendo em vista esse distanciamento, se iniciou uma movimentação e dinamização de novas formas de apoio, colaborações e solidariedades com outras pessoas de uma forma virtual. Segundo Georgiou (2020), existe um paradoxo, pois esse fechamento da vida pública que enfrentamos nas cidades − e nas universidades, fechadas por dois anos − fez com que essa separação física que fomos obrigados a vivenciar nos levasse a criar e recriar novas formas para estarmos mais próximos.

Diante do exposto por Georgiou (2020), acreditamos que a necessidade de proximidade, aconchego e bem-estar fez com que os alunos da Atlética e da Pirateria se preocupassem com essa aproximação entre eles e com os alunos ingressantes das turmas de 2020 e 2021, que chegaram à universidade nos tempos da pandemia onde todas as atividades estavam acontecendo de forma remota.

Georgiou (2020) relata que as redes de grupos de ajuda mútua começaram a ficar muito visíveis no Reino Unido no início de março de 2020, com grupos concentrados inicialmente na região central de Londres, e que em poucas semanas se transformaram em milhares de redes locais de solidariedade, e outras micro redes que são organizadas por WhatsApp e estão espalhados por todo o país. Em sua maioria, essas redes estão organizadas dentro das cidades.

Nos exemplos relatados por Georgiou (2020), ela cita que a interação para essa dita solidariedade digital acontecia por micro redes através do WhatsApp. Acreditamos que a interação através dos grupos de WhatsApp da Atlética e da Pirateria tenha sido muito rica e cheia de especificidades; mas para este estudo nos atentamos ao que eles publicaram nas redes sociais – e no Instagram especificamente − uma vez que o alcance do material publicado por eles não fica restrito e sim disponível na internet e aberto ao público.

## 3.3 Publicações nas redes sociais da Atlética e da Pirateria

A metodologia da etnografia utilizada como inspiração (HINE, 2015) é um método distinto, pois ressalta o envolvimento da pesquisadora com o campo, proporcionando a possibilidade de um engajamento na coleta de dados e na interpretação dos resultados. As pesquisas que utilizam a metodologia de etnografia ou que têm inspirações etnográficas imergem no contexto de seu foco de pesquisa e trazem o ponto de vista de quem vive essa experiência. Uma das características da pesquisa é a construção de um caderno de anotações ou de um relatório onde fica explícita sua participação e envolvimento junto ao cenário da pesquisa. Pensando na atualidade, com a importância que temos da Era da Internet, a pesquisa etnográfica “continua a desenvolver uma forma distinta de conhecimento através do estar, fazer, aprender e praticar e por uma associação próxima com aqueles que fazem o mesmo no decorrer de suas vidas cotidianas” (HINE, 2015).

A participação de forma on-line da atividade de *Recepção de Ingressantes de 2021*, que ocorreu em maio de 2021, organizada pela Unifesp, pela EPPEN e pelas instituições estudantis, deu início ao acompanhamento das atividades que tiveram o protagonismo da Atlética e da Pirateria.

Com base nos estudos da etnografia virtuais, pretendemos verificar a presença do acolhimento e de formas de solidariedade digitais presentes na apresentação da Atlética Osasco e da Pirateria na Recepção de Ingressantes de 2021 dos alunos de graduação da Unifesp e nos vídeos disponibilizados no Instagram da Atlética (@atleticaunifesposasco) e da Pirateria (@pirateriaunifesp).

Ludmila Lupinacci (2021) afirma que a pandemia nos tirou do estado de normalidade, tornando mais complexas as formas e possibilidades de estar presente, fazendo valer as tecnologias de comunicação. Essa “bagunça” trouxe o digital para nosso cotidiano confinado. Ficamos todos sem poder sair de casa e com isso tudo que acontecia do lado de fora da nossa casa se tornava remoto, que acessávamos apenas através das tecnologias de comunicação.

Choti e Behrens (2015) afirmam que nas redes sociais temos disponíveis ferramentas de comunicação síncronas e assíncronas o que se transforma em um espaço onde são permitidas as interações, socializações, trocas colaborativas, construção coletivas, e todas essas características estão presentes no Instagram. Para Van Dijck (2013), as redes sociais são plataformas que colaboram na promoção de conexão, agregando um valor social que, mais que apenas facilitar a troca e a interação entre os usuários, viabiliza a troca e participação de usuários em torno de interesses comuns.

Segundo Amaral e Nunes (2018), o Instagram foi projetado para os dispositivos Apple, mas logo em seguida foi disponibilizado para o sistema Android da Google. Um diferencial que o Instagram tem. Em nossa opinião, o que contribui para o seu sucesso entre os jovens é a disponibilização de filtros e efeitos em suas fotos e vídeos.

Para Pellanda e Streck (2017), o Instagram é um aplicativo de rede social, que tem como principal característica a publicação de vídeos e imagens, majoritariamente editadas. Inicialmente, o Instagram foi criado para a utilização nos smartphones com a publicação das fotos e vídeos de forma instantânea compartilhando assim as imagens em tempo real com os seguidores. O nome Instagram vem do prefixo “Insta”, que vem de Instantâneo e “Gram” derivado de telegrama, que era antigamente a forma rápida de envio de informações.

O Instagram é uma plataforma digital voltada à sociabilização dos seus usuários e tem como característica ser uma rede social inter e intrapessoal, on-line e aberta e se estrutura através das trocas de conteúdos, fotos e vídeos, assim como é também uma ferramenta de comunicação (HU; MANIKONDA; KAMBHAMPATI, 2014 apud REALISTA, 2020).

Na rede social Instagram, é permitido a construção de perfil, que pode ser público ou privado e onde podem ser divulgados conteúdos que se deseja compartilhar publicamente (REALISTA, 2020). O Instagram é a rede social mais antiga a permitir, majoritariamente, fotos e vídeos, tanto que para qualquer publicação é obrigatório ter uma imagem.

A escolha do Instagram para a nossa análise não foi aleatória, foi escolhida não só pelo fato de ser a principal rede social utilizada pela Atlética e pela Pirateria, mas principalmente porque os vídeos dos eventos e projetos estão disponíveis somente nesta rede social. Mas esta pesquisadora, que também é a responsável pela comunicação da EPPEN e de suas redes sociais, reforça que o Instagram é a principal rede social utilizada por todos os agrupamentos e coletivos da EPPEN.

Na sequência, discorremos sobre as atuações da Atlética (@atleticaunifesposasco) e da Pirateria (@pirateriaunifesp) nas redes sociais através dos vídeos de eventos e projetos. Porém, iniciamos nossa reflexão com a atividade recepção on-line da Atlética e da Pirateria 2021.

### 3.3.1 Evento de recepção on-line da Atlética e da Pirateria 2021: algumas reflexões de inspiração etnográfica

Cabe aclarar que, ainda que nosso foco de análise tenha sido os vídeos publicados pelos agrupamentos aqui em tela no Instagram no período delimitado, participamos e fazemos também a análise de um evento “ao vivo” via Google Meeting, ocorrido em maio de 2021. Normalmente, a recepção dos alunos acontece presencialmente nos campi da Unifesp, mas em 2021, em virtude da pandemia da covid-19, a recepção aconteceu de forma virtual. A atividade denominada *Recepção on*-*line da Atlética e da Pirateria 2021,* aconteceu no dia 06 de maio de 2021, às 20 horas, através do Google Meeting.

 Esse evento, além de ter significado a nossa “entrada em campo”, algo que por si só já justificaria seu uso e análise nesta dissertação, tem sua presença aqui justificada também por expressar de uma outra maneira – diferentes das transmissões no Instagram – as iniciativas dos agrupamentos discentes de construir sentidos de acolhimento, busca por produção de presença e modos de estar juntos num formato mais interativo.

Participamos desse evento ou apresentação on-line ao vivo, fazendo algumas anotações de pontos que chamaram nossa atenção. Nesta observação participante ao vivo, o que mais nos chamou a atenção foi a importância que os alunos veteranos dão ao bem-estar dos calouros que estavam chegando. Ficou evidente uma preocupação de que esses novos alunos fossem acolhidos. Após alguns dias, para adensar a análise, assistimos novamente a gravação da apresentação, o que só reforçou a primeira impressão sobre a importância do acolhimento aos ingressantes. Não tivemos acesso à gravação do chat, mas no decorrer do evento ele foi pouco utilizado, apenas para a divulgação de alguns links de vídeos de festas ou eventos, formulários de interesse da atlética e páginas de redes sociais. O evento não teve a participação dos novos alunos, ficou mais centrado na apresentação dos atuais integrantes da Atlética e da Pirateria.

Acessamos o link disponibilizado para a apresentação um pouco antes do horário marcado para iniciar, e pudemos presenciar a invasão hacker que a sala divulgada para o evento estava sofrendo. Os invasores não permitiam que a apresentação começasse, eles compartilhavam a tela, via apresentação com clips musicais. Como várias pessoas estavam com microfone aberto e falando ao mesmo tempo não foi possível identificar a música que estava sendo apresentada, apenas que era um funk e, no chat, vários sinais gráficos que, para nós, não faziam o menor sentido. A organização central do evento criou uma nova sala para a transmissão do evento, que depois aconteceu sem nenhuma intercorrência. A apresentação teve um público flutuante com a participação de aproximadamente 80 pessoas, composta pelos alunos ingressantes e pelos membros da Atlética e da Pirateria, tendo durado aproximadamente uma hora.

Ludmila Lupinacci (2021) afirma que a experiência do “ao vivo” está sempre relacionada à presença dos *performers* e da audiência, aparentando que estamos sem uma intermediação tecnológica devido à transmissão em tempo real. Para nós, nesse episódio, a interferência externa que a *live* sofreu com a invasão *hacker* mostra a “ausência” da intermediação tecnológica, pois tudo estava acontecendo no momento presente, e alternativas tiveram que ser pensadas para que a atividade pudesse começar.

O evento começou com a apresentação da Atlética, onde foi exposto o seu objetivo geral que é promover o esporte dentro da universidade, ou seja, incentivo à prática esportiva, financiando os times por meio de eventos e festas. Em seguida, foi apresentada uma foto, com a montagem de todos os participantes da “Gestão Dez”. Foi necessário a montagem, pois a equipe da atual gestão teve início após a suspensão das atividades presenciais, e ainda não tiveram a oportunidade de estarem todos juntos.

Uma parte em que percebemos um forte sentimento de nostalgia foi quando as festas já ocorridas foram apresentadas. Ficou claro na fala de todos no decorrer da apresentação a falta que eles sentem de estarem juntos, confraternizando e se divertindo nas festas. Foram mostrados fotos e vídeos que aconteceram nos últimos anos e fazem parte do calendário de festas da Atlética. São elas: Porto Angélica, uma festa de rua, que acontecia na frente da universidade, a primeira festa para recepção dos calouros. Nos vídeos e fotos apresentados dessa festa nos chamou a atenção a presença de sinalizadores vermelhos e as pessoas vestindo preto e vermelho, cores utilizadas nos uniformes da Atlética e da Pirateria, assim como o som constante da Pirateria ao fundo; Mundo Mágico de Oz, uma festa à fantasia, que acontece em um circo próximo à universidade, e que comemora o final do primeiro semestre; e Terra à Vista, segundo eles a festa mais importante, pois sempre acontece em lugares com mais estrutura e com atrações contratadas, como DJs. Falaram também das *Happy Hours* que acontecem mensalmente com a função de arrecadar dinheiro para os times e manter o caixa positivo. Notamos novamente a presença da batucada da Pirateria e dos tradicionais sinalizadores vermelhos da Porto Angélica.

A partir desse momento, começamos a perceber a presença da solidariedade nas atividades desses coletivos. A Atlética falou um pouco sobre as ações que eles promovem, como a Páscoa Solidária, evento viabilizado pela Atlética, normalmente acontece nos meses de março e abril, que efetua a distribuição de ovos de páscoa, docinhos e chocolates em alguns orfanatos na região de Osasco. O *Sinta-se em Casa* – Semana de Saúde na Quarentena é um projeto de palestras para comunidade em geral, tanto interna como externa à universidade, com o objetivo de conscientizar a comunidade sobre a importância da saúde física e mental em período de isolamento social. Os eventos contaram com a participação de profissionais da área da saúde, educação, nutrição, psicologia e outros, a fim de trazer mais informação e conhecimento para todos. Para que os calouros tenham acesso a essas palestras foi informado que elas continuariam disponíveis no Instagram da Atlética. E a Operação Inverno, outra ação que acontece todos os anos, quando a Atlética arrecada agasalhos e outros itens para as pessoas em situação de vulnerabilidade que não têm condições de comprar os próprios agasalhos ou não têm condições de se aquecer no frio do inverno. A Atlética faz arrecadação dentro e fora da universidade e doa esse material arrecadado. Em 2020, a ação não foi realizada em virtude da pandemia.

Em seguida, a Atlética começou a apresentação de suas atividades ligadas aos torneios em que participam. O grande destaque é o InterUnifesp, que é um torneio esportivo entre os *campi*da UNIFESP, chamado carinhosamente por todos de Inter. Pelo que falaram esse é o grande evento. Todos que já participaram e os que ainda não participaram consideram ele como “surreal”, um momento de integração muito grande entre os *campi* da UNIFESP, com exceção da Medicina (EPM) que não comparece. Só quem já se envolveu com os jogos universitários sabe o quanto eles são divertidos, pois reúnem em um fim de semana ou feriado a possibilidade de estar com os amigos, em festas, torcendo pela sua universidade em um ambiente descontraído e de integração.

Antes da apresentação mais detalhada dos esportes praticados e promovidos pela Atlética, percebemos o início do acolhimento, da solidariedade com os alunos ingressantes, quando eles foram parabenizados pela grande conquista por ingressarem em uma universidade federal, pela sensação incrível de ter sido aprovado; e foi dado o conselho aos calouros para que aproveitassem esse momento que a vida universitária proporciona, deixando claro que a vida na universidade vai muito além de uma sala de aula. Foi sugerido para que os calouros se engajem em tudo o que a universidade proporciona, que façam parte da Pira (Pirateria), entrem para a Atlética e para os times, e aproveitem de verdade tudo que é oferecido.

Após a apresentação das atividades, mais uma vez percebemos a empatia dos veteranos com os calouros que estão ingressando em um momento tão atípico, onde as atividades são EAD, tudo fica mais confuso e o contato pessoal acaba se perdendo nas atividades acadêmicas. A Atlética reforçou que a participação nos times é uma ótima oportunidade para que os calouros possam se integrar, conhecer e conviver com os veteranos, para começarem a se sentir parte da universidade. Foi reiterado o convite para que os calouros, mesmo sem saber jogar, entrem para os times, que a Atlética ensina do zero, e que tanto os atletas como os técnicos estão preparados e ansiosos para receber os calouros. Foi divulgado no chat o link de um formulário on-line para que os alunos que tenham interesse se inscrevam e comecem a fazer parte da atlética e que, em breve, os ingressantes possam ter essa sensação de “vestir de fato a camisa”.

A questão da participação na Atlética foi reforçada mais uma vez como uma oportunidade de os calouros conhecerem um pouco melhor a universidade. Alguns dos times estão treinando agora na quarentena, mesmo a distância, e é um “refrigério” para a semana turbulenta, principalmente nessa fase que estamos passando. Os times têm aproveitado bastante para entender um pouco da teoria do esporte. O convite foi refeito mais uma vez para os calouros participarem da Atlética e dos times e mais uma vez foram dadas as boas-vindas aos ingressantes, lembrando que devem aproveitar muito essa nova fase.

A apresentação da Pirateria começou parabenizando os ingressantes e dizendo que se recordavam o quão emocionante é quando se ingressa na universidade que se almejava entrar, e reforçou o que foi dito pela Atlética, que esse é um momento muito bom, quando se está saindo do ensino médio, entrando na vida profissional em que se conhece muita coisa nova. Reforçaram que há muita entidade interessante para participar na EPPEN, oportunidade de conhecer gente diferente.

Em seguida, fizeram uma breve apresentação do que é a Pirateria e o que é uma Bateria Universitária (BU), quais são os instrumentos que tocam e se utilizam. Narraram também a evolução das Bus no cenário nacional e alguns eventos de que participaram, como Balatucada, o maior torneio de BU de São Paulo. Foi também ressaltado na apresentação a grande união que acontece entre as Bus e as Escolas de Samba, promovendo o entrosamento em diversos eventos, em que membros da EPPEN participam. Durante toda a apresentação, assim como na da Atlética, foi possível notar as saudades que todos têm dos encontros presenciais que não estão acontecendo nesse momento.

A Pirateria se orgulha muito de sua própria festa, a Rubro Negra, que acontece uma vez por ano, e hoje é a maior festa de toda a UNIFESP. Essa festa não se restringe somente ao público do *campus* Osasco ou da UNIFESP, mas envolve toda a comunidade de Bus (baterias universitárias) e algumas Escolas de Samba.

Durante toda a apresentação da Pirateria ficou muito evidente o acolhimento, não só aos calouros que estão chegando em uma situação atípica, mas entre todos os integrantes da Pirateria; em todas as falas ficou nítida a proximidade. Foi ressaltada a felicidade na participação da Pirateria nos eventos da Atlética, ou outros que participam, onde sempre que se escuta o “Tá TiCaTá”, que é a trilha sonora das festas, sempre são relembrados momentos em que todos estão felizes, e esse som que está ao fundo é a Pirateria. Foi enfatizado ainda pela Pirateria que, para ser integrante, não há a necessidade de saber tocar nenhum instrumento, eles ensinam tudo desde o básico. Alguns integrantes da Pirateria chegaram sem saber tocar nada e hoje são integrantes de Escolas de Samba.

No final da apresentação foi dito algo que eu já havia notado implicitamente nas falas e relatos, que quando se entra para a Pirateria, entra-se para uma família. Um dos integrantes fez até uma brincadeira que todos são uma grande família da “Vih Tube” (participante do BBB 2021 que no decorrer do jogo falava que os outros participantes eram da família), e que até os ensaios da Pirateria acontecem aos domingos, dia de estar com a família, e todos participam sem reclamar como se fosse um verdadeiro encontro de família.

Os membros da Pirateria se colocaram à disposição através das redes sociais para que os calouros entrassem em contato e que, nessa apresentação, eles não se preocuparam em focar no que a Pirateria toca ou que se tenha que aprender a tocar um instrumento. Tentaram focar no que é mais importante do que tudo para eles: que todos que entraram na Pirateria têm esse sentimento, do acolhimento, que é muito importante para quem está entrando na universidade agora, principalmente na situação que estamos da pandemia, que não está fácil para ninguém a situação de distanciamento e do EAD que não promove contato presencial com as pessoas. Salientaram, assim, que a Pirateria é para além do tocar um instrumento, algo sem dúvida importante e interessante. Mas, para além disso, é estar num lugar que você sabe que as pessoas vão te acolher, e que você vai ser bem tratado, vai fazer amigos, amigos que você vai levar para sua vida inteira.

Ao final, mostraram um vídeo do dia a dia da Pirateria, para o além do tocar instrumentos. No vídeo havia imagens desde o começo da Pirateria, com vários momentos de integração, nas festas, *campus*, metrô, jogos, competições, apresentações.

Na apresentação da Atlética Osasco e principalmente da Pirateria ficou clara a preocupação que esses coletivos têm com os alunos recém-chegados à universidade, que fica mais agravado ainda com as atividades acontecendo de forma remota. Podemos ver fenômenos parecidos com esses no âmbito da solidariedade nas entidades; a todo o momento, tanto a Atlética quanto a Pirateria insistiam para que os calouros participassem das redes criadas especificamente para a recepção dos ingressantes, como também ingressarem nas atividades também desenvolvidas por eles. Desta forma, procurando um interesse em comum, um esporte, um instrumento ou o simples fato da integração, os calouros têm a oportunidade de serem solidariamente recebidos por esse novo grupo, que poderá ajudar nessa fase de adaptação do contexto universitário. Em todas as falas fica claro a vontade de bem receber os novos, em ajudar não só no que diz respeito às entidades que participam, revelando o desejo de construção de socialidades, identidades coletivas e formas de atuação em rede.

Para Morin (1977), a passagem da infância para a vida adulta é marcada por ritos, e a chegada na universidade pode ser considerada um desses atos. Com isso, percebemos por parte desses jovens universitários a importância da juventude na sociedade como ator social, devido aos grandes movimentos dos quais participou e ainda participa. Percebemos ainda o quanto a “época da juventude” é algo valorizado socialmente, como momento em que grandes amizades e conquistas “para toda a vida” são feitas, como visto na *live*. Morin asseverava, já nos anos 1960, o quanto a juventude passa a ser uma construção social no mundo ocidental pós-guerra, em que esta “parte” da vida, seus hábitos, valores, gostos, sentimentos, corporalidades acabaram tornando-se um modelo social a ser perseguido mais amplamente, independentemente da faixa etária, num processo que o autor chamou de “juvenilização da cultura”.

Percebemos também a presença da solidariedade digital no âmbito da recepção dos alunos ingressantes, e reverberando as noções de Georgiou (2020), afirmamos que um dos focos da solidariedade digital nesse contexto de crise causada pelo distanciamento social é não somente a prestação de apoio, como doações de medicamentos, alimentos, mas também apoio emocional e de formação de vinculação e sentidos de coletividade para aqueles que precisam.

### 3.3.2 Ações Propostas pela Atlética

Como mencionado anteriormente, no capítulo 2, a Atlética promoveu duas ações de Extensão e Cultura institucionalizada, ou seja, cadastradas formalmente na plataforma institucional da Unifesp (SIEX), e ambas as ações aconteceram em parceria com o NAE – Núcleo de Apoio ao Estudante e com a mesma temática, Saúde e bem-estar.

O primeiro deles foi o evento *Sinta-se em Casa* que aconteceu entre 16 de junho e 10 de julho de 2020. Neste evento, foram disponibilizados no *series* do Instagram 14 vídeos de média e longa duração, com o objetivo de promover a conscientização da comunidade e do público externo sobre a importância da saúde física e mental no período de isolamento, contando com a colaboração e participação de profissionais da área da saúde, educação, nutrição e psicologia.

O segundo foi o *Projeto Saúde 10*,queaconteceu de29 de julho a 1 de dezembro e foi proposto com a finalidade de auxiliar a comunidade a ter hábitos saudáveis durante o período da pandemia. No *Saúde 10*, os 05 vídeos também estão disponíveis no Instagram.

Ambas as ações têm as mesmas características de serem ações institucionalizadas com a mesma temática que é o bem-estar da saúde física e mental em período de isolamento social e aconteceram em parceria do NAE do campus Osasco. Por esse motivo, realizamos as reflexões neste mesmo item, separando-as pela temática dos vídeos.

O primeiro tema trabalhado é o da saúde física no período de isolamento devido à pandemia da covid-19. Trazemos os vídeos referentes a exercícios físicos, sono, yoga, alimentação saudável e doação de sangue.

O que prevaleceu nessa temática foram os vídeos sobre yoga, exercícios e atividades físicas, onde foram dadas dicas de como se manter ativo dentro de casa no período de isolamento e a importância que a atividade física traz para o bem-estar mental e emocional. A grande maioria desses vídeos contou com a colaboração de profissionais de educação física convidados, com exceção de um vídeo, que teve a apresentação de integrantes da Atlética, e do vídeo sobre yoga, que foi apresentado por um mestre em yoga que é egresso da EPPEN.

Essa iniciativa vem ao encontro do que Ludmila Lupinacci (2021) afirma com o fechamento das academias de ginástica, os vídeos-tutorias se proliferaram na internet. Esse tipo de vídeo sempre esteve muito presente, desde os anos 80 com os vídeos da Jane Fonda[[11]](#footnote-11). Apesar de não ser o que vemos nos vídeos da Atlética, em que as atividades eram aulas gravadas, Lupinacci (2021) lembra que nesse período de pandemia as aulas de atividades físicas ganharam o diferencial de poder acontecer de forma simultânea, simulando assim uma aula presencial mediada por tecnologias digitais.

Em menor número tivemos os vídeos sobre sono, alimentação saudável e doação de sangue que foram vídeos mais teóricos e um pouco cansativos. No vídeo sobre sono foram apresentadas as questões biológicas e a importância do sono, os tipos e estágios do sono. Algumas perguntas enviadas previamente foram respondidas, mas sem uma interação propriamente dita com o público.

O vídeo sobre alimentação saudável foi similar ao do sono, novamente foi um vídeo teórico e técnico com dicas para ir ao supermercado. Explica-se que as refeições devem ser planejadas e indicações do que precisa adquirir dando preferência por alimentos em natura, cereais, frutas, verduras, legumes, carnes e peixes frescos, laticínios no lugar de alimentos ultraprocessados e guloseimas que são ricos em açúcar, gorduras e aditivos. Em uma segunda parte, foram respondidas perguntas relacionadas à alimentação enviadas previamente pela comunidade sobre intervalo entre as refeições, se comer antes de dormir pode ser prejudicial, se carboidratos são nocivos, se pode ingerir líquidos durante a refeição, sobre o estresse e ansiedade afetarem a refeição e dicas de snacks e lanches.

O vídeo sobre doação de sangue iniciou com o depoimento de uma integrante da atlética sobre ser doadora de sangue há 9 anos, e que essa atitude pode salvar até 3 vidas. Em seguida, uma enfermeira alertou sobre a importância da doação de sangue dando uma explicação detalhada sobre o uso deste sangue doado e seus subprodutos. Uma biomédica, que já tem experiência em vídeos sobre ciência no YouTube, fez uma apresentação bem didática e divertida sobre como os órgãos são formados e a importância do sangue no funcionamento do corpo humano e mais uma vez lembrou sobre a importância da doação de sangue. A última participação no vídeo foi de uma garota que tem anemia falciforme e explicou a necessidade de pessoas que tem essa patologia, entre outras patologias.

 Nesse vídeo ficou claro para nós a diferença de apresentar um conteúdo semelhante com habilidades diferentes. A enfermeira tem um vasto conhecimento sobre o tema e prática na sua atuação, porém para a apresentação em um vídeo não teve a mesma desenvoltura, dinâmica e didática que a biomédica que já está acostumada com vídeos para as redes sociais.

 Para Lupinacci (2021), vemos aqui uma correspondência com as *lives* instrutivas – como classifica a autora − que procuram recriar a experiência de uma aula com o horário marcado, ou seja, as aulas on-line. Mesmo não sendo on-line, o conteúdo apresentado nesse conjunto de vídeos tem essa característica de aula teórica, e a desenvoltura das apresentações podem se assemelhar com a didática em sala de aula, porém pelo conteúdo na internet ser mais dinâmico essas diferenças ficam em evidência.

O segundo tema é a questão saúde mental no período de isolamento. Trazemos a *live* de perguntas e respostas gerais com psicólogos do *Sinta-se em Casa* e o vídeo *Salve Piratas do Saúde 10*. A *live* do *Sinta-se em Casa* durou aproximadamente 60 minutos e trouxe a discussão sobre Ansiedade e Sentimentos na Quarentena, foi coordenada pela psicóloga do NAE Osasco com a presença de um psicólogo convidado da região de Araras.

A dinâmica proposta foi de envio de perguntas aos psicólogos e, em seguida, eles faziam os comentários. Lembramos aqui que não acompanhamos o evento de forma on-line, apenas assistimos ao vídeo que está disponível no Instagram. Foi realizada a primeira pergunta sobre como desestressar em casa. Os psicólogos alertaram que não há receita pronta para isso, e cada um deu exemplos de atividades que fazem para desestressar, mas que são questões muito individuais de cada pessoa.

Em seguida, foram trazidas mais perguntas sobre como minimizar e controlar as crises de ansiedade. A discussão foi em torno da importância de saber a causa dessa ansiedade, lembrando que a ansiedade nem sempre é ruim, mas sim uma emoção humana, e que devemos aprender a lidar com ela. Foram dadas algumas dicas de como lidar com a ansiedade, como técnicas de respiração e tentar voltar a ter controle da situação, muitas vezes é necessário parar e respirar para retomar o controle da situação.

No encerramento, há a informação de que o vídeo ficará disponível no Instagram da Atlética, deixando o serviço ambulatorial de Psicologia da universidade à disposição, lembrando da importância de conversar.

Lupinacci (2021) classifica a *live* que discutimos acima como conversacional, pois aconteceu uma interação dialógica entre os dois psicólogos. Infelizmente, quando a *live* aconteceu (julho de 2020) eram permitidas somente duas pessoas na “sala”. Somente em março de 2021, o Instagram liberou a *live room* para o anfitrião e mais três convidados, o que permitiria uma dinâmica mais agradável aos espectadores, pois nessa *live* específica havia espaço para interação do público com os convidados.

O vídeo do *Saúde 10, Salve Piratas* foi apresentado pela psicóloga do NAE alertando sobre a ajuda que um psicólogo, terapias alternativas, ou dependendo do caso, um profissional da psiquiatria pode trazer nesse momento de isolamento. Foi reforçado que o atendimento da psicologia do campus continua em funcionamento, com atendimentos virtuais para os alunos da EPPEN, e foi disponibilizado uma lista com contatos de profissionais que atendem gratuitamente ou a baixo custo para que o público externo também receba esse cuidado.

 Numa apresentação como essa temática, fica explícito o caráter de solidariedade digital (GEORGIOU, 2020) onde as microrredes de acolhimento funcionaram de uma forma ativa e eficaz no período do isolamento, onde todos nós tivemos que descobrir essas novas formas de interação. Percebemos também a noção de socialidade (MARTÍN-BARBERO, 2003), sendo essas *lives* um espaço de interação.

O terceiro tema é a questão da Rotina de Estudos no período de isolamento. Apresentamos as duas *lives* que aconteceram no *Sinta-se em Casa*, coordenadas pelo pedagogo do NAE do campus Osasco e com duas convidadas, a pedagoga da Universidade Federal de Alfenas e a pedagoga do campus Baixada Santista. Nesse mesmo tema, apresentamos também o vídeo da técnica pomodoro que faz parte do *Saúde 10*.

As duas *lives* foram sobre dicas para rotina de estudos e cada uma teve duração de 60 minutos. O primeiro vídeo foi publicado nas vésperas do início das aulas no formato virtual, então, a parte inicial do vídeo foi uma explicação de como as atividades iam acontecer nas universidades e dicas básicas para não acumular os estudos e atividades para que não ocorra a sobrecarga e a importância de se criar uma rotina de atividades. Foi utilizada a dinâmica proposta de envio de perguntas pelos discentes para que sejam discutidas pelos pedagogos.

 A primeira pergunta foi sobre como lidar com a procrastinação. Foram dadas dicas, e o primeiro passo é organizar a rotina. Os pedagogos esclareceram que a procrastinação está ligada ao prazer instantâneo, realizando atividades menos trabalhosas que acabam resultando numa resposta imediata, ou seja, um prazer imediato.

 Outras perguntas que foram chegando eram relacionadas à conciliação de trabalho e estudos, dicas de métodos de estudo e organização, como não se distrair com o uso do computador como ferramenta de estudo, retomar o hábito do estudo, aplicativos que podem ajudar nos estudos com *flash cards*, que funcionam com recompensas.

Os pedagogos explicaram como as recompensas funcionam na motivação, incentivando a continuar. Sobre a conciliação trabalho e escola vai depender da rotina, mais uma dica é deixar para a semana as atividades menos complexas e para o final de semana as atividades que necessitam de mais tempo, mas isso vai depender da rotina de cada um. Para essas pessoas que trabalham, o tempo deve ser otimizado, mantendo-se ligado às atividades mesmo que por poucos minutos.

Foi alertado aos alunos da EPPEN que caso percebessem alguma dificuldade, procurassem apoio, pois muitas vezes a dificuldade vem da ansiedade; mas se percebessem que fora a ansiedade havia uma tristeza, seria importante procurar o NAE – Núcleo de Apoio ao Estudante, no caso da EEPEN, ou monitor da disciplina, ou o serviço de apoio ao aluno, que certamente vão auxiliar nessas questões.

O vídeo, por uma limitação do Instagram, foi encerrado contando parte da fala final dos pedagogos quando atingiu 60 minutos, tempo máximo imposto pela plataforma para *lives*, sem que fosse possível uma conclusão ou encerramento por parte dos mediadores.

A segunda *live* seguiu o mesmo modelo da primeira e iniciou com recados para os alunos da EPPEN referentes ao calendário letivo, exclusão de disciplinas e trancamento de matrícula. Nesse momento, notamos a sincronicidade da *live*, pois foram dadas informações importantes para aquele momento, quem fosse assistir depois, a informação não teria tanta relevância. Essa dimensão da temporalidade (LUPINACCI, 2021) está ligada ao conteúdo que precisa ser consumido naquele exato momento. Não podemos generalizar isso para todos os vídeos, somente para essa informação específica sobre o calendário.

O pedagogo que conduzia a *live* declarou a sua inabilidade com a tecnologia e agradeceu a ajuda que estava recebendo dos participantes, na maioria alunos da EPPEN, através do chat no Instagram (que não estava disponível para nós) e pelo WhatsApp, e trouxe a discussão que muitos jovens hoje já são nativos digitais, com facilidade nos acessos à informação, mas que deve ser levado em consideração esse acúmulo de informação quando não utilizado de forma correto, pois pode acarretar numa sobrecarga. Essa ponderação reafirma o que Martín-Barbero (2003) explica sobre as habilidades dos jovens em relação ao uso das tecnologias e as formas de tecnicidade.

Foram apresentadas as ferramentas que poderiam ser utilizadas nas aulas para facilitar a interação. Pensando no planejamento para realizar as atividades e verificar todas as condições para se organizar, uma dica que foi dada era para que aos domingos fosse feito um planejamento para semana toda. Na fase de execução e ao realizar o que foi planejado, é importante cumprir as metas com o automonitoramento. A avaliação é o momento em que se deve prestar atenção no que está dando certo e no que está dando errado para elaboração do próximo planejamento. Normalmente só fazemos a execução, sem nos preocuparmos com o planejamento e a avaliação. Foi salientado a importância de dar um retorno ao professor sobre como está sendo as atividades, pois tudo é novo para os alunos e para os docentes.

A *live* decorreu em torno de discussões sobre técnicas para organizar a nova rotina com as aulas em formato remoto, a vida pessoal, profissional e social e, desta vez, conseguiram encerrar a discussão a tempo antes de ter o vídeo interrompido.

O vídeo do *Saúde 10, Técnica Pomodoro* foi apresentado pelo pedagogo do NAE explicando detalhadamente como aplicar a técnica Pomodoro, garantindo a concentração sem se distrair com redes sociais ou outras interrupções.

 Lima (2020, p. 616) reforça o propósito desse vídeo, pois naquele momento de retomada das aulas em outros modelos, virtual ou EAD, os alunos precisavam desse suporte que visa “diminuir sofrimentos, exclusões, marginalizações, evitar o fortalecimento dos quadros de vulnerabilidade, sustentar o processo democrático, contribuir para a emancipação social e efetivação dos direitos dos estudantes”. Essa “nova” forma de comunicação precisou de adaptação de toda a comunidade academia onde foi necessário desenvolver novas habilidades, práticas de comunicação construídos conjuntamente por toda a comunidade.

Essas *lives* com as dicas para a nova rotina de estudos aconteceu de forma on-line, com dia e hora marcadas (nós não participamos das transmissões on-line) e os vídeos foram disponibilizados na íntegra, sem edições no Instagram. Elas se enquadram como *lives* instrutivas (LUPINACCI, 2021), que simulam a aula presencial; porém em nossa opinião, a principal característica de todas as *lives* e vídeos desta dissertação tem a característica de *live* de companhia (LUPINACCI, 2021), pois tiveram como objetivo principal a manutenção das relações sociais entre a comunidade acadêmica.

O quarto tema é a questão das comunidades LGBTQIA+, Negos e Amarelos na universidade e no período de isolamento devido à pandemia da covid-19. As questões do universo LGBTQIA+ foram as que tiveram destaque. Houve quatro vídeos no *Sinta-se em Casa*. Por aproximação, trazemos a discussão de mais 2 vídeos sobre a representatividade amarela e negra dentro da universidade. Começando pelos quatro vídeos com temática relacionada à comunidade LGBTQIA+, contaram com participantes convidados.

O primeiro vídeo teve a colaboração de um professor do IFMS Instituto Federal de Mato Grosso do Sul na área de sociologia e educação. O vídeo é sobre a comunidade LGBTQIA+. Na apresentação, ele ressaltou o orgulho de ser um preto gay casado com um preto gay, e que ele não esconde para ninguém o fato de ser gay, apesar de todo o preconceito que pode atingi-lo. Ele ressalta a importância de ser preto e gay no Brasil, apesar de toda a dificuldade social existente. Ele citou outras questões que sofrem preconceitos como a sexualidade, a pobreza, a raça, porém que é importante e possível lutar e vencer essas barreiras do preconceito. Foi apontado que isolamento para muitos da comunidade LGBTQIA+ pode aumentar ainda mais a opressão e, com isso, a maioria dos problemas relatados no período de isolamento pela comunidade LGBTQIA+ estava ligado à saúde mental, devido ao aumento do desemprego, dificuldade ao acesso à saúde, aumento da violência, o sufocamento familiar no caso dos que ainda não assumiram a sua sexualidade. Esse sufocamento pode sido agravado nesse período devido às questões familiares, e mesmo não existindo uma receita, o caminho é o respeito, tentar uma melhor convivência e evitar o conflito. Outra questão que foi ressaltada que não pode ser esquecida é que a homofobia é crime, então deve ser denunciado sempre que necessário. É recomendado procurar ajuda nas organizações de apoio.

 O segundo vídeo contou com a colaboração de uma professora do IFGO Instituto Federal de Goiás na área de educação. O vídeo tem a proposta de trazer uma reflexão sobre a recomendação do “fique em casa” no período da pandemia, que de fato foi uma recomendação importantíssima naquele período. Porém, vale pensar o como esse “fique em casa” poderia ser sentido e vivido para as diferentes pessoas, devido às diferenças sociais e questões de feminicídio, o que leva à reflexão de como estava sendo esse “fique em casa” para a comunidade LGBTQIA+. Foi trazida a falta de acolhimento que muitas pessoas desse grupo poderiam estar passando, e que se estivessem enfrentando qualquer problema procurassem se preservar, se proteger o máximo possível, não entrando em conflito com as pessoas que estavam ao seu redor. Foi recomendado a paciência, pois em breve a independência e a autonomia seriam alcançadas e ficaria mais fácil o enfrentamento. A dica focou no fortalecimento, nutrindo a mente de coisas boas, se apoiando em experiências de sucesso. Foram recomendados livros para ajudar nesse fortalecimento.

O terceiro vídeo do evento *Sinta-se em Casa* trouxe o assunto orgulho LGBTQIA+ e contou com a participação da professora de educação básica que traz a discussão sobre as diversidades para a sala de aula de forma bem espontânea e descontraída. Ela fez um relato sobre sua experiência na infância como LGBTQIA+ e de sofrer preconceito, disse que na escola não existia uma abordagem sobre essa diversidade, o que a ajudou foi o acesso à internet e conhecer canais de suporte e abertura ao mundo LGBTQIA+. Ela deu um depoimento sobre sua experiência de vida que a fez dedicar-se aos estudos para as questões de sexualidade e gênero, a fim de levar essa discussão para as escolas. Em seguida, fez uma explicação sobre a revolta de Stonewall que aconteceu em 1969 contra a política de opressão existente na época. O bar Stonewall Inn era um espaço frequentado pela LGBTQIA+ livremente, porém mediante propinas. A violência era presente, mas ninguém reagia contra isso, porém em junho de 1969, espontaneamente, começa uma reação por parte da comunidade LGBTQIA+, durando cerca de 4 dias trazendo o orgulho por lutar por quem se é. Um ano após, na mesma data, aconteceu a primeira parada do orgulho LGBTQIA+ e hoje diversas cidades têm suas paradas do orgulho LGBTQIA+. No vídeo foi ressaltada a importância desse tipo de iniciativa para fortalecer a rede de contatos com a troca de informações sobre a comunidade LGBTQIA e o fortalecimento dessas redes.

O quarto vídeo traz novamente as questões sobre a comunidade LGBTQIA+ e conta com a participação de uma mulher trans, que é professora da rede municipal de Osasco. Ela disse que na quarentena a casa pode não ser o melhor lugar devido à solidão. Ela fez um relato de sua experiência e da importância da qualificação profissional para o público LGBTQIA+. Relatou que quem puder espere para realizar sua transição após essa qualificação profissional. Foi falado do “acolhimento” da rua sobre a mulher trans que pode acabar resultando em prostituição, drogas, sendo que este não é o único caminho. Indica que sempre procure as organizações que apoiam a comunidade LGBTQIA+ dando cursos e encaminhamento para o mercado de trabalho. Foi ressaltado a importância do respeito na sociedade, e caso não aconteça esse respeito, vá atrás das leis que garantem sua integridade. O disque 100 também é uma ferramenta de apoio para esses casos. Ela trouxe também a importância da educação sexual nas escolas para que se saiba que tipo de abuso se sofre, saber as diferenças dos corpos. Falou sobre a importância da escolha de nossos representantes no governo para que pessoas que militam as pautas LGBTQIA+ possam contribuir para melhores condições. Na eleição de 2018, foram eleitas pessoas que estão cerceando os direitos de forma geral. Finalizando, deixou uma reflexão em cima de uma analogia com os quilombos onde existia uma união para um mesmo objetivo, e que hoje mesmo tendo todas as ferramentas disponíveis isso não acontece.

O vídeo sobre *Representatividade Amarela* em parceria com a Torai Company[[12]](#footnote-12) é referente ao preconceito sofrido pelos japoneses e nipo descendentes. O vídeo com a participação de um aluno que faz parte da atlética e da Torai Company aborda que muitas pessoas não acreditam que esse preconceito exista pelo fato de a cultura japonesa ser apreciada através de sua culinária e os animes e também o povo japonês ser admirado pela educação e inteligência. O preconceito abordado é relacionado à “minoria modelo”, onde existe uma cobrança de ser como o estereótipo criado em cima de uma raça que determina as características do indivíduo, e isso não é real, pois cada indivíduo tem as suas próprias características que devem ser respeitadas.

O vídeo conta com a participação de dois alunos da @eppenpreta sobre o problema de falta de representatividade de pessoas negras dentro do ambiente acadêmico tanto de alunos como de docentes e até mesmos autores estudados. Toda essa falta de representatividade assim como todas as dificuldades econômicas enfrentadas por esse grupo influencia na saúde mental. No vídeo, são sugeridos alguns filmes e influenciadores que discutem o tema.

 Para nós ficou evidente a preocupação e o aconchego com a comunidade LGBTQIA+, pois pensando na característica principal da atlética poderia dar destaque à saúde física dos seus atletas, tendo em sua maioria vídeos publicados com essa finalidade, mas não. A atlética deu um grande destaque às questões relacionadas às ditas minorias, como o público LGBTQIA+, negros e até a pouca discutida comunidade amarela.

Trazemos aqui uma afirmação de Melucci (1996 apud AMARAL, 2014) sobre o conceito de identidade coletiva, onde os elementos dos movimentos sociais estão relacionados à ideologia da militância, sendo atores sociais que em conjunto agem em conjunto, a paixão e a empatia nesse caso propriamente dito são parte desse organismo que age coletivamente, em prol dos menos institucionalizados. Entendemos que mesmo não sendo um coletivo de militância LGBTQIA+ ou racial, a Atlética, por se sentir parte dessa identidade coletiva, traz para si essa discussão importantíssima em seus canais que têm um alcance maior que o @coletivoluana (Coletivo Luana – Coletivo LQBTQIA+ d a EPPEN) e a @eppenpreta (EPPEN Preta – Coletivo Preto da EPPEN).

Amaral (2014) nos ajuda a reforçar essa ideia, quando a representação estudantil mais acadêmica, como os Diretórios e Centros acadêmicos, muitas vezes tem dificuldade em agregar pautas de estudantes negros, populares ou LGBTQIA+ nas suas demandas. Porém, a parceria dos Coletivos negros e LQBTQIA+ é marcada com outros agrupamentos na universidade.

Finalizados os vídeos da série *Sinta-se em Casa* e *Saúde 10,* notamos que de forma geral foram apresentadas dicas de saúde e bem-estar não só para o momento do isolamento causado pela pandemia, mas para toda a vida. A preocupação com o bem-estar ficou nítido em todos os vídeos, com um conteúdo riquíssimo. Porém, na nossa opinião, muitos dos vídeos que tiveram em torno de 10 a 20 minutos tornaram-se cansativos. Acreditamos que esses vídeos podiam ser divididos em vídeos menores, em torno de 3 a 5 minutos, com um objetivo mais direto, pois muitas vezes não se tem disponível 10 ou 15 minutos dedicados para assistir um vídeo.

As *lives* foram mais longas com duração de 60 minutos (tempo máximo permitido pela plataforma do Instagram), porém por ter um caráter mais dinâmico, sem a impressão de texto decorado para apresentação, com um conteúdo mais espontâneo e com interação entre os participantes e do público via perguntas encaminhadas, fluiu de forma natural, e foram mais agradáveis de se assistir do que os vídeos de 10 minutos com um conteúdo decorado e engessado, tornando-os mais cansativos pelo excesso de informação e conteúdo técnico.

Trago aqui o exemplo pontual do vídeo sobre doação de sangue, uma parte foi apresentado por uma biomédica que já tem experiência com vídeos de redes sociais, e o fez com o uso de imagens e uma oratória mais descontraída, de forma que o vídeo fluiu com mais tranquilidade do que a parte apresentada pela enfermeira, que foi mais teórica e técnica.

Acreditamos que os vídeos cumpriram plenamente o propósito de ser uma ferramenta de divulgação de dicas de saúde e bem-estar não só na pandemia como para a vida.

### 3.3.3 Ações Propostas pela Pirateria

#### 3.3.3.1 Mês do Orgulho LGBTQIA+ - Pirateria

Na série de vídeos referentes ao Mês do Orgulho LGBTQIA+foram disponibilizados 3 vídeos curtos com fala de professores e integrantes da Pirateria referentes à comemoração do Mês do Orgulho LGBTQIA+.

O primeiro vídeo da série em comemoração foi disponibilizado pela Pirateria no Instagram da Pirataria (@pirateriaunifesp) no dia 24 de junho de 2021 e já tem mais de 1,2 mil[[13]](#footnote-13) visualizações. Esse grande número de visualizações pode ter relação com a boa apresentação do professor do curso de Direito da EPPEN, Renan Quinalha, que possui grande destaque junto ao movimento LGBTQIA+.

O vídeo começou com a vinheta da Pirateria em que aparecem o logo e a batida tradicional da bateria. Para nós, o uso dessa vinheta ajuda a criar uma identidade própria da Pirateria no seu material audiovisual publicado nas redes sociais. Em seguida, o vídeo propriamente dito começa com o Prof. Renan Quinalha saudando o público, apresentando-se como professor do curso de Direito da EPPEN e informando que veio falar sobre o Orgulho LGBTQIA+. Prof. Renan traz um conteúdo rico sobre como surgiu o mês do orgulho LGBTQIA+. Para nós, esta explicação é muito importante, já que o vídeo fica aberto para o público em geral, um perfil não voltado diretamente ao público LGBTQIA+, que pode desconhecer como nasceu o movimento do orgulho LGBTQIA+. Outro ponto que deixa a explicação do Prof. Renan ainda mais rica é a apresentação de imagens que ilustram a revolta no bar de Stonewall através de manchetes de jornais, fotos e vídeos das manifestações que aconteceram na época.

O segundo e o terceiro vídeos contam com a participação do @coletivoluana (Coletivo LGBTQIA+ da EPPEN) e de membros da Pirateria e foram disponibilizados nos dias 26 e 28 de junho de 2021, relatam sobre o que o orgulho LGBTQIA+ significa para eles.

Esses vídeos têm uma característica bem diferente do anterior, foi composto por depoimentos de alunos da EPPEN, o que para nós traz um caráter de proximidade entre o corpo discente e jovens em geral. Sempre que vemos algo semelhante entendemos que a possibilidade de se criar uma identificação é maior. Como a história de luta está sempre presente na comunidade LGBTQIA+, as lutas ficam evidentes nesses conteúdos. No vídeo anterior foi relatado sobre a revolta no bar de Stonewall, e este traz a luta de Marsha P. Johnson. Percebemos na fala de todos a questão da luta contra o preconceito, da luta pelo simples existir, porém o orgulho de serem LGBTQIA+ permanece, de serem quem realmente são por terem nascido assim, pelo seu jeito, pela sua originalidade, pela resistência em um espaço hostil que é enfrentado por todos, tudo isso é motivo de orgulho para eles.

Consideramos muito importante a analogia apresentada entre o orgulho LGBTQI+ e o samba no depoimento dos alunos. Eles relatam que o samba nasceu marginalizado e continua sendo até hoje, mas através das músicas o samba demonstra a sua resistência e gera felicidade. Para eles, o samba traz a alegria, faz o carnaval e dentro da universidade através da Pirateria.

Pereira *et al*. (2004) afirmam que o samba tem sua origem na cultura popular, chegando inclusive a se misturar com as práticas populares urbanas e de cultura de massa, tornando-se assim parte da política e da ideologia um ideal de estado nação.

Todas essas falas chamaram a nossa atenção principalmente quando citam o apoio e o acolhimento que existe na Pirateria, um espaço onde as pessoas podem ser o que elas querem ser, um espaço de liberdade, sem julgamentos, um lugar onde se sentem à vontade, e é uma apoiadora da causa LGBTQI+. Em todos os depoimentos fica clara a presença da empatia dentro da Pirateria para todas as causas e minorias, e como o samba é um espaço de luta faz com que essa seja a essência da Pirateria.

Nesses vídeos de depoimentos, a Pirateria traz também a discussão acerca de outras minorias, como as de baixa renda, negros, LGBTQIA+, que depois de muita luta chegam à universidade pública, e que essa conquista também é motivo de muito orgulho.

Outro ponto que consideramos importante nessa iniciativa é um coletivo que não “milita” diretamente nas questões LGBTQIA+, propor essa discussão ao público, trazendo informações históricas sobre o orgulho LGBTQIA+, depoimentos de seus integrantes, outros coletivos, professores sempre demonstrando todo seu apreço, receptividade e carinho com os grupos minorizados. Essa ideia se confirma quando Groppo (2019) traz a afirmação que reforça a posição defendida nos vídeos da Pirateria que o interior dos coletivos são espaços da sociedade onde se defendem a horizontalidade e o combate ao racismo, machismo ou LGBTfobia.

Para nós, os vídeos do Mês do Orgulho LGBTQIA+ promovidos pela Pirateria reforçaram a questão do acolhimento, da empatia e da solidariedade digital (GEORGIOU, 2020) que verificamos anteriormente no vídeo da Recepção dos Bixos da Pirateria. Talvez exatamente por serem ações não institucionalizadas fica nítida a preocupação com a comunidade acadêmica através desse acolhimento.

#### 3.3.3.2 Recepção dos Bixos 2021 – Pirateria

Na série de vídeos referentes à Recepção dos Bixos 2021 foram disponibilizados 8 vídeos curtos contendo o que é a Pirateria, onde a Pirateria toca, apresentação da coordenação da Pirateria, depoimento dos bixos, apresentação dos instrumentos utilizados pela Pirateria como surdo, chocalho, tamborim, agogô, caixa, ripa, e depoimento dos veteranos.

 O primeiro vídeo mostra o que é a Pirateria e tem início com um dos fundadores da Pirateria explicando o surgimento de um grupo que gostava muito de fazer samba, e a partir daí aprendeu a tocar e impulsionou a criação bateria que antes fazia parte da Atlética e que vem levando adiante a Pirateria. Em seguida, são mostrados fotos e vídeos de encontros dos integrantes, festas, ensaios, jogos universitários e campeonatos que a Pirateria participou. Nas fotos e nos vídeos é possível notar a alegria e a empolgação de todos, nos remeteu às falas já vistas anteriormente, sobre a alegria que o samba e a Pirateria trazem. Em seguida, um dos integrantes da Pirateria inicia um vídeo convidando os novos alunos a participarem da Pirateria para aprenderem a tocar um instrumento, e ressalta mais uma vez que a Pirateria é um grupo muito unido e que está pronto para acolher os novos integrantes.

 Nesse segundo vídeo assistimos a vídeos que mostravam onde a Pirateria se apresenta, eventos, ações sociais, festas, como a Rubro Negra, que é a principal festa organizada pela Pirateria, o InterUnifesp (Jogos Universitários entre os campi da Unifesp), torneios entre Bus (Baterias Universitárias), Interbatuc (desafio nacional de baterias universitárias, balatucada (torneio de Baterias Universitárias do Brasil), entre outros. No decorrer do vídeo, eles ressaltam a integração que existe entre os membros da Pirateria durante suas apresentações, sempre presente a união, parceria e felicidade dos integrantes da Pirateria.

 O terceiro vídeo desta série sobre Recepção dos Bixos 2021 é sobre a coordenação da Pirateria. A diretora e o vice-diretor se apresentam e contam um pouco sobre o surgimento da Pirateria, em 2013, inspirados nas baterias de escolas de samba, assim como as demais baterias universitárias e, desde então, se integram com outras baterias, outras universidades e com a cidade de Osasco. Como eles são da diretoria, assumem o papel de organizar todos os departamentos internos da Pirateria, fora o contato externo e com outras instâncias da Unifesp. Em seguida, foram se apresentando os responsáveis pela comunicação, eventos, financeiro, patrimônio, produtos, torneios, ritmo, explicando um pouco das atividades dentro da Pirateria.

 Novamente em nossas anotações surgiram a questão do acolhimento no período da pandemia da covid-19, o pessoal da diretoria de comunicação da Pirateria ressaltou que a comunicação tinha um papel fundamental naquele período, pois estavam preocupados com o acolhimento dos novos estudantes e dos membros da Pirateria, pensando e desenvolvendo atividades para manter todos conectados, mesmo a distância.

 Nesse vídeo, os Bixos que entraram em 2020 e são integrantes da Pirateria dão depoimentos de como foram suas experiências nesse período de distanciamento. Foram 3 depoimentos que relataram que mesmo não sendo presencial foram recebidos com todo o acolhimento pela “família” Pirateria”. Nesse período, foram realizadas aulas e encontros on-line com discussões sobre o samba e sua importância na cultura, aulas sobre os instrumentos utilizados na bateria e encontros para que os integrantes se conhecessem e interagissem em grupo. Nesses encontros, eles citam que foi possível conhecer e atuar com diversas pessoas, de outros cursos, o que trouxe certa tranquilidade para quando as atividades voltarem ao presencial, serão recebidas pessoas já conhecidas que irão acolhê-los mais uma vez, só que presencialmente.

 Nos relatos notamos novamente a questão do acolhimento recebido pela “família Pirateria”, mesmo a distância.

 Nesses quatro próximos vídeos foram apresentados os instrumentos utilizados pela Pirateria de forma mais explicativa e técnica. Nesses vídeos, ressaltamos a afirmação de Hine (2005) sobre o indivíduo corporificado, são vídeos técnicos somete relacionados às questões corporais do como tocar um instrumento, onde o corpo é o protagonista do vídeo e demonstram a preocupação para que os ingressantes, recém-chegados à universidade, conheçam os instrumentos utilizados, o que acaba sendo uma forma de acolhimento.

 Toda essa receptividade que a Pirateria tem nos lembra as questões trazidas por Georgiou (2020) sobre a solidariedade nesse período tão crítico, praticamente tudo que assistimos da Pirateria de sempre estar com as portas abertas para receber a todos com carinho, lógico que a atividade dela como Bateria Universitária é importante para eles, mas a impressão que tivemos ao assistir aos vídeos é que o acolhimento, o social, está muito acima do desempenho tocando os instrumentos.

Após o acompanhamento das ações dos dois agrupamentos, a Atlética e a Pirateria, percebemos uma diferença entre elas, e podemos refletir não como julgamento do que foi melhor ou pior, mas as diferenças que percebemos com toda essa imersão que tivemos com os vídeos.

 Os vídeos da Pirateria têm um caráter mais informal, realizados entre eles, contaram com poucos convidados externos, como foi o caso do Prof. Renan Quinalha, que é professor no campus e que tem grande destaque junto à comunidade LQBTQIA+, então apesar de não fazer parte do agrupamento da Pirateria, faz parte da comunidade EPPEN, criando essa proximidade com o campus, a identificação se faz presente quando os alunos, que são o público-alvo dos vídeos, são contemplados com pessoas conhecidas.

 Os vídeos da Atlética já possuem características diferentes, são vídeos mais longos, técnicos e teóricos, que contaram com a colaboração de convidados externos ao campus Osasco e em alguns casos a Unifesp. Isso torna o vídeo rico em seu conteúdo, porém a identificação entre quem está assistindo com quem está apresentando é mais limitada.

Acredito que podemos relacionar esses dois formatos distintos até com a questão de os eventos serem ou não institucionalizados junto à universidade. Da Pirateria foram ações espontâneas do agrupamento, provavelmente uma organização interna que decidiu que naquele momento era importante falar sobre determinado assunto como o Orgulho LGBTQIA+ e fazer também a recepção dos Bixos, organizando e produzindo vídeos, deixando-os disponíveis no Instagram para aqueles que tenham interesse.

 Já a proposta da Atlética foi mais bem organizada, realizada em conjunto com um setor acadêmico da universidade e com profissionais do campus Osasco. Ambas as ações foram cadastradas nas plataformas institucionais de Extensão e Cultura da Unifesp e avaliadas pela Câmara de Extensão e Cultura do Campus Osasco e pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, o que demonstra mais organização da proposta.

 Percebemos que a diferença entre as ações possa estar ligada a essa questão da institucionalização das ações. Afirmamos mais uma vez que não existe certo ou errado, são apenas percepções que tivemos no decorrer dessas análises. A vantagem é que temos ótimos materiais produzidos pelos dois coletivos e que estão disponíveis para um público em geral ver que esses agrupamentos se preocuparam com o bem-estar da comunidade nesse período de pandemia.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como foco analisar a atuação dos jovens universitários da EPPEN, Unifesp campus Osasco, pertencentes a AAAUO – Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco e a Bateria Universitária Pirateria no período da pandemia da covid-19, compreendida entre março de 2020 e março de 2022, quando todas as atividades acadêmicas presenciais foram suspensas e toda a comunidade universitária teve que se adaptar à nova realidade e às novas formas de comunicação e interação mediadas pela tecnologia. Centramo-nos na análise das publicações feitas por estes dois agrupamentos juvenis em suas páginas do Instagram.

Para a construção desta dissertação nos concentramos inicialmente em conhecer mais sobre o ambiente institucional onde esses alunos estão inseridos, que é a Unifesp, mais especificamente a EPPEN – Escola Paulista de Economia e Negócios, campus Osasco. Através dessa conceitualização histórica da EPEEN pudemos conhecer mais sobre o perfil do campus onde os agrupamentos estudados estão inseridos e o histórico da Atlética e da Pirateria.

Uma questão importante que também analisamos foi sobre as juventudes, as culturas Juvenis e os sentidos políticos em que suas ações culturais estão inseridas. Como os jovens são a maioria no ambiente universitário abordado nesta dissertação, tivemos a oportunidade de discutir as questões sobre a participação dos jovens nas discussões políticas e culturais através do tempo nos movimentos estudantis, assim como as questões dos agrupamentos e coletivos, que constituem as formas como os jovens estudantes podem se reunir dentro da sociedade e, no nosso caso mais específico, dentro da universidade. A discussão sobre a atuação da Atlética e da Pirateria foi permeada e articulada às questões das socialidades juvenis tão importantes na contemporaneidade.

Trouxemos também uma reflexão e discussão sobre a organização da área de extensão e cultura dentro das universidades públicas federais, ressaltando a importância e centralidade que a cultura vem ganhando no decorrer do tempo na cultura global. Antigamente, as universidades não tinham regulamentações para que a cultura estivesse inserida na universidade. Hoje, a cultura faz parte − junto com a extensão − do tripé da organização educacional que compreende ensino, pesquisa e extensão e cultura. Articulado a isso, trouxemos ainda exemplos de universidades que já estão em nossa concepção um passo à frente, criando em suas estruturas pró-reitorias exclusivas para as discussões e atuações no campo da cultura. Vale lembrar que para nós essa importante valorização da cultura no ambiente universitário está ligada às suas manifestações como sentido político, em diálogo que estabelecemos com a perspectiva dos estudos culturais, desta forma, a cultura passa a alcançar um papel central para a discussão na contemporaneidade. Para adensar essa ideia trouxemos a discussão sobre os estudos culturais e a virada cultural no século XX e XXI, enfocando o quanto nas últimas décadas a cultura tem ganhado centralidade e conveniência (HALL, 1997; YÚDICE, 2004).

Como o trabalho de campo digital de inspiração etnográfica foi a metodologia fundamental desta dissertação, discutimos as questões que permeiam a etnografia e a etnografia digital (e seus usos) que já vinham sendo amplamente discutidas no campo da Comunicação e da Antropologia em virtude do aumento das tecnologias em nossas vidas, mas que no período da pandemia da covid-19 se tornou uma prática fundamental para as análises etnográficas.

As questões relacionadas com a etnografia digital nos aproximaram dos estudos das solidariedades digitais que nos motivou a este estudo, pois todas as ações aqui apresentadas se articulam ao tema da solidariedade presente nas relações sociais mediadas pela tecnologia, suas qualidades, especificidades, alcances e limites.

Para este estudo realizamos algumas observações mais ou menos participantes no campo digital. A primeira, que significou nossa entrada no campo e impulsionou a pesquisa, foi o Evento de Recepção on-line da Atlética e da Pirateria, em maio de 2021, via Google Meet. Esse evento foi organizado pela Atlética e pela Pirateria e ficou clara a preocupação que esses agrupamentos tiveram em receber os alunos ingressantes. Nas falas da Atlética percebemos que o acolhimento acontecia pela similaridade de interesses em torno das atividades esportivas, até porque essa é a finalidade desse agrupamento. Assim, todo o evento de recepção girou em torno de como fazer parte dos times, que mesmo nesse período da pandemia se encontravam de forma on-line realizando treinos mais teóricos e conceituais. Já na Pirateria percebemos um acolhimento mais próximo da amizade e do acolhimento familiar. Essa questão de a Pirateria ser “uma família” foi mencionada diversas vezes durante o evento. No nosso entendimento, a Pirateria privilegiou os contatos sociais, as relações pessoais entre eles e formas de solidariedade digitais (GEORGIOU, 2020). Se mostraram mais disponíveis para as interações na recepção dos calouros que estavam chegando à universidade em um período inóspito causado pelo afastamento da pandemia. Porém, apesar das diferenças apresentadas, os dois agrupamentos se mostraram disponíveis para recepcionar os ingressantes.

Podemos perceber a diferença nos agrupamentos e pensar no motivo de elas acontecerem, já que ambas estão na mesma universidade, no mesmo campus, porém têm atuações diferentes. A Pirateria talvez por ser menos institucionalizada e ter uma ligação mais próxima da música e da cultura crie esse ambiente onde a proximidade entre as pessoas acaba sendo maior e talvez isso traga essa característica mais acolhedora para o grupo. Já a Atlética tem uma característica de atividades mais institucionalizadas, mais regrada, até pela atividade principal que desenvolvem, têm parcerias com setores acadêmicos do campus na estruturação das suas atividades, o que pode trazer maior organização, mas menor proximidade.

Como os vídeos e *lives* analisadas foram disponibilizadas no Instagram trouxemos uma breve conceitualização sobre o uso das redes sociais pelos jovens, em especial o Instagram e o uso de *lives*. Lembramos aqui que os vídeos estudados estão disponíveis somente nesta rede social, o Instagram, sendo a mais utilizada pelos coletivos da EPPEN em geral.

A Atlética propôs duas ações que analisamos conjuntamente separadas pelos temas abordados nos vídeos e *lives*. As duas ações da Atlética foram realizadas em parceria com o NAE – Núcleo de Apoio ao Estudante da EPPEN − e foram cadastradas junto à Câmara de Extensão e Cultura do campus Osasco, portanto, foram ações institucionalizadas.

As temáticas abordadas eram referentes ao bem-estar e à saúde no período da pandemia, trazendo dicas relativas à saúde física e emocional. No decorrer das análises, trouxemos contribuições de Lupinacci (2021) sobre os tipos de *lives* no Instagram.

As principais características que percebemos nessas ações, talvez por serem institucionalizadas, seguem um padrão mais rígido na apresentação expondo os assuntos de forma mais técnica e teórica, resultando em vídeos mais longos e técnicos. Acreditamos que os vídeos cumpriram plenamente o propósito de ser uma ferramenta de divulgação de dicas de saúde e bem-estar, não só na pandemia como para a vida.

Trago aqui o exemplo pontual do vídeo sobre doação de sangue, uma parte foi apresentada por uma biomédica que já possui experiência com vídeos de redes sociais. Ela trouxe imagens e uma oratória mais descontraída, fazendo com que essa parte do vídeo fluísse de forma muito mais tranquila em comparação à parte apresentada pela enfermeira, que foi mais teórica e técnica.

Sentimos falta também da participação mais efetiva nos vídeos de membros da EPPEN, uma vez que profissionais da área foram convidados para falar dos assuntos pautados pelo vídeo, mas acreditamos que a falta da presença pode distanciar do público da EPPEN. Notamos isso, pois as *lives* que foram coordenadas pelos profissionais do NAE da EPPEN, apesar de mais longos criaram maior proximidade.

Avaliamos também um evento não institucionalizado promovido pela Pirateria sobre o Mês do Orgulho LGBTQIA+. Nesse evento, mais uma vez ficou clara a presença da empatia e do acolhimento já característico da Pirateria. Vale ressaltar que a temática LGBTQIA+ não é o foco da Pirateria, existindo outros agrupamentos ou coletivos dentro da EPPEN mais explicitamente voltados a essa causa ou pauta. Porém, como esse é um assunto muito presente dentro das universidades e nas culturas juvenis, a Pirateria trouxe a discussão para seu público de uma forma que consideramos bem interessante, através dos depoimentos de colegas discentes e docentes da própria EPPEN, o que acaba construindo uma identificação com alguém que faz parte do mesmo ambiente que você.

Outro evento também não institucional sobre o qual fizemos uma análise foi a Recepção dos Bixos 2021. Nesses vídeos também verificamos esse sentido de acolhimento e produção de presença da Pirateria, apenas não estavam presentes nos vídeos os instrumentos que foram mais técnicos; contudo, nesses vídeos fica explícita a preocupação da Pirateria em mostrar sua atuação para os recém-chegados à EPPEN.

Como conclusão dessas reflexões com inspiração etnográfica, percebemos diferenças nos vídeos da Pirateria e da Atlética. Os da Pirateria não foram institucionalizados e aconteceram espontaneamente por eles, tendo uma característica de vídeos mais curtos, com a participação de membros da comunidade da EPPEN o que causa maior identificação. Contudo, a abordagem dos assuntos foi mais superficial. Já os vídeos da Atlética foram institucionalizados e formulados com os profissionais do NAE, o que fez com que os vídeos fossem mais formais, com a apresentação de um conhecimento mais técnico e mais longo, o que particularmente para nós se tornou mais cansativo.

Lupinacci (2021) nos trouxe também a contribuição de percebermos que os vídeos não editados ou roteirizados que têm conteúdos mais espontâneos ajudam a criar familiaridade, intimidade e proximidade, mesmo através das plataformas digitas.

Os trabalhos realizados pelos dois agrupamentos foram ótimas iniciativas em promover ações onde podemos perceber a presença das noções de cultura, política socialidades e solidariedades discutidas no decorrer desta dissertação, voltadas não só para a comunidade interna como também aberto ao público externo, como recomenda as diretrizes da extensão universitária, e realizada em um período que foi tão difícil para o mundo. Todos os objetivos propostos pelas ações foram compridos. Ações como essas que podem passar despercebidas por muitas pessoas, se ajudarem ao menos uma pessoa já surtiu resultado.

 Todo esse esforço faz parte das questões que trouxemos neste estudo, desde a apresentação do que é a Unifesp, a EPPEN, a Atlética, a Pirateria, permeado pela atuação dos jovens dentro e fora da universidade, que desempenharam um papel de promover ações culturais e sociais para a comunidade acadêmica. Isto posto, alguns apontamentos são relevantes, a saber: (1) As questões que a universidade procura promover para dentro e para fora da universidade através da extensão e da cultura. (2) O aprofundamento do conhecimento sobre o que é a cultura e a sua importância na contemporaneidade e como ela vem sendo trabalha pelos jovens universitários. (3) A metodologia da etnografia que com a pandemia teve que colocar em prática discussões que já vinham acontecendo sobre a etnografia digital e que foi forçada a avançar devido aos estudos etnográficos que aconteceram na pandemia. (4) E a importante contribuição que a Atlética e a Pirateria trouxeram para nós, mostrando a preocupação com seus pares e a comunidade externa.

# REFERÊNCIAS

AAAUO – Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco. **Home**. 2015. Disponível em: [https://atleticaUNIFESPosasco.wordpress.com/](https://atleticaunifesposasco.wordpress.com/). Acesso em: 15 jun. 2021.

AAAUO – Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco. **Manual de Sobrevivência dos Bixos**. 2021.

AMARAL, J. G. Coletivos Universitários de Diversidade Sexual e a crítica à institucionalização da militância LGBT. **Século XXI: Revista de Ciências Sociais**, *[S. l.]*, v. 4, n. 2, p. 133–179, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/17041. Acesso em: 18 nov. 2022.

AMARAL, A.; NUNES, C. G. Performances identitárias no Instagram: uma análise do perfil de Edu K após o reality show A Fazenda. **Rizoma**, v. 5, n. 2, p. 105-120, 3 jan. 2018.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Bookman; Artmed, 2009.

APPADURAI, A. 'The Capacity to Aspire: Culture and the Terms of Recognition'. In: RAO, V.; WALTON, M. (eds.). **Culture and Public Action**. Stanford University Press, Palo Alto, California, 2004, pp. 59-84.

BORELLI, S. H.S.; ROCHA, R. M. Juventudes, midiatizações e nomadismos: a cidade como arena. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 5, n. 13, p. 27-40, 2008. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/125/126>.
Acesso em: 25 jul. 2021.

BORELLI, S.H.S.; ROCHA, R. M.; OLIVEIRA, R.C.A. **Jovens na cena metropolitana**: percepções, narrativas e modos de comunicação. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção Pastoral da Comunicação: teoria e prática: Série comunicação e cultura).

BORELLI, Silvia Helena Simões et al. O jovem sob três perspectivas: acadêmica, política e cultural. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2008. p. 1-13.

BORELLI, Silvia Helena Simões; ABOBOREIRA, Ariane. Teorias/metodologias: trajetos de investigação com coletivos juvenis em São Paulo/Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 9, n. 1, p. 161-172, 2011.

BRAGA, E. D. Juvenicídio moral: morte de possibilidades para muitas adolescentes mulheres em conflito com a lei. In: **Seminário Nacional de Sociologia da UFS**, 3., 2020, São Cristóvão, SE. Anais [...]. São Cristóvão, SE: PPGS/UFS, 2020.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. PNE. Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001. Brasília: MEC, 2014.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília. <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_18.02.2016/art_207_.asp>. Acesso em: 9 nov. 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 9 nov. 2020.

BRINGEL, Breno. O futuro anterior: continuidades e rupturas nos movimentos estudantis do Brasil. **Eccos Revista Científica**, v. 11, n. 1, p. 97-121, 2009.

CAIAFA, Janice. Sobre a etnografia e sua relevância no campo da comunicação. Questões Transversais. **Revista de Epistemologias da Comunicação** (UNISINOS), v. 7, n.14, julho-dezembro 2019.

CARMO, Íris Nery do. O perigo das dobras: iconografias e corporalidades no feminismo contemporâneo. **Sociologia & Antropologia**, v. 8, p. 193-222, 2018.

COSTA, M. V., WORTMANN, M. L. C. Entrevista com George Yúdice. A cultura como recurso - desdobramentos dos Estudos Culturais. **Educação**, 38(1), 14-20. 2015. Disponível em: https://doi.org/10.15448/1981-2582.2015.1.18440. Acesso em: 5 nov.2022.

CHOTI, Deise Maria Marques; BEHRENS, Marilda Aparecida. A utilização das redes e mídias sociais na formação continuada de professores aponta para um paradigma inovador? In: TORRES, P. L. **Redes e mídias sociais**. Curitiba: Appris, 2015.

DEUS, Sandra de. Extensão Universitária: sua contribuição para a formação acadêmica e pessoal de estudante de graduação. In: GONÇALVES, Nádia Gaiofatto;

QUIMELLI, Gisele Alves de Sá (Orgs.). **Princípios da extensão universitária**: contribuições para uma discussão necessária. Curitiba: CRV, 2016, p.77-91.

EPPEN – Escola Paulista de Economia e Negócios. **Apresentação**. 2020.
Disponível em: [https://www.UNIFESP.br/campus/osa2/eppen-novo/apresentacao](https://www.unifesp.br/campus/osa2/eppen-novo/apresentacao).
Acesso em: 15 junho 2021.

ESCOSTEGUY, A. C. Uma introdução aos Estudos Culturais. In: SILVA, Tomaz T. da, (org.). **O que é, afinal, estudos culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FEUER, L. **The conflict of generations***.* The character and significance of students movements*.* Nova York/Londres: Basic Books Publishers, 1969.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus. Maio/2012.

Disponível em:  <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**? São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GEORGIOU, M. **Solidariedades digitais, espaço público e pandemia**. (Palestra). 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wLR9yAJVVyU>. Acesso em: 16 jun.2021.

GOMES, M. de F. V. B. Interdisciplinaridade e a Interprofissionalidade na ação extensionista. In: GONÇALVES, Nádia Gaiofatto; QUIMELLI, Gisele Alves de Sá (Orgs.). **Princípios da extensão universitária**: contribuições para uma discussão necessária. Curitiba: CRV, 2016, p.37-51.

GROPPO, L. A. *et al*. Coletivos juvenis políticos em uma universidade pública mineira: microespaço público e experiências de participação no movimento estudantil. **Praxis** **educativa**, v. 14, n. 3, p. 1027-1048, 2019.

GROPPO, L. A.; ZAIDAN FILHO, M.; MACHADO, O. L. Sob o impacto de novos movimentos estudantis. In: **Juventude e Movimento Estudantil**: Ontem e Hoje. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2008.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.22, n.2, p.15-46, jul./dez. 1997.

HINE, C. **Ethnography for the internet**: embedded, embodied and everyday. Huntingdon, GBR: Bloomsbury Publishing, 2015.

HINE, C.; PARREIRAS, C.; LINS, B. A. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos de Campo** (São Paulo - 1991), *[S. l.]*, v. 29, n. 2, p. e181370, 2020.

Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181370. Acesso em: 15 nov. 2022.

HU, Y.; MANIKONDA, L.; KAMBHAMPATI, S. **What we instagram**: A first analysis of instagram photo contente andu ser types. In lcwsm, 2014.

JOHNSON, Richard. “What is cultural studies anyway?” In: SILVA, Tomaz T. da. (org.). **O que é, afinal, estudos culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LIMA, A. C; FREITAS, J. O; PEREIRA, L.; SILVA, V. G.; COELHO, M. M. P.; PEIXOTO, T. M.; ANDRADE, J. N.; MUSSE, J. O. Desafios da aprendizagem remota por estudantes universitários no contexto da Covid-19. **REVISA**. 2020; 9(Esp.1): 610-7. Disponível em: https://doi.org/10.36239/revisa.v9.nesp1.p610a617.

LUPINACCI, Ludmila. “Da minha sala pra sua”: teorizando o fenômeno das lives em mídias sociais. **Galáxia**, São Paulo, 2021.

MACHADO, Mônica. **Antropologia digital e experiências virtuais no Museu de Favela**. Curitiba: Appris, 2017.

MARTINS, Fernandes Stéfani; GUEDES, Henn Leonardo; BATISTELA, Kist Liane. O ensino a distância no Brasil: alguns apontamentos. **Research, Society and Development**. 2020; 9(1): e21911551. Disponível em: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i1.1551.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo** – travessias latino-americanas na comunicação. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação** – mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MEDEIROS, L. R. de *et al*. Representatividade em coletivos estudantis: análise com base nas relações estabelecidas no contexto universitário. **Revista de Ciências Humanas**, n.1, 2017.

MELUCCI, A. **Challenging codes**: Collective action in the information age. Cambridge: Cambridge University Press, 1996

MILLER, D. **Notas sobre a pandemia: como conduzir uma etnografia durante o isolamento social**. 2021. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller/>. Acesso em: 17 de junho 2021.

MILLER, Daniel; HORST, Heather. O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital. **Parágrafo**, v. 3, n. 2, 2015.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX:** Neurose, v.1, 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1976.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: Necrose, v.2, 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

NEMI, Ana; GALLIAN, Dante; MINHOTO, Maria Angélica Pedra. **Unifesp 25 anos**: histórias e reflexões. Editora Unifesp, 2021.

FEIXA PAMPOLS, Carles. Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: uma entrevista com Carles PAMPOLS FEIXA. Entrevista concedida à OLIVEIRA *et al*. **Educar em Revista**, v. 34, p. 311-325, 2018.

FEIXA PAMPOLS, Carles; CABASÉS, M. Àngels; PARDELL, Agnès. El juvenicídio moral de los jóvenes…al otro lado del charco. In: **Juvenicidio**: Ayotzinapa y las vidas precárias en America Latina y España/ José Manuel Valenzuela, coord. – Barcelona: Ned Ediciones; - Guadalajara: ITESO; - Tijuana: El Colegio de la Frontera Norte, 2015.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. Ponto Urbe - **Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 2, p. 1-11, 2008

PELLANDA, Eduardo Campos; STRECK, Melissa. Instagram como interface da comunicação móvel e ubíqua. **Sessões do Imaginário [on line]**, v. 22, n. 37, p. 10- 19, 2017. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/ famecos/article/ view/28017/15936. Acesso em: 02 out. 2020.

PEREIRA, Simone Luci. **Escutas da memória**: os ouvintes das canções da Bossa Nova (Rio de Janeiro, décadas de 1950 e 1960). 393 f. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

PEREIRA, Simone Luci; PONTES, Everton Vitor; BEZERRA, Priscila Miranda; RODRIGUES, Juliana Conartioli. São Paulo como cidade musical? Perspectivas de debate a partir de três experiências de pesquisa. CSOnline – **Revista eletrônica de Ciências Sociais**, v.33, 2021, p.198-222.

PEREZ, O. C.; SOUZA, B. M. Coletivos universitários e o discurso de afastamento da política parlamentar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, 2020.

POLIVANOV, B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, v. 1, n. 3, 2014. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621>. Acesso em: 18 de junho 2021.

QUIMELLI, Gisele Alves de Sá. Interação Dialógica: a voz da extensão universitária. In: GONÇALVES, Nádia Gaiofatto; QUIMELLI, Gisele Alves de Sá (Orgs.). **Princípios da extensão universitária**: contribuições para uma discussão necessária. Curitiba: CRV, 2016, p.16-36. 126

REALISTA, Joana Raquel Cardoso Gama. **O Capital Social no Instagram**: Um Estudo Sobre o Uso da Rede Social Online nos Jovens Universitários. 2020. Tese de Doutorado. ISCTE-Instituto Universitario de Lisboa (Portugal).

RESTREPO, Eduardo. **Etnografía**: alcances, técnicas y éticas. Bogotá: Envión editores, 2016.

ROCHA, Gilmar. A etnografia como categoria de pensamento na antropologia moderna. **Cadernos de Campo**. São Paulo, n. 14/15. 2006. P. 1-382.

ROCHA, R. M. (org.). Artivismos musicais de gênero: bandivas, travestis, gays, drags, trans, não-bináries. Salvador: Devires, 2021.

SANTOS, Boaventura S. **A Universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez, 2004.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **A História da Extensão Universitária**. Campinas, SP: Alínea, 2010.

TESSARI, C. A.; COSTA, Julio Cesar Zorzenon; ONUSIC, L. M.; LEAL NETO, M. O campus Osasco e a EPPEN sob a ótica da Inclusão Social. In: NEMI, Ana; GALLIAN, Dante; MINHOTO, Maria Angélica Pedra (Org.). **Unifesp 25 anos**: História e Reflexões. São Paulo: Editora Unifesp, 2020, v. 1, p. 151-176.

TURNER, Graeme. **British Cultural Studies** – an introduction. Boston: Unwin Hyman, 1990.

UFCA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI. **Plano de Cultura**. Juazeiro do Norte: Universidade Federal do Cariri, 2019. Disponível em: https://documentos.ufca.edu.br/wp-folder/wp-content/uploads/2019/12/CONSUNI-UFCA-Resoluc%CC%A7a%CC%83º-59-2019-Plano-de-Cultura-09.07.19.pdf. Acesso em: 05 dezembro 2021.

UFCA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI. **Relatório de Ações 2019**. Juazeiro do Norte: Universidade Federal do Cariri, 2019.

Disponível em: [https://documentos.ufca.edu.br/wp-folder/wp content/uploads/2020/11/PROCULTUFCA-Relato%CC%81rio-de-Ac%CC%A7o%CC%83es-2019.pdf](https://documentos.ufca.edu.br/wp-folder/wp%20content/uploads/2020/11/PROCULTUFCA-Relato%CC%81rio-de-Ac%CC%A7o%CC%83es-2019.pdf). Acesso em: 6 dez. 2021.

UFCA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI. **Universidade Federal do Cariri**, Juazeiro do Norte, 2020. Disponível em: <https://www.ufca.edu.br/>. Acesso em: 01 dezembro 2021.

UFJF - UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. 2021. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/ufjf/>. Acesso em: 01 dezembro 2021.

UNIFESP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. **Apresentação**. 2014. Disponível em: [https://www.UNIFESP.br/institucional/institucionalsub/apresentacao](https://www.unifesp.br/institucional/institucionalsub/apresentacao). Acesso em: 15 junho 2021.

UNIFESP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. **Recepção 2021**. 2021.
Disponível em: [https://estudantes.UNIFESP.br/recepcao](https://estudantes.unifesp.br/recepcao). Acesso em: 15 junho 2021.

VALENZUELA, J.M. Juvenicidio: Ayotzinapa y las vidas precárias en America Latina y España. José Manuel Valeunzuela (coord.) Barcelona: Ned Ediciones; Guadalajara: ITESO; Tijuana: El Colegio de la Fontera Norte, 2015.

VAN DIJCK, J. **The culture of connectivity**. A critical history of social media. New York: Oxford University Press, 2013.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

ZAIDAN FILHO, M. Juventude, cidadania e globalização: notas para uma agenda político-pedagógica. In: GROPPO, L. A.; ZAIDAN FILHO, M.; MACHADO, O. L (orgs.). **Juventude e Movimento Estudantil**: Ontem e Hoje. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2008.

1. Decreto nº 64.881 de 22 de março de 2020. Disponível em: http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=20200323&Caderno=DOE-I&NumeroPagina=1. [↑](#footnote-ref-1)
2. Evento esportivo e de integração de todos os *campi* da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp. [↑](#footnote-ref-2)
3. GP URBESOM (Culturas urbanas, Música e Comunicação) – do qual sou pesquisadora - ligado ao PPG Comunicação da Universidade Paulista - UNIP, coordenado pela Profa. Dra. Simone Luci Pereira, minha orientadora. [↑](#footnote-ref-3)
4. O Instagram é considerado uma plataforma de rede social baseado no compartilhamento de fotos e vídeos, que permite aos usuários customizar as imagens através de ferramentas de edição com destaque nos filtros. Foi lançado em 2010 e está disponível para os sistemas operacionais Android, iOS e Windows. [↑](#footnote-ref-4)
5. O Observatório Institucional da EPPEN vem trabalhando com a elaboração e produtos que contam os 10 anos história da EPPEN (2011-2021). O Documentário EPPEN: Histórias e Memórias da Primeira Década (2011-2021), disponível em: https://youtu.be/Y4ccSgkY-ag foi lançado em 28 de outubro de 2021 promovendo um debate sobre os 10 anos da EPPEN, disponível em: https://youtu.be/VKrFqMnJo-Q, e um e-book que está em elaboração e deve ser publicado em 2023. [↑](#footnote-ref-5)
6. Política Nacional de juventude: Diretrizes e perspectivas/ Regina Célia Reyes Novaes, Daniel Tojeira Cara, Danilo Moreira da Silva, Fernanda de Carvalho Papa(orgs.). São Paulo: Conselho Nacional de Juventude; Fundação Friedrich Ebert, 2006. [↑](#footnote-ref-6)
7. Anotação em aula ministrada pela Prof.ª Simone Luci Pereira na disciplina Comunicação e etnografias urbanas/virtuais em 04 de março de 2021. [↑](#footnote-ref-7)
8. Um exemplo que temos no Brasil de projetos financiados pelo BID foi a reforma e reestruturação ocorrida em 2014 do prédio que hoje sedia o Centro Cultural de Aracaju. O prédio é localizado onde já foi abrigada a antiga sede da Alfândega, e foi doado à Prefeitura de Aracaju, pela União. [↑](#footnote-ref-8)
9. Disponível em: <https://sistemas.unifesp.br/acad/proec-siex/index.php?page=INS&acao=2&code=18110> [↑](#footnote-ref-9)
10. Para essa discussão utilizamos a tradução dos termos *embedded,* *embodied e everyday* como incorporada, corporificada e cotidiana, presente no artigo traduzido por Carolina Parreiras e Beatriz Accioly Lins. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181370. Acesso em: 15 nov. 2022. [↑](#footnote-ref-10)
11. No início dos anos 1980 foi um imenso sucesso VHS chamado 'Jane Fonda's Workout' protagonizado pela atriz Jane Fonda, que era uma videoaula exercícios físicos. [↑](#footnote-ref-11)
12. A Torai é uma marca de streetwear feita por Nipo descendentes que nasceu de um projeto para uma matéria da EPPEN. Disponível em: https://www.torai.com.br/. [↑](#footnote-ref-12)
13. Dados de 23 de outubro de 2022. [↑](#footnote-ref-13)